



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE SANTA CRUZ – UESC
DEPARTAMENTO DE LETRAS E ARTES – DLA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS: LINGUAGENS E
REPRESENTAÇÕES – PPGLR
MESTRADO EM LETRAS: LINGUAGENS E REPRESENTAÇÕES

DONATO JOSÉ DO PRADO NETO

SEXUALIDADE E EFEITO OBSCENO ENTRE AFAGOS E ACENOS

Ilhéus – BA
Maio/2019

P896 Prado Neto, Donato José do.
Sexualidade e efeito obsceno entre afagos e ace-
nos / Donato José do Prado Neto. – Ilhéus, BA: UESC,
2019.
91 f.

Orientador: André Luis Mitidieri Pereira.
Coorientador: Marcus Antônio Assis Lima.
Dissertação (Mestrado) – Universidade Estadual de
Santa Cruz. Programa de Pós-Graduação em Letras:
Linguagens e Representações.
Referências: f. 88-91.

1. Noll, João Gilberto, 1946-2017 – Crítica e interpre-
tação. 2. Literatura brasileira. 3. Identidade de gênero.
4. Sexualidade. I. Título.

CDD 869.3

DONATO JOSÉ DO PRADO NETO

SEXUALIDADE E EFEITO OBSCENO ENTRE AFAGOS E ACENOS

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras: Linguagens e Representações, da Universidade Estadual de Santa Cruz – UESC, curso de mestrado, como requisito final para a obtenção do grau de Mestre em Letras.

Orientador: Prof. Dr. André Luis Mitidieri Pereira

Coorientador: Prof. Dr. Marcus Antônio Assis Lima

Área de concentração: Estudos da linguagem.

Ilhéus – BA
Maio/2019

DONATO JOSÉ DO PRADO NETO

SEXUALIDADE E EFEITO OBSCENO ENTRE AFAGOS E ACENOS

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras: Linguagens e Representações, da Universidade Estadual de Santa Cruz – UESC, curso de mestrado, como requisito final para a obtenção do grau de Mestre em Letras.

Ilhéus, ____ de _____ de 2019.

Banca Examinadora

Prof. Dr. André Luis Mitidieri Pereira
Orientador – Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC)

Prof. Dr. Marcus Antônio Assis Lima
Coorientador – Universidade do Estado da Bahia (UESB)

Prof. Dr. Fábio Figueiredo Camargo
Universidade Federal de Uberlândia (UFU)

Profa. Dra. Valéria Amim
Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC)

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao Programa de Pós-Graduação em Letras: Linguagens e Representações – PPGLLR, da Universidade Estadual de Santa Cruz – UESC, por, através de sua mui competente equipe gestora, me oportunizar realizar o sonho de fazer um curso *stricto sensu* em nível de mestrado.

Agradeço ao meu orientador, Professor Doutor André Luis Mitidieri, pela orientação firme, responsável, criativa e segura. Também pela confiança depositada neste estrangeiro que fui, pois nunca é tarefa fácil encontrar um caminho, ainda que o da errância. Também pela austeridade intelectual com que conduziu esta escrita.

Ao nobre Prof. Dr. Marcus Antônio Lima, por aceitar gentilmente a missão de me coorientar. Essa contribuição foi muito positiva e agregou-me valores incalculáveis, os quais trago comigo.

Aos professores Dr. Flávio Pereira Camargo e Dr. Marcus Antonio Assis Lima, pelas contribuições durante o exame de qualificação, o que colaborou muito para o aperfeiçoamento deste trabalho. Ao professor Fábio Figueiredo Camargo e à professora Valéria Amim, por aceitarem participar da Banca Examinadora desta Dissertação.

Aos docentes do PPGLLR, pelos maravilhosos ensinamentos e discussões em sala de aula. Certamente tornei-me outra pessoa, após essa experiência. Por certo, fui lapidado de maneira muito profunda e positiva.

Aos colegas de curso que contribuíram para com este trabalho, discutindo comigo as questões pertinentes ao meu tema, me incentivando e indicando bibliografia. À nobre amiga Leila Raposo, pela imprescindível ajuda na revisão textual durante a última fase deste trabalho.

À Prefeitura Municipal de Itamari, na pessoa da Prefeita Pallomma Uzeda, pela compreensão e confiança de me liberar para que eu assistisse às aulas no Mestrado, na certeza de que o meu desempenho profissional não seria comprometido junto à Secretaria de Educação.

Aos meus familiares, pelo apoio e pelo estímulo. E a todos e a todas que, diretamente ou indiretamente contribuíram para a realização desse momento, deixo os meus sinceros agradecimentos. Em especial, à minha amiga Prof.^a Me. Neila Brasil, pela imprescindível motivação. Muito obrigado!

A João Gilberto Noll (*in memoriam*)

Se sou homem ou mulher? Esta pergunta reflete uma obsessão ansiosa do ocidente. Qual? A de querer reduzir a verdade do sexo a um binômio. Eu dedico minha vida a dinamitar esse binômio. Afirmo a multiplicidade infinita do sexo!

PAUL BEATRIZ PRECIADO,
Manifesto contrassexual

PRADO NETO, Donato José do. **Sexualidade e efeito obsceno entre afagos e acenos**. 2019. 92 p. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Letras: Linguagens e Representações. Departamento de Letras e Artes. Universidade Estadual de Santa Cruz – UESC, Ilhéus-BA, 2019.

RESUMO

A partir do romance *Acenos e afagos*, de João Gilberto Noll (2008), estabelecido como *corpus* de análise, busca-se estudar o tema “Sexualidade, efeito obsceno, diversidade sexual e de gênero”. Com base nessa temática, evidencia-se, enquanto problematização, o reconhecimento e a compreensão de possíveis relações entre sexualidade, poder e subjetividade, chegando-se à incidência do efeito obsceno como marca potencialmente distintiva de percepção crítica por parte de quem lê a trama exposta no referido romance. O referido problema conduz ao seguinte objetivo geral: analisar, a partir da reflexão de Michel Foucault, a transição da genealogia do poder repressivo à genealogia da subjetividade, bem como os cinco principais traços dessa representação jurídico-discursiva do poder sobre o sexo: relação negativa, instância da regra, ciclo da interdição, a lógica da censura e a unidade do dispositivo. Os dispositivos de sexualidade, observáveis em *Acenos e afagos*, e ainda a partir do pensamento foucaultiano, conduzem à discussão acerca da linguagem que pode ser considerada obscena, e a questões relacionadas à diversidade sexual e de gênero. Com a finalidade de inter-relacionar os aportes teóricos aqui destacados ao romance *Acenos e afagos* (2008), esta pesquisa tem caráter qualitativo, cunho metodológico essencialmente bibliográfico, e procura compreender quais os significados das relações e *práxis* humanas representadas no universo romanesco, tendo como base os estudos de Foucault (1984; 1988; 1998), Gilles Deleuze (1996), Giorgio Agamben (2009), Eliane Robert de Moraes (1984), Beatriz Preciado (2014), Judith Butler (1997; 2001; 2002), Javier Sáez e Sejo Carrascosa (2012). Por sua vez, no que tange aos resultados esperados/encontrados, destaca-se a necessidade de que narrativas como o *corpus* desse estudo expressem vozes secularmente silenciadas, ganhando visibilidade e, sobretudo, que sejam elementos de resistência. O estudo da obra literária referida proporciona a compreensão de performances que se transitam entre masculino e feminino, incluindo o desejo homossexual de forma nomeada, em que o autor descentraliza o binarismo pênis/vagina e dirige seu olhar a uma terceira via, propondo o ânus como elemento comum aos dois sexos, enquanto forma de resistir e afirmar performances/identidades dissidentes.

Palavras-chave: Literatura brasileira. João Gilberto Noll. Diversidade sexual e de gênero.

PRADO NETO, Donato José do. **Sexualidade e efeito obsceno entre afagos e acenos**. 2019. 92 p. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Letras: Linguagens e Representações. Departamento de Letras e Artes. Universidade Estadual de Santa Cruz – UESC, Ilhéus-BA, 2019.

RESUMEN

A partir de la novela *Acenos e afagos*, de João Gilberto Noll (2008), establecida como *corpus* de análisis, se busca estudiar el tema "Sexualidad, efecto obsceno, diversidad sexual y de género". Con base en esa temática, se evidencia, cómo problematización, el reconocimiento y la comprensión de posibles relaciones entre sexualidad, poder y subjetividad, llegándose a la incidencia del efecto obsceno como marca potencialmente distintiva de percepción crítica por parte de quien lee la trama expuesta en la referida novela. Ese problema conduce al siguiente objetivo general: analizar, a partir de la reflexión de Michel Foucault, la transición de la genealogía del poder represivo a la genealogía de la subjetividad, así como los cinco principales rasgos de esa representación jurídico-discursiva del poder sobre el sexo: la relación negativa, la instancia de la regla, el ciclo de lo prohibido, la lógica de la censura y la unidad de dispositivo. El dispositivo de sexualidad, observable en *Acenos y afagos*, y aún a partir del pensamiento foucaultiano, lleva a la discusión acerca del lenguaje que puede ser considerado obsceno, y a cuestiones relacionadas a la diversidad sexual y de género. Con el fin de entrecruzar los aportes teóricos aquí destacados a la novela *Acenos y afagos* (2008), esta investigación tiene carácter cualitativo, cuño metodológico esencialmente bibliográfico, y busca comprender cuáles son los significados de las relaciones y praxis humanas representadas en el universo novelesco, basándose en los estudios de Foucault (1984; 1988; 1998), Gilles Deleuze (1996), Giorgio Agamben (2009), Eliane Robert de Moraes (1984), Beatriz Preciado (2014), Judith Butler (1997; 2001; 2002), Javier Sáez y Sejo Carrascosa (2012). Por su parte, en lo que se refiere a los resultados esperados / encontrados, se destacó la necesidad de que narrativas como el *corpus* de esta investigación expresen voces secularmente silenciadas, ganando visibilidad y, sobre todo, que sean elementos de resistencia. El estudio de la referida obra literaria proporciona la comprensión de performances que transitan entre masculino y femenino, incluyendo el deseo homosexual de forma nombrada, por medio de lo cual, el autor descentraliza el binarismo pene/ vagina y una mirada y, con eso, lanza su mirada a una tercera vía, proponiendo el ano como elemento común a los dos sexos, en cuanto forma de resistir y de afirmar performances / identidades disidentes.

Palabras-clave: Literatura brasileña. João Gilberto Noll. Diversidad sexual y de género

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	10
2	PODER E SEXUALIDADE ENTRE AFAGOS E ACENOS.....	16
2.1	Da infância ao submarino alemão: relação negativa, instância da regra e ciclo da interdição.....	16
2.2	Nas confissões e na transformação do imaculado, censura e proliferação discursiva acerca do sexo.....	28
3	DISPOSITIVO, SUBJETIVIDADE, (IN)SUBMISSÕES.....	40
3.1	O uso dos prazeres e as miúdas circunferências.....	40
3.2	Corpos (in)dóceis, transgressões e outras (res)suscitações.....	50
4	AFAGOS, ACENOS, (OBS)CENOS.....	64
4.1	Fora de cena: obscenidade, pornografia, erotismo.....	64
4.2	<i>Personas</i> e personagem-narradora: performatividade, defalocentrismo, contrassexualidade	73
	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	83
	REFERÊNCIAS.....	88

1 INTRODUÇÃO

Acenos e afagos (2008), obra literária publicada por João Gilberto Noll (1946-2017) estrutura-se em um único longo parágrafo, apresentando a trajetória do fazendeiro João Imaculado, personagem-narrador, desde a infância à ressurreição, sem cronologia a ditar o ritmo do texto. O narrador implicitamente convida o leitor a acompanhar suas memórias, aventuras e incursões por um mundo de prazer, sexo e obscenidades. Contudo, nesse ponto, é possível questionar: o que seria mesmo o obsceno? Quais costumes, condutas e comportamentos o definiriam? Quem assim os consideraria? Interessa, ainda: poderia ser o obsceno uma forma de resistência às normatizações regulatórias da sexualidade?

Noll, autor sul-rio-grandense, ganhador de inúmeros prêmios literários e consolidado na literatura brasileira como uma voz dissonante relacionada à sexualidade, auxilia a pensar sobre tais relações nessa obra literária que, dentre outros pontos, permite questionar os binarismos sociais e de gênero, a partir da narrativa de corpos em trânsito. De modo mais específico, o romance possibilita estudar o tema “Sexualidade, efeito obsceno, diversidade sexual e de gênero”. Com base nessa temática, evidencia-se, como problematização, o interesse em reconhecer e compreender o que de fato pode ser considerado obscenidade, sobretudo em relação à incidência do efeito obsceno enquanto marca potencialmente distintiva de percepção crítica por parte de quem lê a trama exposta no referido romance.

Embora a narrativa seja composta por apenas um grande parágrafo repleto de experiências libidinosas e que reverberam o sexo, é possível desconjuntá-lo em duas partes, ou seja, a primeira e a segunda vida (ou vidas) de João Imaculado, que morre e renasce, tendo como base a transitoriedade do corpo, por meio de seus “acertos” e “desacertos”, inquietudes e experiências. A primeira grande parte descreve o protagonista ainda casado, mas com uma vida libertina e sem algemas morais, em busca de parceiros sexuais em Porto Alegre, ainda que já vivenciasse uma paixão pelo seu amigo de infância, o engenheiro. Já no segundo momento, numa dessas aventuras sexuais, é agredido e assassinado por um garoto de programa. Como que por ironia, numa espécie de quimera, o seu amigo lhe ressuscita e lhe proporciona nova vida. Assim, passam a conviver na região central do Brasil, sendo o narrador-personagem metamorfoseado em figura feminina.

A partir daí, ele, que continua morto para a família e para os afazeres da fazenda que administra, passa a viver exclusivamente para a sua relação com o engenheiro, embarcando numa jornada envolta por profundo transformismo da sua personalidade. Isso inclui destacadamente as mudanças ocasionadas pelas diferentes fases em sua sexualidade, considerando as transformações que vivencia enquanto sujeito, no que concerne ao corpo, ao gênero, à identidade e aos seus desejos (SILVA, 2010).

Ao longo das 206 páginas, em um campo linguístico que destaca as zonas erógenas do corpo e a semântica das relações sexuais, a exemplo de expressões como bronha, foda, pau, pinto, peru, cu, foder, gozar, brocha, caralho, punheta, veado etc., opositivamente, constitui-se um vocabulário que se inter-relaciona e, por vezes, complementa a esse grupo temático: a semântica sacrossanta do âmbito religioso. Nos jogos de linguagem que constituem o romance, Noll (2008) desvela um campo imagético no qual, constantemente, o libidinoso e o sagrado se complementam, bem como o autoritário e o subjetivo, em cujos desenlaces são questionados o poder sobre o sexo e sobre a singularidade dos sujeitos frente às convenções sociais – sendo estas frequentemente burladas por estratégias de resistência e enfrentamentos a tais normas.

É em meio a essa narrativa instintiva e libidinosa que se incursiona esta dissertação, com o objetivo de demonstrar, na reflexão de Michel Foucault (1988), a transição da “genealogia do poder” à “genealogia da subjetividade”, para observar, num segundo momento, o dispositivo de sexualidade, observável em *Acenos e afagos*, e o “efeito obsceno”, conforme pensado por Eliane Robert de Moraes (2003). Igualmente, objetiva-se apresentar possíveis conceitos de obscenidade e pornografia, relacionando-os à censura velada e/ou explícita apresentada nessa narrativa. Além disso, busca-se também discutir, a partir do referido *corpus*, os agenciamentos no que tangem às performatizações de gênero, aliadas à “contrassexualidade”, inseridas, pois, no campo da diversidade sexual e de gênero.

Sobre a centralidade que o poder ocuparia nos trabalhos de Foucault, Roberto Machado (2007) destaca, como uma das suas peculiaridades, não ter desenvolvido metodologia rigorosa de investigação, marcando-se, do contrário, pela provisoriedade:

Foucault está sempre em constante mutação. É inegável a existência de uma mudança, de uma passagem sem continuidade da **arqueologia dos saberes à genealogia dos poderes**. E essa mudança é evidente em seu próprio pensamento genealógico, como uma passagem de uma **genealogia do poder a uma genealogia da subjetividade**. O que começou como uma pesquisa sobre os mecanismos de sujeição converteu-se numa investigação bem diferente – e também original – sobre os modos de subjetivação (p. 20, grifos nossos).

Num primeiro momento, assinalado pelos livros *Nascimento da clínica* [1963], *As palavras e as coisas – uma arqueologia das ciências humanas* [1966] e *A Arqueologia do Saber* [1969], Foucault defendia, grosso modo, a distinção entre a história do saber (ou arqueologia dos saberes) e a história das ideias, “[...] disciplina dos começos e dos fins, a descrição das continuidades obscuras e dos retornos, a reconstituição dos desenvolvimentos na forma linear da história” (FOUCAULT, 2008, p. 156.) Por sua vez, a primeira investigaria os sistemas de pensamento, utilizando as práticas discursivas como instrumento de análise: “[...] a descrição arqueológica é precisamente o abandono da história das ideias, recusa sistemática de seus postulados e de seus procedimentos, tentativa de fazer uma história inteiramente diferente daquilo que os homens disseram” (FOUCAULT, 2008, p.156).

A passagem da arqueologia dos poderes à genealogia dos poderes pode ser notada em *A verdade e as formas jurídicas* [1973] – curso proferido em 1971 –, *Vigiar e punir* [1975], *História da sexualidade I: a vontade de saber* [1984]. De acordo com Machado (2007, p. 42):

Foucault continuou – contra todas as expectativas – em busca da descontinuidade capaz de assinalar o nascimento de uma nova experiência do sexo. E descobriu que só poderia realizar seu projeto de maneira radical ao contrapor a moderna hermenêutica do desejo à estética do prazer existente na Antiguidade grega e romana.

Tal inquietação fez com que fosse pesquisar, no segundo volume da *História da sexualidade*, intitulado *O uso dos prazeres* (FOUCAULT, 1984), de que maneira:

[...] a atividade sexual se constitui como domínio de prática moral e como modo de subjetivação característicos do projeto de uma ‘estratégia da existência’, isto é, de uma moral estética, em que se elabora a própria vida como obra de arte, em que se governa a própria vida para lhe dar a mais bela forma possível (MACHADO, 2007, p. 42).

O terceiro volume da referida obra foucaultiana, *O cuidado de si* [1984], analisa a arte da existência criada pelos gregos durante os séculos I e II d.C., diferenciando os modos de subjetivação verificados nesse período dos que se desenvolveram durante o cristianismo. Assim, a partir dos dois últimos volumes até então publicados da *História da sexualidade*, a pesquisa antes voltada aos mecanismos de sujeição tomava rumo bastante diferente e se concentrava nos modos de subjetivação.

Jean-François Bert (2013) observa que, diante da vastidão de temas abordados por Foucault, esse preocupou-se constantemente em sublinhar duas linhas de força recorrentes em suas investigações, buscando reinterpretar o próprio percurso intelectual que, segundo ele, transitaria por dois modos fundamentais:

[...] em função das questões que enfrentava naquele momento preciso, inscrevendo seus trabalhos em um mesmo programa de pesquisa, até em um mesmo sistema de pensamento. Noutras vezes, ele afirma que alguns questionamentos sempre animaram suas reflexões e suas pesquisas, de maneira a simplesmente proclamar ter falado sempre a mesma coisa (BERT, 2013, p. 27).

Em entrevista concedida a Paul Rabinow e Paul Dreyfus, o filósofo francês declara que a genealogia reside em três domínios possíveis:

Primeiro, uma ontologia histórica de nós mesmos em relação à verdade através da qual nos constituímos como sujeitos de saber; segundo, uma ontologia histórica de nós mesmos em relação a um campo de poder através do qual nos constituímos como sujeitos de ação sobre os outros; terceiro, uma ontologia histórica em relação à ética através da qual nos constituímos como agentes morais (FOUCAULT, 1995, p. 262).

Todos esses eixos estariam contemplados, ainda que confusamente, na *História da loucura* [1961] e cada um deles seria desenvolvido em livros posteriores, conforme já detalhado. Quanto à genealogia do poder, na qual se encontra uma parte da *História da sexualidade*, consiste basicamente em:

[...] rejeitar a identificação entre poder e Estado, dando importância aos micropoderes, à rede de poderes moleculares estendida por toda a sociedade [...]; caracterizar o poder não apenas como repressivo, negativo, destruidor, mas também como disciplinar, positivo, produtivo, normalizador; analisar o saber como peça de um dispositivo político que o produz e é intensificado por ele; defender as resistências, específicas e contemporâneas dos variados

dispositivos de poder; como modo de recusar a dominação burguesa que os próprios saberes sobre o homem ajudaram a criar e a aperfeiçoar (MACHADO, 2007, p. 38).

No intuito de correlacionar as linhas teóricas foucaultianas aqui brevemente expostas ao romance *Acenos e afagos* (2008), esta pesquisa tem, pois, caráter qualitativo, cunho metodológico essencialmente bibliográfico e procura compreender quais os significados das relações e *práxis* humanas no universo romanesco. Todos esses significados se constituem como o estudo perceptível, possibilitando a compreensão de sua importância, suas motivações e atitudes (MINAYO, 2002). Estruturalmente, está dividida em quatro capítulos, contados a partir da presente seção, na qual é introduzido o assunto tratado, situando-o a partir de definições e provocações gerais, bem como da apresentação geral do romance e da escrita de Noll. Igualmente, são apresentados, de forma mais específica, o tema, o problema, objetivos e metodologia desta pesquisa, além de destacar que, no cenário teórico, são aportes fundamentais do presente estudo: Foucault (1984; 1988; 1998), Gilles Deleuze (1996); Giorgio Agamben (2009); Moraes (2003), Beatriz Preciado (2014). Judith Butler (1997; 2001; 2002), Javier Sáez e Sejo Carrascosa (2012).

Por sua vez, o segundo capítulo, intitulado “Poder e sexualidade entre afagos e acenos”, busca analisar como o romance em estudo pode demonstrar, a par do pensamento foucaultiano, uma genealogia do poder e da moral, assente nas relações concretizadas pelo discurso (FOUCAULT, 1988). Observa-se, de forma mais específica, a representação jurídico-discursiva do poder sobre o sexo, procurando analisar, no *corpus* selecionado, quatro dos seus elementos: a) relação negativa; b) a instância da regra, c) o ciclo da interdição, d) a lógica da censura.

O quinto elemento – a unidade do dispositivo – é contemplado no capítulo terceiro, intitulado “Dispositivo, subjetividade, (in)submissões”. Mais especificamente, analisou-se, a partir do *corpus* de estudo, o desvelamento de estratégias de resistência, conjugadas à genealogia da subjetividade, enquanto enfrentamento aos ditames de controle dos corpos e da sexualidade (FOUCAULT, 1984) Para tanto, usou-se a teoria foucaultiana, com os aportes de Agamben (2009) e Deleuze (1996), discutindo o que é um dispositivo de sexualidade e uma genealogia das práticas que possibilitaram aos indivíduos prestar atenção em si mesmos no afã de melhor se compreenderem enquanto sujeitos de desejo. Também versou-se sobre

as Linhas de Subjetivação, as dimensões de um dispositivo e as regras em torno do poder exercido sobre o sexo.

Já o quarto capítulo, “Afangos, acenos, (obs)cenos”, relaciona a linguagem escrita com o “efeito obsceno” (MORAES, 2003) e visa, para além de conceituar tal efeito no primor estético e temático do referido romance, destacar em *Acenos e afagos* como se dá a construção da obscenidade enquanto recurso estético. Assim, o efeito obsceno seria uma espécie de sensação relativa e subordinada à ideia de que cada ser, grupo ou povo dispõe quanto a uma situação específica. Isso tem relação com a reflexão de Foucault (1984; 1988; 1998) acerca dos dispositivos, em especial, sobre a questão pertinente às Linhas de Subjetivação, e com os desenvolvimentos teóricos de Butler (2001; 2002; 2003), Preciado (2014) e Sáez; Carrascosa (2012).

Por fim, nas Considerações Finais, são retomadas as diretrizes de estudo, no intuito de que sejam verificadas as discussões empreendidas, no intuito de compreender que o percurso eleito por Noll auxilia para que sejam empreendidos necessários debates nos estudos da diversidade sexual e de gênero e, sobretudo, das relações sociais. Especialmente, no que tange àqueles comportamentos que tentam normatizar e homogeneizar as vivências dissidentes, contrapondo-se às liberdades e subjetividades de que cada um possa ser como deseja.

2 PODER E SEXUALIDADE ENTRE AFAGOS E ACENOS

2.1 Da infância ao submarino alemão: relação negativa, instância da regra e ciclo da interdição

A incansável busca por sexo é perceptível em *Acenos e afagos*, de João Gilberto Noll (2008), desde os reveladores acontecimentos destacados na infância do protagonista, e também narrador, João Imaculado, até a sua morte e ressurreição. O correlacionamento entre a prática moral condenatória da subjetividade e a realização de ações, furtivas ou não, capazes de levarem o ser humano à felicidade, pode ser notado a partir do momento em que, embora vivenciasse contextos altamente repressores ao logo de sua vida, o narrador-personagem não se furta a viver as experiências desejadas. Para isso, às vezes, ele precisa encontrar subterfúgios, especialmente, em meio aos trânsitos fluidos de diversa identidade, dividido entre um comportamento predestinado, alinhado ao domínio da prática moral, e a liberdade de poder ser e agir.

A personagem central transita pelos caminhos da reinvenção existencial, numa constante luta entre os desejos e aquilo que a prática social e a moral tentam lhe impor. Ora se vale de um confronto, ora de uma complementaridade, entre o sexual e o religioso, numa espécie de estratégia destinada a assinalar que, em concepção religiosa, o sexo em si pode ser considerado sagrado e cercado de pudores, moralidades, normas. Em várias ocasiões, entretanto, seus pensamentos fogem a uma concepção de sexualidade normatizada pelo jugo da moral e dos padrões impostos socialmente, como no seguinte trecho:

Os corpos a que eu estaria renunciando não pesariam. Fecharia os olhos sobre o corpo de minha fêmea e imaginaria estar fodendo com a carne do mundo inteiro. **Eu fora feito para essa epopeia libidinal.** Copularia com todos os meus parceiros em um só corpo e em uma só vez – e eventualmente com parceiras e tantos outros bichos mais (p. 48, grifo nosso)¹.

No trecho grifado, observa-se não apenas a entrega ao sexo, mas até mesmo a assunção de um tipo de predestinação, quando o protagonista se vê como quem

¹ NOLL, João Gilberto. *Acenos e afagos*. Rio de Janeiro: Record, 2008. p. 48. Todas as demais citações referentes ao romance de Noll, aqui analisado, foram retiradas dessa edição, e doravante passarão a ser indicadas por AEA, em referência ao seu título, com o número das respectivas páginas.

fora concebido para uma finalidade — epopeia da libido — a qual se dá com um e todos os corpos, de identidades diversas, desde os parceiros habituais a até mesmo os bichos, como a reiterar a noção da disponibilidade e da abertura às atividades sexuais. Ele se mostra aqui para além dos tabus ou da repressão, porém, em alguns momentos da trama da trama, à revelia da sua amoralidade, parece advertir-se por um senso repressor implícito.

Torna-se, então, importante ponderar que, de acordo com a filósofa brasileira Marilena Chauí (1984), a repressão delimita “[...] um conjunto de interdições, permissões, normas, valores, regras, estabelecidos histórica e culturalmente para controlar o exercício da sexualidade” (p. 9). Por sua vez, Michel Foucault (1998), em *História da sexualidade I: A vontade de saber*, afirma: “[...] no início do século XVII ainda vigorava certa franqueza, as práticas não procuravam o segredo; as palavras eram ditas sem reticência excessiva e, as coisas, sem demasiado disfarce” (p. 9).

Havia, pois, determinada relação de tolerante familiaridade com o discurso em torno da sexualidade. Os códigos da obscenidade, decência ou mesmo do que se poderia considerar grosseiro eram mais flexíveis se comparados aos do século XIX:

Um rápido crepúsculo se teria seguido à luz meridiana, até as noites monótonas da burguesia vitoriana. A sexualidade é, então, cuidadosamente encerrada. Muda-se para dentro de casa. A família conjugal a confisca. E absorve-a, inteiramente, na seriedade da função de reproduzir. Em torno do sexo, se cala. O casal, legítimo e procriador, dita a lei. Impõe-se como modelo, faz reinar a norma, detém a verdade, guarda o direito de falar, reservando-se o princípio do segredo. No espaço social, como no coração de cada moradia, um único lugar de sexualidade reconhecida, mas utilitário e fecundo: o quarto dos pais. Ao que sobra só resta encobrir-se; o decoro das atitudes esconde os corpos, a decência das palavras limpa os discursos. E se o estéril insiste, e se mostra demasiadamente, vira anormal: receberá este status e deverá pagar as sanções (FOUCAULT, 1988, p. 09).

Foucault rebate ideias, sobretudo, do psicanalista austríaco Wilhelm Reich (1897-1957) e do sociólogo e filósofo alemão Herbert Marcuse (1898-1979), sobre a repressão sexual atrelar-se ao desenvolvimento do capitalismo, ou seja, sob a influência da ordem burguesa, quando exploraria sistematicamente a força de trabalho. Segundo esses estudiosos, não se tolerava que trabalhadores desperdiçassem força e energia com prazeres que não fossem aqueles estritamente voltados à reprodução. Entretanto, as limitações, as sanções e os silêncios sofridos pelo discurso acerca do sexo parecem ultrapassar a denominada “hipótese

repressiva” que, negada por Foucault (1988) de certa forma, não deixa de ser por ele também afirmada, embora apenas parcialmente.

Como esclarece Roberto Machado (2007), a hipótese foucaultiana, em *A vontade de saber*, é a seguinte:

[...] com o surgimento do capitalismo, em vez de a repressão sexual atingir mais fortemente a classe operária para aumentar sua força de trabalho, o controle da sexualidade atingiu primeiro a burguesia, e isso por dispositivos normalizadores, e não propriamente repressivos. Estamos em presença mais de uma expressão do que de uma repressão, de uma vontade de saber sobre a sexualidade, peça das estratégias de controle dos indivíduos e das populações características das sociedades modernas (p. 41).

Durante o desenvolvimento do presente capítulo, busca-se verificar no romance destacado, principalmente, como a “analítica do poder” torna possível definir qual o domínio distintivo desenvolvido pelas relações que engendra e o estabelecimento dos instrumentos capazes de identificá-lo. Para tanto, faz-se necessário considerar determinada representação do poder, denominada por Foucault (1988) de “jurídico-discursiva”, que se caracteriza por sistematizar a temática da repressão e a teoria da lei:

[...] o que distingue uma análise da outra, a que é feita em termos de repressão dos instintos e a que se faz em termos de lei do desejo é, certamente, a maneira de conceber a natureza e a dinâmica das pulsões; não é a maneira de conceber o poder (FOUCAULT, 1988, p. 80).

Foucault (1988) enumera os cinco principais traços dessa representação jurídico-discursiva do poder sobre o sexo: a) relação negativa; b) instância da regra, c) ciclo da interdição, d) a lógica da censura; e) unidade do dispositivo. Na relação negativa, o poder se exerce por meio de mascaramento, recusa, rejeição, barragem e exclusão, pois a única coisa que consegue fazer contra a sexualidade é dizer-lhe não. Já no tocante à instância da regra, o poder basicamente determina a lei pertinente ao sexo — o que implica reduzi-lo ao binarismo: proibido *versus* permitido e lícito *versus* ilícito —, todavia, impõe um “édito” que opera também como um método de inteligibilidade, isto é, o sexo torna-se compreensível a partir de sua relação com os procedimentos legais; em síntese, o poder atua pronunciando a regra.

Na obra literária analisada nesta dissertação, a relação negativa pode ser encontrada no antagonismo entre a nomeação do protagonista e seu significado

histórico: João é um nome bíblico, identifica diversos santos da tradição católica, inclusive, o apóstolo predileto do Cristo; de origem hebraica, significa cheio de graça e misericordioso, o que lhe atribui alto grau no âmbito religioso. Contudo, Noll enfatiza a fragilidade identitária do indivíduo que, mesmo nomeado em alusão a figuras de reconhecida importância histórico-religiosa, preza pelo anonimato, desprende-se dessa singularidade e inverte o sentido concernente a certo e errado, puro e maculado, santo e profano, incorporando-se numa personagem amoral (JIMENEZ, 2011).

As características de João Imaculado que questionam esses pares opostos se apresentam desde logo no texto analisado, quando demonstra a intensidade com que lhe afeta perceber a proximidade do ânus do seu coleguinha de infância, em brincadeira desprezível no corredor do consultório de um dentista:

De repente, aflito, trêmulo, o guri me trouxe o cu para perto da minha boca. O cu cheirava, um cheiro de intimidade abusiva, mas não havia como desdenhar essa intimidade, pois era justamente ali que eu viajava inebriado no mais secreto dele, sem nada pedir ou oferecer, sem nada pensar. Eu solenemente **escondia** dele o meu envolvimento com o seu cu. Era justamente ali que a vontade de se misturar mais me tomava. Cheguei bem perto e lambi. Ele estremeceu (AEA, p. 10, grifo nosso).

Ainda que não tenha havido consumação de um ato sexual entre os dois garotos, torna-se recorrente, ao narrador-personagem, a lembrança do contato com o corpo do menino que posteriormente se tornaria seu companheiro — o engenheiro — com quem mais tarde passaria a viver. Nesse momento, o “imaculado” se amolda ao papel daquele que não tem mácula, ou seja, não pratica a maldade em si, pois suplanta a imoralidade e se projeta como um ente amoral. Em contrapartida, a passagem já indicia a disponibilidade do protagonista para o fácil envolvimento com questões libidinosas, o que se transformaria na busca incansável pelo sexo.

O clima que cerca toda a cena do enredo, tanto na citação antecedente quanto na posterior, sugere um tipo de mascaramento, quando a personagem declara que tentava ocultar o seu desejo pelo cu do coleguinha, tal como observa-se: “Fomos abaixando nossas calças curtas e ficamos de joelhos, um de costas para os outros. Essa posição, talvez, servisse para nos camuflar um pouco diante de algum brusco olho com bom trânsito no prédio” (AEA, p. 08). A seguinte passagem

também implica rejeição do outro menino às potenciais ações de João Imaculado e uma reação negativa à prática sexual:

Então o guri que me esmagava **desenhou o gesto de me estrangular** e então enfiei a mão por entre os corpos e peguei com gana o pau dele duro. **Foi o que bastou para ele retirar seu peso de cima do meu corpo ainda franzino.** Soltos agora daquele enrijecido abraço, suspirávamos em quase gemidos. O ruído aflito da broca não cessava. A possibilidade de sermos pilhados pelo dentista mais dramatizava o sentimento meio fosco **entre o gozo e sua imediata negação.** Para fugirmos do dilema, lutávamos, lutávamos sempre mais, rolávamos [...] (AEA, p. 08, grifos nossos).

O encontro entre João e o seu amigo no consultório de um dentista começa a desvelar para o leitor a cumplicidade a se estabelecer entre ambos, ainda que constantemente marcada pela tensão entre a negativa do sexo, o desejo e a repulsa. A esse jogo, acrescenta-se o componente da censura, o cerceamento de como deveriam se comportar socialmente. A passagem do texto evidencia que a possibilidade de serem vistos juntos, atracados, sentindo um misto de prazer e rejeição em estarem daquele modo, levava-os a disfarçarem e, assim, entravam em constante luta, para fugirem do dilema no qual se viam enredados. Era preciso camuflar o que sentiam, negar a atração, como lhes fora ensinado e, por isso, buscavam fugir tanto ao possível flagra do dentista quanto ao olhar de outra pessoa.

A possibilidade de serem flagrados também os excitava, pois eles narram: “Contávamos com a ameaça de o dentista abrir a porta a qualquer momento e nos flagrar no árduo impasse carnal. O perigo constituía-se num ingrediente tentador a mais para um novo arranque do erotismo naquela dispersão erógena da infância” (AEA, p. 9-10). Apresenta-se, assim, a recriminação enquanto elemento que tanto evidenciava a negação do sexo quanto propulsionava o desejo. Como forma de burlar a condenação do seu comportamento e o ensinamento de “[...] que o sexo deveria ser feito entre um homem e uma mulher, e que dessa luta em meio aos lençóis se gestaria a criança” (AEA, p. 9), João e seu amigo se tornavam cúmplices na intimidade do prazer. Para isso, adotavam a negação, a luta, o disfarce, mas sentiam o latente desejo a uni-los, a partir das experiências de crianças que começavam a conhecer o próprio corpo e o do outro.

Assim, os mecanismos de controle alcançavam o senso de moralidade das crianças, inculcando-lhes medos e inseguranças. Em outro trecho do romance analisado, o sexo, paulatinamente experienciado, e também acessado por meio de

texto, corre o risco de ser barrado, não por um fato, mas passível de ocorrer, ou seja, negativado previamente na imaginação dos meninos:

Éramos moleques que se reinventavam a cada sinal de puberdade. Meu pai me dera um livro sobre as coisas do sexo, cujo autor, João Mohana, pontificava como padreco que era. Nunca punhetei tanto quanto durante a leitura desse manual. Várias páginas manchadas pelos jatos da minha grande novidade da época –, sim, o sêmen. O fato de estar ali, de pinto duro, não poderia ter sido previsto, mas agora acontecia, e ninguém se dava conta se era um disparate ou simplesmente uma iniciação ao transe. Comparávamos nossos cacetes: eu com uma glândula ainda renitente para sair do ninho do prepúcio, e o meu colega exibindo um pau com a glândula liberta do prepúcio, glândula orgulhosa em tons de rosa e roxo. Contávamos com a ameaça de o dentista abrir a porta a qualquer momento e nos flagrar no árduo impasse carnal (AEA, p. 09).

O traço normatizador do texto, visto conjugar sexualidade na perspectiva de um autor religioso, mais desperta o desejo e a vontade da masturbação do que, especificamente, o controle corporal e sexual desejado. Ao denominar Mohana como um “padreco”, João permite entrever que, para ele, as lições apresentadas não fariam necessariamente sentido, dado o deboche com que trata o autor do livro, bem como pelo fato de deixar o manual todo manchado de sêmen e pela situação no consultório do dentista, a qual se entende que ocorreu justamente no mesmo período da leitura indicada pelo pai.

O caráter transgressor das normas apresentadas pelo religioso logo se percebe também pelo inusitado da situação: estavam os dois garotos a comparar o tamanho dos pênis, porém, excitados com o contexto e, com o desenrolar do romance, os membros excitados mais indicavam uma “iniciação ao transe” do que um “disparate”. Contudo, o fato de o pai entregar um livro desse tipo para o filho já delineia o cerceamento quanto à subjetividade do garoto, visto que um dos intuitos disso seria o conhecimento da sexualidade pelo viés do padre-autor.

O manual de João Mohana² possivelmente seja *Namoro é isto* ou *A vida sexual dos solteiros*, pois o narrador-personagem informa tê-lo recebido como um tutorial de masculinidade, o que implica cuidado (ou omissão) em relação à vida sexual do garoto. Talvez denote uma preocupação com os sinais de que seu filho

² João Miguel Mohana, foi um padre e médico maranhense, que iniciou sua carreira como escritor no meado do século XX. Escreveu romance, mas também versou sobre sexualidade, vida religiosa, psicologia, peças teatrais dentre outras coisas. Especificamente na área de sexualidade escreveu: *A vida sexual dos solteiros e casados*, *Ajustamento conjugal*, *Casar para crescer*, *Não basta amar para ser feliz no casamento*, *A vida afetiva dos que não se casam* e *Namoro é isto*.

não se (con)formasse³ com a limitação imposta, ainda que exercida de forma tácita, por ser uma criança. A presença da moral cristã, qual fantasma aterrorizador, é perceptível tanto naquela espécie de guia para uma conduta sexual aceitável a fim de se viver em sociedade, quanto na apreensão que funciona, para os meninos, como possibilidade, sempre anunciada, de recusar o sexo.

Se a recusa, a rejeição, a barragem e o mascaramento não bastam para obstar o sexo e o “uso dos prazeres”, no que concerne à instância da regra, o poder age pronunciando-a, isto é, por intermédio da linguagem, “[...] ou melhor, por um ato de discurso que criaria, pelo próprio fato de se enunciar, um estado de direito” (FOUCAULT, 1988, p. 81). Embora possa atrelar-se ao mecanismo simples que se move, segundo a lei, pela proibição, pela censura, pela coação e pela submissão, a sexualidade, entretanto, sujeita-se a algumas concessões:

Se for mesmo preciso dar lugar às sexualidades ilegítimas, que vão incomodar noutro lugar: que incomodem lá onde possam ser reinscritas, senão nos circuitos da produção, pelo menos nos do lucro. O *rendez-vous* e a casa de saúde serão tais lugares de tolerância: a prostituta, o cliente, o rufião, o psiquiatra e sua histérica [...]; as palavras, os gestos, então autorizados em surdina, trocam-se nesses lugares a preço alto. Somente aí o sexo selvagem teria direito a algumas das formas do real, mas bem insularizadas, e a tipos de discurso clandestinos, circunscritos, codificados. Fora desses lugares, o puritanismo moderno teria imposto seu tríplice decreto de interdição, inexistência e mutismo (FOUCAULT, 1988, p. 10).

Quanto ao último desses aspectos, no submarino alemão – espaço destinado à prática da orgia, sob a fachada de uma viagem –, os atos realizados em surdina tinham o aval coletivo, conferido pelo costume capaz de safá-los da censura ou da punição por quaisquer manifestações relacionadas à homossexualidade. A escotilha servia como portal de acesso a um mundo que diferia completamente do cotidiano de cada um deles. Isso, em certa medida, já ocorria em alguns nichos sociais urbanos, mas de formas veladas, circunscritas a códigos verbais e não-verbais:

Passávamos as noites no então Bar ‘Torpedo’, de um italiano conhecido da turma, situado nos arredores da Praça da Alfândega, na época uma praça razoavelmente cândida. Nos considerávamos o que então se chamava de ‘entendido’. Sempre gostei dessa palavra, pois dava a ideia de idílios secretos, só para iniciados, vividos nos

³ Segundo Nascentes (1952), a etimologia da palavra “conformar” vem do Latim *conformare* (de COM, “junto”, mais FORMARE, “dar forma”). Igual a determinadas peças que são forjadas com a mesma fôrma.

subterrâneos de certas madrugadas. 'Entendido' poderia designar também aqueles que na claridade do dia eram vistos como machos integrais, noivos até, acima de qualquer suspeita. Mas nas horas submersas lá iam provar do pote ansiado (AEA, p. 22).

Importa notar nessa citação algumas analogias entre o submarino e os “loais para entendidos”, gíria utilizada na segunda metade do século XX para se referir a homossexuais. O estabelecimento nomeado como “Torpedo” remete a um engenho explosivo comum naquelas embarcações navais e, ao pertencer a um italiano, faz menção indireta ao fascismo e sua ligação com o nazismo germânico. Por sua vez, a Praça da Alfândega traz explícito, em seu nome, o lugar por onde começa ou termina toda viagem marítima que ultrapassa o limite exterior de um dado mar territorial. Também é possível considerar a palavra “subterrânea” como antônima a “submarino”, indicando os antagonismos envolvidos em cada um de tais espaços em que os impulsos sexuais precisariam invariavelmente de “certas madrugadas” ou do breu do fundo do mar, isto é, de obscurecimentos que escapassem aos olhares intolerantes e até incapazes de compreendê-los.

A seguinte passagem reforça a antinomia entre atos realizados na superfície urbana e lugares abaixo da terra, utilizados para as práticas sexuais, cujas pressupostas escuridões se contrapõem à claridade da projeção fílmica, recuperando outra similaridade observada na citação anterior:

[...] sentando vi que projetavam um filme acerca de certas milícias ambigualmente nazistas. Essas milícias noturnas incendiavam bancos judeus, livros, teatros, tudo. Mas depois do serviço se metiam em buracos. Dirigiam-se a locais debaixo de pontes, ruelas úmidas sem saída, esgotos habitados por ratazanas ou homens com desejos inexprimíveis e muitos hotéis de orgias lacerantes. Aventuravam-se pelas madrugadas sempre no intuito de explorarem um o corpo do outro (AEA, p. 24-25).

O fragmento textual permite explorar a dualidade das ações nazistas: durante o dia, investidas de seus símbolos, a exemplo das suásticas e do fardamento, bem como guiadas por uma ideologia de suposta pureza racial, as milícias agiam em nome de um ideal, como forma de vigiar, punir e “purificar” tudo aquilo que fosse visto como contrário ao arianismo. Contudo, durante as noites, por caminhos escusos, escondiam-se por baixo da terra para buscarem o próprio desejo que tanto

condenavam, considerando o fato de que muitos homossexuais foram assassinados pelos defensores do nazismo.

Na narrativa, tal como no filme exibido, as cenas desvelam condutas sexuais, operando como reprodução das práticas realizadas durante a noite:

Na tela viam-se caralhos monumentais saindo de braguilhas sujas de sangue, vômito, porra e caralho. Viam-se franguinhos adolescentes chupando o pau do coronel na farda de gala. Esse militar quando não estava sendo sorvido pela garotada, inspecionava com galhardia as atividades incendiárias (AEA, p. 25).

No trecho citado, nota-se um espaço de desvencilhamento em relação à instância da regra e suas mais variadas alternativas ou etapas do prazer: a) o sangue, como referência à possibilidade de dilaceramentos de vasos na região retal durante o coito anal; b) o vômito, aludindo à prática da felação que, em momentos da introdução plena do falo na garganta do parceiro, pode levá-lo a regurgitar; c) o líquido seminal, como resultado do clímax orgástico; d) o caralho, parte imprescindível dessa cópula. No entanto, o centro de evidência ao longo da trama é o ânus que, no decorrer da história ocidental, sempre foi relegado a segundo plano ou mesmo negado como alternativa de zona erógena de predileção, por conta dos discursos utilizados pelo sistema repressor, fosse por meio de relações negativadas, fosse por conta das mais inúmeras instâncias regulatórias.

Em outro momento do texto, relação entre a diferença do que se vivencia na superfície e no submarino alemão é retomada:

Eu sentia a memória recentíssima como se raspada até seu fundo mais fundo, fundo mais fundo onde se percebia com dificuldade a presença evanescente do submarino. Mas a bunda que comi agora lembro, sim: tinha a alvura da pele de um alemão. Eu estaria na ocasião desmaiado por algum conteúdo clandestino? Quem sabe a substância fizesse parte da linha experimental de um grande laboratório europeu? Um laboratório desses poderia financiar aventuras e testes nos porões dos mares. Visando a uma pesquisa para encontrar o quê? Claro, um medicamento para suturar em questão de horas as mucosas anais dos consumidores. Por isso se fodia tanto lá. Um dia antes, nas profundezas marinhas, eu desejara, com fervor inigualável, mas tardiamente por certo, o contato físico com o engenheiro. Talvez até tenha se consumado enfim o meu peito contra o dele, o abraço, o beijo fartamente salivoso, o gozo inaugural (AEA, p. 38).

O narrador-personagem questiona o porquê de essas aventuras sexuais ocorrerem dentro de submarino, longe da costa, em águas profundas, alto mar,

como se, implicitamente, questionasse também o fato de serem constantemente vigiadas, como se fossem impedidas de vir à luz, à superfície. Inclusive, hipotetiza também, de modo irônico, se a vida no submarino desvelaria algum tipo de experiência em busca de um medicamento que suturasse rapidamente o ânus, numa referência às experiências realizadas em laboratório com animais pela indústria de medicamentos, as quais são até hoje muito criticadas socialmente.

Assim, é possível notar que o terceiro traço identificado por Foucault (1988) na representação jurídico-discursiva do poder sobre o sexo, ou seja, o ciclo da interdição, está circunscrito nas proibições: “não tenhas prazer, não fales, não toques, não consumas, não te aproximes, não apareças” (p. 81). O poder apenas determinaria uma lei de proibição, com o objetivo de que o sexo se abdique de si mesmo, utilizando como principal veículo a intimidação por meio da supressão como medida punitiva: “Renuncia a ti mesmo sob pena de seres suprimido; não apareças se não quiseres desaparecer. Tua existência só será mantida à custa de tua anulação” (p. 81).

Em relação ao “não fales”, o filósofo leva-nos a questionar a intensidade de uma proibição e o quanto, após estabelecida e incorporada pela cultura, pode influir nas decisões e mesmo nos pensamentos emergidos de forma (in)consciente. Isso se torna perceptível em *Acenos e afagos* (NOLL, 2008) quando o narrador-personagem relata:

Juramos não contar essa tarde a ninguém. Nunca. Nós a enterraríamos um pouco em cada um e, quando estivéssemos crescidos, a imagem da luta no chão frio já estaria esfarelada, sem que soubéssemos reaver os fragmentos. E nos fizemos de túmulo, para enterrar de vez o brinquedo que cada um criara no corpo do colega (AEA, p. 11).

Nota-se aqui a questão do “não fales”, mesmo na concepção infantil da ética comportamental vigente naquele determinado lugar. Enquanto João Imaculado se mostrava como um ser desvencilhado das amarras regulatórias, ao evidenciar como era ardente e intenso o desejo pelo amigo engenheiro, não deixa de sugerir um mecanismo limitador do prazer quando utiliza a expressão “sóbria”:

Arfávamos, queríamos morrer de excitação. E nada. O expediente tinha se encerrado. Os dois personagens então se distanciam, mesmos tentados a mirar a virilha esquerda do vulto em frente. Frustrados, emudecem a linguagem dos corpos, tornam-se

novamente impermeáveis a tudo o que ultrapassar as trocas sóbrias e sucinta. Alguém acionava a nossa coreografia? No entanto cada coisa em mim ardia, cada coisa se sensibilizava para o toque alheio e inaugural (AEA, p. 23-24).

O dilema entre o seu interior e a performance que desempenhava na maior parte do tempo, no sentido de dissuadir seus impulsos, faz-se paralela a determinada relutância entre suas atitudes e o que se considerava moralmente correto. Tal condição pode ser observada no momento em que se deparou com seu filho nu, referendando as interdições mencionadas por Foucault (1988): “não toques, não consumas, não te aproximes” (p. 81):

Meu filho nada borboleta. Sim, nunca o vi nu. Ele nada borboleta com seu belo físico, de verdadeira fibra atlética. À noite vou bater no quarto dele, pedir que me conte o que anda lendo. Por enquanto ele nada borboleta com seu tórax de cinema. Quando volta ao vestiário, vou atrás. Ele se seca, nu. **Olho a sua nudez** e penso que eu sou um dos responsáveis por ela. **Ele é um homem, e eu devo tirar os olhos do seu corpo e lhe falar com voz de pai. Cheio de disfarces encosto meu olhar em seu tronco, ando por sua barriga, desço mais, o pau circuncidado**, encosto agora o olhar em suas pernas musculosas, em seus pés de dedos meio murchos devido à água da piscina. Volto a subir pelo mesmo corpo, subo mais, mais, quando ouço a sua voz exclamar ‘pai’!? Parece ter perguntado algo que prefiro não entender (AEA p. 57, grifos nossos).

A cena narrada traz o narrador-personagem em conflito, dividido entre o prazer que sente ao ver o corpo desnudo e os deveres paternos, cujas diretrizes lhe orientam a não observá-lo e a contrariar o deleite, anunciado no olhar que é muito mais de um homem para outro homem do que de um pai para o filho. O possível incômodo que a cena pode causar refere-se, de modo mais específico, às condenações morais evocadas pelo fragmento, pois socialmente é condenável e reprimível que o protagonista sinta prazer de conotação sexual ao ver o jovem nadador despido. Os trechos grifados, com termos como “devo” e “disfarces”, sugerem a tensão entre a repreensão, a censura e o desejo que se apresenta.

Os atos do narrador-personagem impregnam-se de uma espécie de (auto)punição intrínseca a cada ação e pensamento que, em alguns momentos, demonstra como se impõe a negação da sexualidade, por meio da afirmação de sua inexistência. Assim, permitem notar outra interdição observada por Foucault (1988, p. 81) – “Não apareças” – quando evidenciam emulação presente na vida ambígua do engenheiro, que se comportava conforme a situação lhe permitia:

Em terra ele ordenava metodicamente suas ocupações. E gostava de mencionar que residia nesse ponto sua qualidade mais decantada, se ele de fato possuísse alguma. Agora estava ali, completamente entregue àquelas manhas masculinas em dimensões marítimas. Eu percebia que as horas ainda aguardavam que o engenheiro as ocupasse novamente com serenidade e previdência (AEA, p. 29-30).

Naquele submarino, os tripulantes podiam fazer e dizer tudo, mas fora dele, é possível que, como o engenheiro, levassem vida mais próxima das exigências morais da sociedade, sem permissão para assumir que o sexo existia. Nesse sentido, coadunam-se com o pensamento de Foucault (1988): "[...] do que é interdito não se deve falar até ser anulado no real; o que é inexistente não tem direito a manifestação nenhuma, mesmo na palavra que enuncia sua inexistência; e o que deve ser calado encontra-se banido do real como o interdito por excelência" (p. 82).

Noll parece encontrar, nesse espaço transitório do seu romance, uma ilha de ética própria, local de fuga às regulações do poder, que atingem as condutas mais individualizadas. Entretanto, conhece algo que não poderia comentar ou divulgar:

Quando chegássemos ao destino, se destino existisse, **eu não falaria a ninguém sobre aquela excursão ilhada**. Relatei ao engenheiro esse plano em aberto para a fase posterior à minha temporada aquática, e em troca da lealdade canina eles me ofereceriam um serviço para me ocupar lá dentro. Talvez um trabalho escravo. Com certeza em troca de duas refeições diárias e olhe lá. Na manhã seguinte eles me trariam o nome da função. **Antes eu poderia oferecer o meu silêncio aos mistérios do mar**. Os mistérios devem gostar de não serem nomeados. Sua força vem do esgotamento do léxico. Por isso são mistérios, se escondem do outro lado da expressão. **Ali, os canais do eu ficariam obstruídos para qualquer curiosidade malsã. Os segredos do submarino tinham tal força, que passavam a se apagar até no íntimo de seu guardião** (AEA, p. 29, grifos nossos).

O silenciamento de Imaculado pode ser visto também como proibição daquelas coisas que talvez quisesse falar. Em meio a encenações sociais (auto)impostas, o narrador-personagem opta pelo silêncio, pois sabe haver nele sentimentos que, socialmente, não deveriam ser verbalizados. Em diversas cenas ao longo do romance, as personagens homossexuais também expressam seus desejos por meio de olhares e gestos, já que lhes fora proibido verbalizá-los.

Portanto, os discursos e os silêncios não se opõem ou se submetem passivamente ao poder, visto que podem ser tanto um instrumento quanto um efeito,

conseguindo até tornar-se empecilho ou ponto de partida de uma estratégia antagônica. O discurso promove e gera domínio; tanto o legitima quanto o destrói. Do mesmo modo que o silêncio e o segredo abrigam o poder, também determinam suas proibições, mas ao mesmo tempo, afrouxam seus laços e proporcionam uma disseminação de discursos em torno à sexualidade.

2.2 Nas confissões e na transformação do Imaculado, censura e proliferação discursiva acerca do sexo

No mundo ocidental, o discurso repressivo sobre o sexo e suas múltiplas formas de interdição, mutismo e pressuposição de inexistência, entre os séculos XVII e XIX, demarcou tabus, mas não impediu o interesse sobre o assunto, muito menos extinguiu o desejo de se ler ou escrever a respeito do tema. Certamente que a repressão, além de gerar sofrimentos individuais, conscientes ou não, por meio principalmente da confissão de “culpa” e das punições individuais ou coletivas, também despertou atenção e provocou o sexo a se expor. Embora tal processo tenha se intensificado com o surgimento do capitalismo, Foucault (1988) adverte:

[...] gostaria de desvincular a análise dos privilégios que se atribuem normalmente à economia da escassez e aos princípios de rarefação, para, ao contrário, buscar as instâncias de produção discursiva (que, evidentemente, também organizam silêncios), de produção de poder (que, algumas vezes têm a função de interditar), das produções de saber (as quais, frequentemente, fazem circular erros ou desconhecimentos sistemáticos); gostaria de fazer a história dessas instâncias e suas transformações (p.17).

O filósofo propõe três questionamentos à "hipótese repressiva": a) é possível considerar a repressão do sexo como uma evidência histórica em que, a partir do século XVII, realmente se instaurou ou se acentuou um regime de repressão ao sexo?; b) a mecânica do poder pode realmente ser considerada como de ordem repressiva, sendo a interdição, censura e negação, de fato, as formas pelas quais o poder se exerce de maneira geral?; c) existiria mesmo uma ruptura histórica entre a Idade da Repressão e a análise crítica da repressão? O discurso acerca da sexualidade humana se apoiaria mesmo no regime de poder-saber-prazer cujo funcionamento e razões de ser tornam-se alvo da reflexão foucaultiana:

[...] Daí o fato de que o ponto essencial (pelo menos, em primeira instância) não é tanto saber o que dizer ao sexo, sim ou não, se formular-lhe interdições ou permissões, afirmar sua importância ou negar seus efeitos, se policiar ou não as palavras empregadas para designá-lo; mas levar em consideração o fato de se falar de sexo, quem fala, os lugares e os pontos de vista de que se fala, as instituições que incitam a fazê-lo, que armazenam e difundem o que dele se diz, em suma, o 'fato discursivo' global, a 'colocação do sexo em discurso'. Daí decorre também o fato de que o ponto importante será saber sob que formas, através de que canais, fluindo através de que discursos, o poder consegue chegar às mais tênues e mais individuais das condutas (FOUCAULT, 1988, p. 16).

O discurso do poder atingiu as sutis formas do desejo, da mesma forma que acessou e controlou o prazer cotidiano por meio de “[...] efeitos que podem ser de recusa, bloqueio, desqualificação, mas, também, de incitação, de intensificação, em suma, as ‘técnicas polimorfos do poder’” (FOUCAULT, 1988, p. 17). A mudança fundamental que situou o sexo ao lado da verdade de si teria acontecido a partir do Concílio de Trento, ocorrido entre 1545 e 1563, com o principal intuito de assegurar a unidade da fé e a disciplina eclesiástica, frente à divisão vivida na Europa devido à Reforma Protestante (COSTA, 2011, p. 15). A Santa Sé passou a decretar inovações nos modos de confissão, ampliando seu alcance, do ato sexual em si, para a confissão do inquietamento gerado pelo desejo. O que pertencia ao domínio interior do indivíduo passava a ser exteriorizado, convertendo-se em um dos possíveis meios destinados a extirpar a verdade de si, no sentido de que as inclinações da carne pudessem ser modificadas.

O discurso sobre o sexo continuou a se propagar e, a partir do século XVIII, intensificou-se, inclusive no campo do exercício do poder, trazendo consigo, como visto, todo um mecanismo destinado a produzir discursos, que não se restringiria aos domínios do cristianismo ou à economia dos prazeres individuais, conquanto apoiado e relançado por instrumentações que, em tese, resguardariam “interesse público”. Como uma das peças que movem esse aparato, a “lógica da censura” funcionaria ao negar que o sexo exista, assegurar o que não é permitido e evitar que se fale sobre o assunto: “[...] liga o inexistente, o ilícito e o informulável de tal maneira que cada um seja, ao mesmo tempo, princípio e efeito do outro” (FOUCAULT, 1988, p. 82).

O romance analisado parece contemplar a relação aparentemente paradoxal entre negação da sexualidade (por meio da ordenação religiosa e até de certa aspiração divina) e sua intensificação:

Eu queria ser Deus, isso estava claro, e desconfiava de que, para seguir a carreira divina, seria preciso uma imaginação teológica com outra face. Como por exemplo sair do seminário, do armário, me entregar ao roubo, ao crime, às ofensas carnisais, ao vício e daí não mais retornar. O diabo era doce. No ermo da figura peçonhenta quero ir como mulher. Pois faço ideia das artes demoníacas do amor na modalidade feminina (AEA, p. 16).

Para a personagem, sair do seminário equivaleria a livrar-se da censura religiosa que visava apenas domesticar os corpos vistos como indóceis, contudo, as motivações para continuar não estavam no campo da fé. A sua concepção era muito mais pragmática, visto contemplar tanto a sobrevivência, dado o fato de que seu pai tinha poucas condições financeiras, quanto o gosto por lá observar e ter intimidade com outros rapazes. A possível saída daquele ambiente levaria a uma libertação mais física do que espiritual, e conjugada à “saída do armário”, portanto, atuaria no sentido de reverter a negação da sexualidade.

João Imaculado radicaliza e assume que a libertação, para ser efetivamente vivida, só seria possível num campo oposto à moralidade e à aceitação social: o obscuro lado do crime, dos vícios, da carne. Demonstra, nessa perspectiva, que a desejada liberdade sexual sofre uma série de impeditivos, capazes de o condenarem a um mundo de subterfúgios, fugas e caminhos escuros, tal qual um fugitivo. Em outras palavras, a proibição de viver os desejos conduziria a outros caminhos proibidos, mas nos quais supostamente não seria preciso negar e/ou proibir o sexo desejado.

Ao aliar a imaginação teológica com outra face, bem como ao afirmar o desejo por uma identidade feminina, o narrador-personagem realça a dualidade entre o que sente e a realidade vivenciada. Além disso, ao referenciar a face feminina, a figura peçonhenta e a as artes demoníacas do amor, Noll traz ao seu texto a imagem da moralidade social, julgando a mulher como sedutora, pervertida e obrigada a satisfazer os desejos sexuais do homem. Em correlato, faz observar que o sexo é buscado, mas também interdito em função da lógica paradoxal que o incentiva e o cerceia.

Cumpra dizer que, como um dos marcos significativos para a história da sexualidade no mundo ocidental, a repressão ao sexo afirmou a existência de uma “ciência-confissão”:

[...] em ruptura com as tradições da ars erótica, nossa sociedade constituiu uma *scientia sexualis*. Mais precisamente, atribuiu-se a tarefa de produzir discursos verdadeiros sobre o sexo, e isto tentando ajustar, não sem dificuldade, o antigo procedimento da confissão às regras do discurso científico. A *scientia sexualis*, desenvolvida a partir do século XIX, paradoxalmente, guarda como núcleo o singular rito da confissão obrigatória e exaustiva, que constituiu, no Ocidente cristão, a primeira técnica para produzir a verdade do sexo. Desde o século XVI, esse rito fora, pouco a pouco desvinculado do sacramento da penitência e, por intermédio da condução das almas e da direção espiritual — *ars artium* — emigrou para a pedagogia, para as relações entre adultos e crianças, para as relações familiares, a medicina e a psiquiatria (FOUCAULT, 1988, p. 63, grifos do autor).

Não se tratava apenas de confessar o ato sexual em si, implicava a reconstituição detalhada dos pensamentos, tipos de prazer, obsessões dentre outros. Trechos como o exposto a seguir, da narrativa literária analisada, caso escritos naquela época, estariam elencados na categoria de espiritismo ou bruxaria, podendo incorrer em pena de morte imputada pelo Tribunal do Santo Ofício:

Preciso fechar os olhos para poder baixar a carne diáfana, mental, que me salvará da solidez na cama diária. Quem sabe que está para baixar? A face ainda aguada a se aproximar parece por enquanto indecifrável. Antes de receber as linhas dos contornos desse visitante, me adianto mergulhando de vez a aparição na retaguarda das retinas. Assim eu a projeto sobretudo sobre mim mesmo. Não há mal em tentar incubá-la atrás da pálpebra. Aqui dentro ela evolui e me concebe seu encanto obsceno e singularíssimo. É quando compreendo que, sem me dar conta, gozei com a aparição da imagem fugidia. [...] essa imagem à meia-luz diluiu-se para nunca mais voltar. Era de alguém preciso? Em princípio era. No entanto, ao final, já se via uma segunda imagem a encobrir a outra, e mais para o final ainda, uma terceira, e haveria quem sabe uma quarta [...]. (AEA p. 40).

O narrador-personagem preocupa-se quanto ao julgamento das palavras adequadas, permitidas, como uma espécie de preliminar à subsequente confissão de gozo. Mais do que uma simples satisfação, o clímax corpóreo encerra a reflexão foucaultiana de que prazeres mais específicos se agenciavam a fim de manter um discurso de verdade acerca deles mesmos. Na citação antecedente e na posterior, a narrativa entrecruza-se com ideias de Foucault (1988) sobre a disseminação da

necessidade de se falar sobre o que permeava o costume individual e coletivo das práticas, e até dos pensamentos, relacionados ao sexo, no sentido de determinar o certo ou errado, natural ou antinatural: “Eu precisava da audiência de, pelo menos, mais dois ouvidos além dos meus. O que aconteceria se eu as descortinasse para o engenheiro?” (AEA, p. 108).

Retomando as relações à primeira vista não permitidas entre o sagrado e o profano, um trecho da obra literária em análise cria fecundo paradoxo:

A mão nos botões não é um gesto menos nobre do que o da mão sobre a Bíblia. Ambas tocam num fetiche, seja botão, seja a Bíblia, para dar início aos trabalhos de realimentar nossa fome infinita. Quando, porém, me encontro em rasgada simpatia ao lado de alguém por quem nutro um afeto sólido, nascido anteriormente, preciso fechar os olhos ao sentir as primeiras contrações na base do cacete para o impulso ao jorro (AEA, p. 39).

Com as imagens da Bíblia e do botão da roupa, Noll conduz à percepção de que duas buscas alimentam aquilo que o homem traz de insaciável — pela fé ou pelo sexo —, retroalimentadas pelo gozo que o encontro com cada uma proporciona. Ao comparar o ato de abrir o livro sacro com o despimento preliminar ao ato sexual, seu protagonista João Imaculado coloca a sede por religiosidade e os prazeres da carne como similares, além de sugerir que cada um tem a liberdade de buscar seu nirvana particular, por assim dizer, entre instâncias que se reprimem e se atraem, trazendo, portanto, o sexo à existência.

Valendo-se do mesmo jogo semântico, o narrador-personagem cita a roupa do massagista cujas cores do traje aludem às do Vaticano, ironicamente, uma das instituições mais empenhadas em perseguir a sexualidade. A antítese esboçada em relação ao uso de tal vestimenta na escuridão do clube de sauna, destinado a encontros sexuais, convive com o paradoxo, a partir do momento em que o santificado se imiscuía ao prazer sexual, se misturavam, se recusavam e se censuravam mutuamente:

Bernardo reapareceu. Vestia uma camiseta branca e uma bermuda amarela. As cores do Vaticano. Pensei em lhe dar a informação ao longo da noite. Enquanto ele risse, eu lhe roubaria um beijo na boca, tocando minha língua na sua. Mas onde estaríamos em Porto Alegre, pra que nos fosse permitido tal atrevimento? Onde, que não fosse um recinto semiclandestino ou em esgotos pura e simplesmente? (AEA, p. 64).

Ainda em relação a esse jogo paradoxal, o protagonista compara um momento em que foi entorpecido, espancado e roubado por um michê a uma cena bíblica:

Sei que o garoto levantou-se e eu caí da cama e peguei em suas pernas. O que significa a minha posição assim de súplica? Talvez uma cena bíblica. Enrolado em um lençol, eu parecia um leproso implorando por um milagre. Ou um sujeito, já incapacitado para os movimentos, passando o tempo a rastejar aos pés da juventude iluminada (AEA, p. 70).

Ao colocar-se de joelhos, atitude que indica súplica, subserviência, mas também o desejo por recompensa ou graça a ser alcançada, João Imaculado portase qual as hordas que se ajoelhavam à passagem do divino Messias, desejando milagres. O pecador que busca salvação equipara-se àquele que, ao se envolver com o garoto de programa, busca pela clemência do agressor. A narrativa envereda pela lógica remissiva da confissão, que busca a absolvição, entretanto, impulsiona-se constantemente ao que é, se não proibido, socialmente condenável.

A condenação vem em forma de castigo quando, após ser vitimado pelo michê e ficar internado num hospital, o protagonista morre e ganha sepultura. Horas depois de desenterrá-lo, por meio de rituais aprendidos com um coveiro que conheceu na adolescência, o engenheiro o ressuscita. Porém, o narrador-personagem entra num processo de metamorfoseamento até tornar-se mulher, de forma que a sua morte, aliada ao futuro desaparecimento enquanto homem cisgênero de orientação sexual indefinida, talvez pansexual, confirma a assertiva de Foucault sobre a negação das sexualidades desviantes em relação às normas estabelecidas: “[...] não apareças se não quiseres desaparecer. Tua existência só será mantida à custa de tua anulação. O poder oprime o sexo exclusivamente através de uma interdição que joga com a alternativa entre duas inexistências” (1988, p. 81).

Encontram-se sinais de outras coibições no texto analisado quando, na pós “ressurreição”, a agora personagem-narradora e o engenheiro, a fim de conviverem como um casal, precisam mudar-se a uma localidade rural, afastados do olhar e da censura alheios:

Fomos de táxi até a casa que ficaria sendo nossa, para lá da periferia da cidade, na mata –, contou-nos o motorista, mata que a partir dali começava a se adensar muito pouco a pouco. Entramos na casa de

alvenaria, só reboco. Por dentro também, sem pintura nas paredes. Abri a porta da cozinha. Sobre a mesa havia panelas, talheres, pratos, duas laranjas. Nesse momento o engenheiro se afastou. Ficou postado na janela da sala. Parecia contemplar seu novo quintal. Talvez agora fosse dar vazão a algum pendor seu em jardinagem. Os cotovelos no parapeito. A bunda e coxas salientes, já que se apresentava muito inclinado sobre o espaldar bem baixo. O que começava a depreender daquilo tudo? Que ele seria o meu homem (AEA, p. 80-81).

Se a interdição leva ao isolamento do par amoroso em local ermo, distante da vista dos outros, a vivência na casa evidencia a naturalidade da relação amorosa, na qual não há espaço para novas críticas desaprovadoras. Nesse caso, a vivência da identidade de gênero, assim como antes havia requerido a morte do protagonista, suscita adequação à mesma recorrência proibitiva que, segundo Foucault (1988), exige abdicar de si mesmo, sob pena de o sujeito acabar por se ver suprimido de alguns espaços ou da vida mesma.

Outra situação representativa das interdições e negações às sexualidades desviantes ocorre no seguinte trecho, em que a personagem-narradora se vale uma vez mais da comparação com as narrativas bíblicas para descrever como, na nova condição existencial (pós-morte e num lugar distante) ficaria livre de olhares reprovadores:

Eu me revelava um Lázaro, só que ninguém deveria saber. A vida que gritava agora iniciava a partir da ressurreição. Portanto, já não devia nada a ninguém que por mim passara antes de eu falecer. O engenheiro me chegou feito aparição no poço do túmulo e fez o que Deus nunca fizera por mim, Aliás, o engenheiro tornara-se Deus na minha ótica de fiel desprotegida. A vida antes da morte não contava mais (AEA, p. 88).

O trecho mencionado demonstra que, enfim, ressurreto (e o “milagre” não deveria ser divulgado), Imaculado poderia viver o seu amor com o engenheiro numa esfera divina, pois esse teria se convertido em Deus, ao lhe devolver a vida. O paralelo com a deidade revela novamente sua inclinação para a fé cristã, embora tal segmento religioso fosse base fundamental para “justificar” a intolerância quanto à sua orientação sexual. Também é possível observar que a personagem-narradora já notava inclinações femininas em si mesma desde criança:

Nos meus verdes anos, à hora do banho, eu subia nu na borda da banheira para me ver no espelho. Botava a mão fechada sobre o sexo, tapava-o para me imaginar mulher. Se eu conseguia? Sim,

desde que a minha mão ficasse no seu posto, ajudando-me assim na súbita conversão (AEA, p. 104).

A citação ainda revela o processo de metamorfose vivenciado após a morte como concretização daquilo que, já idealizado na mente do menino, contudo, lhe era negado realizar concretamente ou expressar por meio de palavras. Somente após a ressurreição, livre talvez das amarras do corpo físico, num plano provavelmente abstrato, a personagem-narradora não mais precisa da mão que lhe escondia o órgão sexual, pois corpo e identidade entram em comunhão feminina. Como sinal da necessidade de “fugir” dos olhares censores, quando anteriormente havia reencontrado um amigo do passado, a protagonista assim manifestou o seu pensamento:

Deixaríamos com nossos filhos alguns trocados para o cinema. E lá iriam eles como uma boa dupla. Enquanto eu e aquele homem na calçada fugiríamos em fins de semana para acampar em São José dos Ausentes. Estávamos ambos sem a aliança bendita na mão esquerda. E aquilo determinaria a nossa emancipação da família, família que nós mesmos tínhamos constituído. [...] olhávamos para os nossos dedos sem mais a algema dourada. Pensei em lhe aplicar um agrado. Afago, talvez ainda não. Talvez só um aceno quase imperceptível. Um agrado não ousei (AEA, p. 43-44).

No trecho citado, Noll proporciona curioso jogo de palavras, a exemplo do que havia feito com o nome do então narrador-protagonista: se “imaculado” antagonizava-se ao estilo de vida de João, a cidade de São José dos Ausentes⁴ evoca condição de distanciamento, ideal para quem vive numa sociedade repressora. Em seguida, para se referir às alianças de casamento que ambos utilizavam (cada qual representando seu respectivo casamento), vale-se do termo “bendita”, a menos soar como qualificação positiva do que como uma forma irônica. Ao recorrer novamente a expressões religiosas, como em várias outras passagens, o autor reitera a forte presença da moral cristã, constantemente apresentada à personagem-narradora desde a infância, se retomados especialmente o episódio do manual de conduta sexual escrito por um padre e o ensinamento de que o sexo deveria ocorrer somente entre um casal heterossexual, com a finalidade da procriação.

Essas ideias conduzem à reprodução de comportamentos balizados pelos sacramentos da Igreja Católica, vistos como normais na sociedade, a exemplo do

⁴ Cidade sul-rio-grandense, cuja altitude torna-a uma das mais frias do país.

casamento, mesmo se fosse apenas uma união de fachada, tal como a de Clara e Imaculado:

Não tínhamos sexo entre nós dois há mais de cinco anos. Ela parecia estar bem desse jeito. Eu, sem dúvida sim. Pelo menos não parecia se sentir vítima do desinteresse de um marido veado. Digase, ela nunca me pediu para demitir o peão. Ele continua lá, sempre me tentando. Mas veado ou não, o compromisso implícito de foder a longo prazo com alguém, pelo menos enquanto a relação perdure, esses megaplanos conjugais me deixavam cabreiro, embora eu mesmo tivesse caído em um, ao lado dela. [...] dormíamos em camas separadas, se bem que no mesmo quarto. O dormir no mesmo quarto representava a construção de um quadro familiar sólido, diante do filho adolescente (AEA, p. 40-41).

Ao afirmar que a mulher parecia estar bem, mesmo frente ao fato de ser traída com um peão da fazenda, a personagem-narradora questiona comportamentos previamente esperados, os quais estariam sendo transgredidos pela atitude da esposa. Levemos em conta a observação de Foucault (1988, p. 39) acerca de que violar obrigações relativas ao casamento ou usufruir de prazeres considerados estranhos constituía atos passíveis de condenação, conforme analisa: “Na relação dos pecados considerados de maior gravidade estava o estupro (assim categorizada toda relação sexual pré-matrimonial), o adultério, o rapto, o incesto espiritual ou carnal, e também a sodomia ou a ‘carícia’ recíproca”

Quanto à questão das restrições impostas socialmente aos indivíduos, é possível considerar que a expressão **aceno** se torna muito significativa na obra literária em análise:

Ele [o filho] é simplesmente ele. E eu o amo como talvez nunca consegui amar ninguém. ‘Pai’!?, ele repete. Digo sim, sou seu pai. Ele já vestido, cabelo lambido, molhado. Nunca soube se secar direito. Guri estabanado. Pensei em lhe fazer um agrado, até mais que um agrado, um afago destemido embora sempre sóbrio. Ou só um **aceno**... Mas não havia mais como. Isso deveria ter sido feito na infância dele. Pelo jeito eu tinha previsto certo: nós dois nos afastaríamos um do outro com esmero (AEA, p. 57).

A relação entre Imaculado e seu filho foi marcada por gradativa distância, advinda, sobretudo, pela condição do pai, que se via dividido entre aproximar-se do garoto ou manter-se distante, muito em razão das suas vivências no campo da sexualidade. Contudo, ao reencontrar o rapaz, se sente tocado a afagá-lo ou, quem sabe, apenas acenar – ainda que não faça nem um nem outro, por constatar que a distância já havia se condensado entre eles. É possível observar, então, o quanto as

restrições podem ser cruelmente subjetivas, relativas e implacáveis. Isso ocasiona determinadas normas que se ocupam de controlar as formas como se dão as relações de poder, incluindo o modo como as questões sobre sexualidade ultrapassam o limite do sexo e correlacionam-se a todos os âmbitos da vida do sujeito.

A narrativa citada a seguir inclui um tipo de relação sexual (*homo/bi/ménage à trois/grupal/orgia*) que jamais poderia submeter-se a controle, porque velado, pertence ao universo da subjetividade, da imaginação, portanto, constitui-se como assunto a ser evitado, um dos três motores da “lógica da censura”, conforme a reflexão foucaultiana:

Para que não notasse o desacerto entre os corpos reais e o fictício, eu a poria inteirinha ali, de pernas abertas, sem captar nada da origem de minha excitação. Não importava a completude da figura em via de aparecer no bojo de sua falta. A imagem se aprontava para entrar como que a postos no seu camarim. Ela tinha vida independente do imaginário de quem a convocara. Por mais autonomia que a figura mental tivesse conquistado, a fonte inegável desse delírio em forma de volúpia era uma lacuna da minha própria alma. A dona do hotel deveria responder estritamente ao que eu esperava dela: a acolhida da fome escusa da minha genitália. Uma acolhida que poderia resultar até em boas performances de ambos. Essa mulher possivelmente cultivava também nos interiores um outro plano imaginário, um outro espectro carnal. Quem seria o quarto personagem naquela cama de hotel? Quem a mulher evocava? Um ato de foder resultava assim em um rito de vários convivas. Até mais de quatro. Durante uma mesma conexão carnal, o meu corpo imaginário de eleição poderia ser trocado por outro e outros mais. Mas, nenhuma conjunção se deu entre mim e a dona de hotel. Nem ao menos um agrado. Muito menos **afagos**... Um **aceno**..., será? (AEA, p. 33).

Da descrição dos envoltivos que supostamente poderiam ter havido entre a personagem-narradora e a dona do hotel, emerge a justificativa, contemplada pelo autor em outros momentos da narrativa, ao título de *Acenos e afagos*. Invertidos em alguns momentos da narrativa, tais **afagos e acenos** contrapõem-se às proibições e às negações sofridas pelas sexualidades que não eram consideradas “normais” nem “naturais”, assim como burlam o impedimento de se tocar no tema, outro pilar da “lógica da censura”, conforme pensada por Foucault (1988).

Dando vazão à vontade latente de manifestação dos desejos concretos, a referida passagem da narrativa transcende resquícios ainda vigentes dos principais códigos de controle das práticas sexuais, instituídos ao final dos anos de 1700: a lei

civil, o direito canônico e a pastoral cristã.⁵ Cada um, com sua peculiaridade, encarregava-se de determinar o marco divisório entre o que poderia ser lícito ou não. Basicamente, concentravam-se nas relações matrimoniais em detrimento das outras, porém, as interdições concernentes ao sexo eram de natureza jurídica: “[...] leis naturais da matrimonialidade e regras imanentes da sexualidade — não sem lentidões e equívocos — começaram a se inscrever em dois registros distintos” (FOUCAULT, 1988, p. 40).

A pastoral cristã estabelecera, como preceito essencial, que as questões relacionadas ao sexo deveriam ser julgadas pelo crivo da palavra, gerando a disseminação de dispositivos repressivos moralmente aceitáveis e subjetivamente benéficos, assim como a censura do vocabulário. Entretanto, segundo Machado (2007), estamos em presença mais de uma expressão do que de uma repressão, de uma vontade de saber sobre a sexualidade, peça das estratégias de controle dos indivíduos e das populações características das sociedades modernas. Lembremo-nos que a hipótese de Foucault (1988), quando pensava a genealogia do poder, era a existência,

[...] desde o século XVI, de um ‘dispositivo de sexualidade’ que incita o sexo a se manifestar – processo intensificado a partir do século XIX com o surgimento das ciências humanas e posteriormente da psicanálise [...] Nesse momento, o problema de Foucault era saber o que aconteceu no Ocidente para que a questão da verdade – inclusive por meio de uma medicalização da sexualidade – fosse posta em relação ao prazer sexual; era saber como, em vez de simplesmente dar prazer, o sexo passou a ser um lugar privilegiado da verdade do homem (MACHADO, 2007, p. 41).

Ao entender que não resolveria a questão do surgimento do desejo como impulsionador da humanidade, o pensador francês voltou suas pesquisas ao século V, produzindo esboço de um livro recém-publicado na França em 2018: *Les aveux de la chair*. Encontrando vinculações entre os primórdios medievais e a modernidade, o referido estudo se associa com *A vontade de saber*, primeiro volume da *História da sexualidade* (explorado neste capítulo), devido a suas inúmeras “[...] referências à tecnologia da carne no cristianismo clássico, à pastoral

⁵ Expressão cunhada por Foucault (2008) ao discorrer sobre a questão de um ‘governo dos homens’, fazendo um paralelo com o conceito oriental de poder pastoral manifesto nas relações entre pastor e ovelha (rebanho), o qual associou à relação entre soberano e súdito (povo). Assim, tal pastoral consiste num sistema de poder cuja principal preocupação é o controle do indivíduo sob o discurso do cuidado do corpo e da alma a fim de estarem preparados para receber a salvação.

cristã, à confissão, ao exame de consciência e à direção espiritual quando sugere a formação do dispositivo de sexualidade a partir da carne cristã” (MACHADO, 2007, p. 42).

Por tal razão, o “dispositivo de sexualidade”, conforme apresentado no pensamento foucaultiano, será abordado no seguinte capítulo desta dissertação, junto à constituição da sexualidade como prática moral e parte do projeto de uma moral estética. Essas incidências serão observadas em *Acenos e afagos* (NOLL, 2008), romance no qual, ao se valer da imaginação para extravasar sua intensa necessidade de prazer, o narrador-personagem, e também personagem-narradora, demonstra que os elementos de sujeição não se tornam capazes de exercer pleno domínio sobre a sua existência. Tanto a próxima seção, quanto a presente, fazem notar, de maneira emblemática, como sinalizou-se em diversos trechos analisados, a influência do julgamento religioso no *corpus* que, contudo, ao desvelar comportamentos repressivos, também possibilita entrever a complexidade das relações estabelecidas em torno da unidade do dispositivo.

3 DISPOSITIVO, SUBJETIVIDADE, (IN)SUBMISSÕES

3.1 O uso dos prazeres e as miúdas circunferências

Giorgio Agamben introduz o seu artigo “O que é um dispositivo” (2009), esclarecendo ser esse um termo técnico categórico no pensamento de Foucault que, em nenhum momento, o definiu. Contudo, é possível chegar a uma elucidação da palavra, a partir de uma entrevista concedida pelo filósofo no ano de 1977, sob o título de *“Le jeu de Michel Foucault”*, ao discorrer sobre a *História da sexualidade*:

O dispositivo [...] está sempre inscrito em um jogo de poder, estando sempre, no entanto, ligado a uma ou a configurações de saber que dele nascem, mas que igualmente o condicionam. É isto, o dispositivo: estratégias de relações de força sustentando tipos de saber e sendo sustentadas por eles (FOUCAULT, 1988, p. 246).

Desta forma, entender a sexualidade como um dispositivo é compreendê-la enquanto um aglomerado de “efeitos produzidos no corpo, nos comportamentos, nas relações sociais” (FOUCAULT, 1988, p. 120) por causa de certos saberes e determinadas práticas de poder. Em muitas passagens de *Acenos e afagos*, é notado o engendramento do dispositivo da sexualidade na acepção foucaultiana, visto que, no romance há claramente a inter-relação entre sexo e poder, podendo-se citar como exemplo a perspectiva do amor de bolso⁶ ou o ensinamento normativo de que o sexo deveria ser feito apenas entre o homem e a mulher com a finalidade de gerar uma criança.

Igualmente exemplifica-se com a situação do casamento entre Clara e João Imaculado, em razão das pressões sociais, e na qual se destaca a concepção de que a mulher deveria ser submissa ao homem:

À noite, eu tomaria o comprimido para pressão alta já nos domínios de nosso quarto. Devidamente medicado, **me deitaria e pediria à minha mulher que viesse para a cama e ela obedeceria sabendo que eu já estava excitado**, pronto para abraçá-la e introduzir meu pênis de passado castigado por sua vagina pacífica e sensata (AEA, p. 50, grifos nossos).

⁶ Em se tratando de “gastar” e atrelando isso à questão da relação homossexual, é importante citar o que foi ressaltado por Rubenilson Pereira de Araújo (2015), quanto ao “amor de bolso”, que se dava como uma espécie de ressarcimento financeiro pelos afetos dedicados ao corpo homossexual.

A relação sexual narrada apresenta essa inter-relação entre poder e sexo, especialmente pelos termos pedir e obedecer, sendo possível entender que, em realidade, o “pedido” foi uma ordem. A obediência de Clara, submissa à vontade do marido, possibilita observar o casamento tal como um jogo de forças que, inclusive, pode ser invertido, pois ela comanda o sexo, ao chupar o marido e indicar que deseja sexo anal: “[...] da voracidade de sua boca carnuda emanam os barulhos da chupada, mas logo ela muda de posição expressando o desejo de ser comida por trás” (AEA, p. 50).

Em outro momento da narrativa, também é possível notar o dispositivo da sexualidade quanto às relações que envolvem poder a partir da conjugação entre as relações homossexuais e a censura policial. Após o naufrágio do submarino alemão, momento em que muitos tripulantes morreram, o engenheiro, amigo do narrador, decidiu voltar a Berlim para o enterro dos seus amigos, visto ter sido ele um dos únicos a se salvar. Porém, diante das práticas desenvolvidas no navio, o rapaz fora apreendido pela polícia e investigado:

Precisou responder a inquéritos. Teve o ânus vasculhado. [...] De braços, o engenheiro tapou a cabeça entre os braços, para não ver o que se passava. Seu cu jamais fora comido. Com o ânus em boas condições, foi mandado para fora da sala dos interrogatórios, desde que não voltasse a se aproximar de círculos diabólicos. Que você saiba, disseram: você será seguido. Sim, sua permanência no submarino conheceu um atenuante: você fodia e não era fodido. Os oficiais sentiram uma ponta de admiração por esse comedor aventureiro. Alguns riam, outros gargalhavam (AEA, p. 54-55).

Nesse fragmento, tanto são vislumbradas relações de poder a partir do vasculhamento do ânus do engenheiro, no sentido de os policiais vigiarem se ele mantinha relações homossexuais, quanto em razão de ele ter ganhado um salvo-conduto: seu ânus era virgem, então, isso significava que era o ativo nas relações e não passivo. A ideia de ser aquele “que come” alia-se à perspectiva do homem dominador, do macho que penetra e não é penetrado, apresentando também as relações de dominação e força subjacentes aos atos homossexuais. A polícia investiga as práticas sexuais e determina o que pode ou não ser feito, bem como o sexo em si, com o parâmetro de que tem mais poder o ativo.

De forma consonante à perspectiva narrada, na análise foucaultiana, a sexualidade não deve ser entendida como “alguma propriedade natural e inerte ao próprio sexo” (FOUCAULT, 1988, p. 120), mas enquanto dispositivo:

A sexualidade é o nome que se pode dar a um dispositivo histórico: não à realidade subterrânea que se apreende com a dificuldade, mas à grande rede de superfície em que a estimulação dos corpos, a intensificação do discurso, a formação dos conhecimentos, o reforço dos controles e das resistências, encadeiam-se uns aos outros, segundo algumas grandes estratégias de saber e de poder. (FOUCAULT, 1988, p. 100).

Como o dispositivo se configura no século XIX, é nesse período que pode ser percebido um amadurecimento dos poderes e saberes acerca do sexo, abarcando todas as camadas sociais, e incluindo a possibilidade de insubordinação, já que abarca uma esfera de subjetividade humana. Em nosso *corpus* literário, quando João Imaculado reencontra o amigo com quem se relacionou sexualmente no passado, mas já não mantinham nenhuma comunicação, a partir de gesto simbólico, não programado, de tirarem ao mesmo tempo as alianças de casamento e as doarem para uma causa republicana, desencadeia uma sucessão de ideias insubordinadas aos preceitos impostos socialmente. Considera-se, desse modo, que um dispositivo funciona estrategicamente sempre em uma relação de poder, o que implica tanto em obediência quanto em desobediência.

Noll permite uma rica sutileza no detalhe em que o desprendimento do símbolo da monogamia funciona como espécie de questionamento (in)consciente de um status social: “Num ímpeto a dois, fizemos o mesmo gesto: o de tirar as alianças de casados do dedo. Colocamos as **miúdas circunferências** banhadas a ouro na caixa fechada que a mulher levava” (AEA, p. 43). Neste caso, o narrador-proporciona interessante cena de emancipação espontânea por parte dos amigos, já que a família (nos moldes convencionais), no caso deles, era uma espécie de prisão:

Não poderia pensar em algo melhor para escapar do tédio porto-alegrense. E nossas mulheres? Nessa altura já estariam ao lado de novos amantes. Tudo passaria a dar certo. E os nossos filhos? Eles não estariam nem aí para a nossa história. Foi quando ele falou que a situação do Brasil de apresentava de mal a pior. E sorrimos com essa bola fora dele. De fato, aquele passado, reavivado repentinamente na calçada, não devia abarcar qualquer outro assunto que servisse apenas para lembrar que vivíamos a par dos acontecimentos e com opiniões acertadas (AEA, p. 44-45).

O protagonista e o seu amigo de outrora não se sentiam incomodados com o fato de suas esposas terem novos amantes, como consequência da falta de seus cônjuges, talvez porque, assim, maridos e esposas enfim buscassem satisfazer seus

desejos de felicidade. Nesse sentido, Foucault (1998, p. 244) indica que um dispositivo seria um conjunto “[...] ‘heterogêneo que engloba discursos, instituições, [...] decisões regulamentares, leis, [...], proposições filosóficas, morais, filantrópicas”. A situação narrada no romance não apenas une-se a um dispositivo de sexualidade, na perspectiva de enquadrar-se no discurso do casamento, mas também apresenta possíveis desdobramentos alinhados à subversão desse discurso, engendrando uma transição do âmbito do poder, institucionalizado por tais regulações do saber, para o campo da subjetividade – aqui representada pela vivência imaginada pelos amigos.

De acordo com Gilles Deleuze (1996), em “O que é um dispositivo”, a teoria foucaultiana reiteradamente se apresenta como uma análise de “dispositivos” concretos, compreendidos como conjuntos multilineares, tipo de novelo ou meada, formado por linhas com diferentes estruturas, as quais não envolvem nem delimitam sistemas homogêneos *per se* – seja o objeto, o sujeito ou a linguagem –, mas percorrem diferentes sentidos cujos processos são sempre formados de modo desarmônico. Para o estudioso, “Essas linhas tanto se aproximam como se afastam uma das outras. Cada uma delas está quebrada e submetida a variações de direção (bifurcada, enforquilhada), submetida a derivações” (DELEUZE, 1996, p. 10).

A par da concepção dos dispositivos, Foucault (1998) distingue sucessivamente o Saber, o Poder e a Subjetividade, instâncias que não possuem aspectos definitivos; são redes de variáveis relacionadas entre si. Embora o pensador da sexualidade não tenha elaborado um estudo terminológico sobre o “dispositivo”, é possível compreendê-lo a partir de três pontos fundamentais elencados no referido ensaio de Agamben (2009, p. 09):

- 1) Um conjunto heterogêneo, que inclui virtualmente qualquer coisa, linguístico e não-linguístico no mesmo título: discursos, instituições, edifícios, leis, medidas de segurança, proposições filosóficas etc. Dispositivo em si mesmo e a rede que se estabelece entre esses elementos.
- 2) O dispositivo tem sempre uma função estratégica concreta e se inscreve sempre em uma relação de poder.
- 3) É algo de geral (um *reseau*, uma ‘rede’) porque inclui em si a episteme, que para Foucault é aquilo que em uma certa sociedade permite distinguir o que é aceito como um enunciado científico daquilo que não é científico.

Tal conceituação permite entender que, para Foucault (1988), os dispositivos mostram como o mundo se constitui, se desloca e se atualiza no tocante às suas

redes de poder e dos seus sistemas de visibilidade, ou seja, aplicam-se em relação às formações sociais, por exemplo. Ao escrever *História da sexualidade 2 – o uso dos prazeres*, o filósofo esclarece que “para se analisar a formação e o desenvolvimento da experiência da sexualidade a partir do Século XVIII, [...] a propósito do desejo e do sujeito desejante” (FOUCAULT, 1984, p. 11), foi imprescindível percorrer um caminho histórico e crítico.

Também tornou-se fundamental empreender uma “genealogia”; não especificamente uma história dos conceitos de desejo, concupiscência ou libido, mas uma análise das práticas que levaram os indivíduos a prestarem atenção em si mesmos, no sentido de se compreenderem, se reconhecerem e se confessarem como sujeitos de desejo, descobrindo a sua verdade, seja natural ou decaída. Para tanto, o filósofo francês se valeu dos textos de Xenofonte (430 a. C.– 355 a. C.), Platão (428/427 a. C. – 348/347 a. C.) e Aristóteles (384 a. C. – 322 a. C.), para melhor compreender a constituição dos termos gregos *aphrodisia*, *chrēsis* (o que inclui a *akolasia*), *enkrateia* e *sōphrosunē*.

A palavra *aphrodisia* refere-se ao comportamento sexual, que os gregos da antiguidade consideravam como “substância ética”; são atos, gestos e contatos que proporcionam determinada forma de prazer. Foucault (1984) sugeriu que quando Santo Agostinho, em suas *Confissões*, lembrava das amizades de juventude, “da intensidade de suas afeições, do prazer dos dias vividos juntos, das conversas, dos fervores e dos ritos” (p. 39), refletia se tudo isso não fazia parte da carne e da “glute” que a ela nos liga, ainda que exista uma aparente inocência. No romance aqui analisado, é possível encontrar trechos, alguns citados anteriormente, em que o narrador-personagem relembra fatos vividos na juventude, como quando ao ser massageado num clube, rememora seus tempos de infância e o desejo pelo amigo engenheiro. Após a lembrança da “briga física” com o coleguinha, conclui: “A memória do garoto que me confiara seu território mais secreto ocorreu-me do aceno de uma imagem quase invisível, durante a última massagem do dia” (AEA, p. 11).

No pensamento foucaultiano, entre a genealogia do poder e a genealogia da subjetividade, existe uma transição que pode ser compreendida através da forma por meio da qual se dá o uso da *aphrodisia*, vinculada à problematização da reflexão sobre o homoerotismo. Importante recordar o princípio do isomorfismo entre relações sexuais e sociais que, embora não seja próprio da antiga cultura grega, exerceu influência nas questões morais daquela civilização. A premissa é que a

relação sexual, considerada pelos helênicos como ato de penetração e polaridade (atividade e passividade), poderia se comparar à relação entre superior e inferior, dominador e dominado, vencedor e vencido: o que submete e o que é submetido.

Dessa forma, as práticas relacionadas ao prazer se refletem nas analogias da estrutura agonística, ou seja, no âmbito das rivalidades e hierarquias sociais, nos valores atribuídos ao papel de cada parceiro. Assim, ser ativo, dominador, penetrador, exerce papel de superioridade, valorizado como algo honroso e de pleno direito, o que gerou consequências quanto ao estatuto de quem deveria ser o parceiro passivo no ato sexual. Neste caso, os escravos estariam à plena disposição dos seus donos, tornavam-se objetos sexuais, sem margem a questionamentos:

[...] a tal ponto que acontecia de se achar surpreendente que a mesma lei proibisse o estupro dos escravos e o das crianças; para explicar essa estranheza Esquines diz que se quis mostrar, ao proibi-la até mesmo com relação aos escravos, o quanto era grave a violência quando ela se dirigia às crianças de boa origem. No que diz respeito à passividade da mulher, ela marca muito bem uma inferioridade de natureza e de condição; mas ela não deve ser reprovada como conduta posto que é, precisamente, conforme ao que a natureza quis e ao que o status impõe (FOUCAULT, 1984, p. 190-191).

Em contrapartida, salienta Foucault (1984), tudo aquilo que, no comportamento sexual, poderia gerar para um homem livre as marcas da inferioridade, da servidão que suportou e da dominação que sofreu, configurava-se como algo vergonhoso. Isso se torna ainda mais intenso se tal homem, por conta da origem e do *status quo*, ocupava ou deveria ocupar posições privilegiadas entre os demais; a vergonha era ainda maior caso se sujeitasse a ser objeto condescendente do prazer do outro.

Por sua vez, a expressão *chrēsis* remete ao tipo de sujeição a que a prática desses prazeres deveria se circunscrever para ser moralmente valorizada. Quando escreveu *Ética a Nicômaco*, Aristóteles questionava quem merecia ser chamado de "intemperante" e chegava a meticulosa conclusão: aqueles que fazem parte da intemperança (*akolasia*), restritos apenas aos prazeres do corpo; nesse caso, excluem-se os prazeres relacionados à visão, audição e olfato. Portanto,

Não é ser intemperante 'ter prazer' (*chairein*) com as cores, com os gestos, desenhos, como também com o teatro ou com a música; pode-se, sem intemperança, encantar-se com o perfume dos frutos, das rosas e do

incenso; e como diz a *Ética a Eudemo* não se poderia reprovar por intemperança alguém que se concentrasse tão intensamente na contemplação de uma estátua ou na audição de um canto a ponto de perder o apetite ou o gosto para praticar o amor, nem alguém que se deixasse seduzir pelas Sereias (FOUCAULT, 1984, p. 40, grifos do autor).

Apenas por meio do contato físico é que existiria o prazer passível de *akolasia*. Para os prazeres relacionados à alimentação e à bebida, usa-se a boca, língua e garganta, mas, com outras partes do corpo, dá-se o prazer do sexo. Assim, para Aristóteles, os prazeres nobres advindos de uma massagem, por exemplo, não poderiam ser configurados como intemperança, "[...] pois para o intemperante o tocar não é difundido em todo o corpo; só concerne a certas partes" (FOUCAULT, 1984, p. 40). A não ser que a pessoa já procurasse o massagista com intenções outras além de um momento de relaxamento físico.

Em *Acenos e Afagos*, quando o protagonista narra a experiência sexual num clube de sauna, primeiro evidencia seu prévio desejo:

Penso em buscar algum massagista lúbrico, para ao lado dele fechar os olhos e receber um terceiro corpo de constituição árida, nascido da experiência direta, ou da imaginação, ou da mescla de ambas. Peço aos deuses que as imagens produzidas por meu cérebro dominem meu campo interior. Na superfície ponho-me a foder, mas com a atenção voltada para o avesso, onde uma idealidade erótica me faz correr a boca por seu corpo inteiro (AEA, p. 59).

Nesse sentido, o exposto na citação anterior não se configuraria como uma espécie de *akolasia*, mas do que os gregos antigos chamavam de *chrēsis*. O narrador-personagem deixou clara a sua intenção de buscar prazer sexual. Ainda no tocante à análise que Foucault (1984) fez sobre o termo *chrēsis*, existe um tipo de intemperança que pode ser caracterizado como de “artifício”, ou seja, busca as volúpias na satisfação de desejos extranatureza. É ela que, “para comer com prazer procura cozinheiros, [...]; é ela que, para encontrar novos prazeres nos *aphrodisia*, se serve de homens como se fossem mulheres” (p. 54).

O romance aqui analisado, ainda que remeta à busca do prazer em suas variadas possibilidades, encaixa-se nesse último aspecto de abrangência da *chrēsis*, relacionado ao gozo proporcionado pelas relações homoeróticas que, na antiguidade, conforme Foucault (1984), eram reputadas como uma forma de inversão de papéis de gênero. Na atualidade, podem ser caracterizadas como identidades e performances de gênero que atendem a uma orientação sexual, em suas múltiplas formas de identificação dos sujeitos.

No que concerne ao termo *enkrateia*, definia qual o tipo de atitude se deveria ter em relação a si mesmo no sentido de constituir-se como sujeito moral. Essa palavra “[...] se caracteriza, sobretudo, por uma forma ativa de domínio de si que permite resistir ou lutar e garantir sua dominação no terreno dos desejos e dos prazeres” (FOUCAULT, 1984, p. 61). A par dessa acepção, entende-se que João Imaculado, cuja infância fora marcada por desejos de assumir uma identidade feminina, resiste às normatizações sociais e, por fim, já assumindo uma forma corporal de mulher, luta para ter sua subjetividade respeitada e vivenciada, incluindo os aspectos sexuais a ela referentes, ainda que seja no campo do fantástico e/ou metafísico.

Por fim, *sōphrosunē* – “temperança”, “sabedoria”, caracterizando o sujeito moral em sua realização – seria a condição que tende a se alcançar através da prática do domínio e “[...] pelo comedimento na prática dos prazeres é caracterizada como uma liberdade. Essa liberdade individual, no entanto, não deve ser compreendida como a independência de um livre arbítrio” (FOUCAULT, 1984, p. 75). Assim, ser livre é subordinar-se aos prazeres, porém, mais do que não ser escravo deles, é poder sobre si mesmo em relação ao que se exerce sobre os outros, tal como quando João narra uma de suas experiências sexuais: “[...] O caso do quartel foi diferente. O soldado meu colega, de ascendência grega e bonito, aproximou-se de pronto com seu desejo imaculado. Imaculado, mas de muitos toques mais ou menos incisivos” (AEA, p. 162).

Nesse trecho do romance, tem-se, *per sí*, um cenário que evoca muitas relações de poder e hierarquias: o quartel. Para além desse local, a narrativa trata das aproximações entre o protagonista e um colega seu, ambos soldados desejosos um do outro. O rapaz, já de início, por meio de toques, exercia sobre Imaculado, de forma imaculada, para atender ao jogo semântico de Noll, o poder do seu desejo sexual sobre o narrador-personagem. Contudo, os dois se desejavam, ao tempo em que se controlavam e se subordinavam aos prazeres sexuais.

Observa-se, então, com base na análise dos referidos termos gregos, que Foucault (1984) pôde determinar as quatro formas estruturantes da experiência moral dos prazeres sexuais, isto é, ontologia, deontologia, ascética e teleologia. Tal orientação auxiliou a fundamentar as diretrizes do dispositivo foucaultiano que, para Deleuze (1996, p. 10), tem por componentes “[...] linhas de visibilidade, linhas de enunciação, linhas de força, linhas de desubjetivação, linhas de brecha, de fissura,

de fratura, que se entrecruzam e se misturam”, através de alterações ou mesmo mutações de agenciamento. Isso gera efeitos consideráveis no que diz respeito a uma filosofia dos dispositivos. Primeiro, o repúdio aos universais⁷, já que o universal nada explica, pelo contrário, é ele que precisa ser explicado. E segundo,

[...] é uma mudança de orientação que se separa do eterno para apreender o novo. O novo não se designa a suposta moda, mas, pelo contrário, a criatividade variável segundo os dispositivos: em conformidade com a questão nascida no século XX, como é que é possível no mundo a produção de algo novo? É verdade que Foucault, em toda sua teoria da enunciação, recusa explicitamente a ‘originalidade’ de uma enunciação, como critério pouco pertinente, pouco interessante. Foucault pretende somente considerar a ‘regularidade’ das enunciações. Mas, o que ele entende por regularidade é a linha da curva que passa pelos pontos singulares, ou valores diferenciais do conjunto enunciativo (da mesma maneira que vai definir as relações de força pela distribuição de singularidade dentro de um campo social). Quando recusa a originalidade da enunciação, Foucault pretende dizer que a eventual contradição de duas enunciações não basta para distingui-las, nem para marcar a novidade de uma em relação a outra. Porque o que conta é a novidade do próprio regime de enunciação que podem compreender enunciações contraditórias (DELEUZE, 1996, p. 11).

A multiplicidade de linhas que se interligam e se transpassam pode gerar efeitos profundos e difusos, consoante a forma em que foram agenciadas, permitindo um devir existencial. Isso ocorre na literatura, implicando fragmentação de interpretações que conseguem extrapolar limites do antagonismo binarista e deslocam o sentido de exatidão que determinadas palavras, situações e vivências narradas deveriam ocupar. É o caso do romance em análise, considerado por Fábio Figueiredo Camargo (2007, p. 44) como um arquivo corrompido: “[...] recusa-se a colocar as coisas em seus devidos lugares, nega-se a dizer onde está precisamente João Gilberto Noll, o autor empírico, e onde está precisamente sua personagem narradora”.

Assim, é mister compreender como se dá a (des)obediência do narrador-personagem, de características amorais, a um mundo majoritariamente sexista. Sua homoeroticidade evidencia-se na relação com o amigo engenheiro: “ele poderia me querer como homem, como mulher, os dois ao mesmo tempo” (AEA, p. 55). No texto, é possível observar:

⁷ “O Uno, o Todo, o Verdadeiro, o objeto, o sujeito não são universais, mas processos singulares, de unificação, de totalização, de verificação, de objetivação, de subjetivação imanentes a dado dispositivo. E cada dispositivo é uma multiplicidade na qual esses processos operam em devir, distintos dos que operam noutro dispositivo,. É nesse sentido que a filosofia de Foucault é um pragmatismo, um funcionalismo, um positivismo, um pluralismo” (DELEUZE, 1996, p. 1).

[...] um homem que funcionaria como uma esposa dentro de casa. Um cara fodão à noite, varando o engenheiro até seu caroço. [...] O engenheiro tinha uma mulher que à noite lhe introduziria um cacete doído de bom. Pois essa mulher era eu. Precisava me acostumar com a situação. [...] E isso que eu me considerava um homem razoavelmente viril. Meu registro de baixo. Alguma malhação. Músculos para o gasto, pêlo na perna. Quem manda eu me apaixonar por esse homem desde sempre (AEA, p. 95).

Embora demonstre consciência do sexismo que envolve as relações heterossexuais, especialmente quando delinea os supostos papéis masculinos e femininos na relação, João subverte, de certo modo, tais conceitos ao explicitar, por exemplo, que ele seria a mulher que introduziria o pênis no seu amado. Nota-se, então, um trânsito fluido de identidades sexuais e de gênero compondo as personagens, mas ainda assim, elas estão envoltas em um contexto de subjetividades e enfrentamentos às dinâmicas de poder, de coerção social e controle dos comportamentos sexuais dissidentes.

Os fatos narrados alinham-se à percepção do que Foucault denominou de Linhas de Subjetivação que, segundo Agamben (2009, p. 15), destacam o caráter absoluto do poder e circunscrevem toda sua sistematização aos mecanismos de sujeição, pois “[...] As sociedades contemporâneas se apresentam assim como corpos inertes atravessados por gigantescos processos de desubjetivação que não correspondem a nenhuma subjetivação real”. Segundo o pensamento foucaultiano, isso implica transpassar as linhas de forças que estabelecem o poder:

Ultrapassar a linha de forças, é o que se produz quando ela se curva, faz seus meandros, quando ela escava e se torna subterrânea, ou quando a força, ao invés de entrar numa relação linear com outra força, se volta sobre si mesma, se exerce sobre ela mesma ou afeta a si mesma (AGAMBEN, 2009, p. 21).

A dimensão do *Si* não implica pré-existência, pois uma linha de subjetivação é um processo, uma construção de sujeito no âmago de um dispositivo, é qual uma linha de escape, foge das linhas que a precedem. Também pode ser considerada como o extremo de um dispositivo, originando-se no decurso de um dispositivo para outro, preparando assim as linhas de fratura. Segundo Agamben (2009), certamente o termo, tanto no uso habitual quanto no foucaultiano, sugere a disposição de uma sucessão de práticas e mecanismos de ordem linguística, mas também não-linguística, jurídica, técnica e militares, no sentido de alcançar determinado efeito.

Esse, por sua vez, tanto pode desvelar experiências em trânsito, como as mudanças vividas por João Imaculado, no que se refere à sua transição do corpo masculino ao feminino; quanto pode se referir a momentos particulares, a exemplo de quando o narrador do romance, linguística e textualmente, passa a se identificar no feminino, como uma narradora, delineando, assim, uma discussão que envolve tanto o poder quanto a subjetividade discutidas a partir da ótica da sexualidade.

3.2 Corpos (in)dóceis, *transgressões* e outras (res)suscitações

De acordo com Deleuze (1996), existem sete dimensões de um dispositivo, a saber: 1) Curvas de Visibilidade (linhas de luz), 2) Curvas de Enunciação (linhas de enunciação), 3) Linhas de Forças (dimensão do poder, a terceira dimensão do espaço), 4) Linhas de Subjetivação (a dimensão do si próprio – “*soi*”), 5) Linhas de Brecha, 6) Linhas de Fissura e 7) Linhas de Fratura. O filósofo assegura que as diferentes linhas de dispositivo se repetem em dois grupos: Linhas de Estratificação (sedimentação) e Linhas de Atualização (criatividade). Assim, os dispositivos seriam como as máquinas de Raymond Roussel⁸:

[...] máquinas de fazer ver e de fazer falar, tal como são analisadas por Foucault. A visibilidade é feita de linhas de luz que formam figuras variáveis. Inseparáveis de um dispositivo ou de outro – não remete para uma luz em geral que viria iluminar os objetos pré-existentes (DELEUZE, 1996, p. 01).

Dessa forma, cada dispositivo tem seu regime de luz, isto é, uma forma de como a luz emana, se revela e se difunde, compartilhando o visível e o invisível, promovendo o surgimento ou desaparecimento “do objeto que sem ela não existe. Não é apenas pintura, mas arquitetura também: o ‘dispositivo prisão’ como máquina óptica para ver sem ser visto” (DELEUZE, 1996, p. 01). A essa historicidade dos dispositivos, denomina-se “regimes de luz”, embora também possam ser chamados de “regimes de enunciado”:

⁸ Raymond Roussel, escritor francês, um dos pioneiros do Surrealismo, era conhecido por sua excentricidade na forma de escrever, harmonizando elementos sobrenaturais e jogos linguísticos. Célebre por transformar palavras em imagens, conseguia fazer com que a linguagem se desprendesse da sua significação comum e alcançasse outros sentidos. Michel Foucault (1999) afirmava existir uma linguagem circular nos textos de Roussel, projetando imagens e desvelando sua história e funcionamento, qual máquinas que conseguem tornar os textos palpáveis.

Porque os enunciados, por sua vez, remetem para linhas de enunciação sobre as quais se distribuem as posições diferenciais dos seus elementos. E, se as curvas são elas próprias enunciadas, é porque as enunciações são curvas que distribuem variáveis, e, assim, uma ciência, num dado momento, ou um gênero literário, ou um estado de direito, ou um movimento social, são definidos precisamente pelos regimes de enunciados a que dão origem (DELEUZE, 1996, p. 01).

Esses regimes de enunciado não são nem sujeitos nem objetos, que precisam ser definidos pelo visível e pelo enunciável, com suas singularidades (derivações, transformações e mutações). Agamben (2009) propõe dividi-los em duas grandes classes:

De um lado, ou seja, para retomar a terminologia dos teólogos, a ontologia das criaturas e de outro a oikonomia dos dispositivos que tratam de governá-las e guiá-las para o bem. Generalizando posteriormente a já amplíssima classe dos dispositivos foucaultianos, chamarei literalmente de dispositivo qualquer coisa que tenha de algum modo a capacidade de capturar, orientar, determinar, interceptar, modelar, controlar e assegurar os gestos, as condutas, as opiniões e os discursos dos seres viventes. Não somente, portanto, as prisões, os manicômios, o panóptico, as escolas, as confissões, as fábricas, as disciplinas, as medidas jurídicas etc., cuja conexão com o poder é em um certo sentido evidente, mas também a caneta, a escritura, a literatura, a filosofia, a agricultura, o cigarro, a navegação, os computadores, os telefones celulares e – porque não – a linguagem mesma, que é talvez o mais antigo dos dispositivos (p.13).

Assim, é possível compreender que existem dois grandes grupos, e entre eles, como terceiro, os sujeitos, portanto, corolários da relação entre os viventes e os dispositivos. Certamente, as substâncias e os sujeitos, como ocorria na antiga metafísica, tendem a sobrepor-se, mas não plenamente. Em *Acenos e afagos*, há uma cena emblemática que é capaz de situar essa instabilidade possível no ser humano:

Quando a tentação de relatar as mazelas ficasse insuportável, os chefes recomendavam banho frio ou então sexo. Em último caso, a arma contra o próprio peito. E o tiro do samurai. Perguntei se, durante o sexo comigo, ele estaria fugindo da tentação de me relatar as voláteis redes, os misteriosos serviços, ao fim de tudo o terror. Ele se mantinha em contato com esferas inabordáveis e eu deveria permanecer calado no meu canto, sem nada questionar (AEA, p. 99-100).

O fragmento textual citado refere-se a uma passagem em que a personagem-narradora pergunta ao engenheiro, num contexto em que já moravam juntos, sobre qual o trabalho dele, ao que esse responde que era segredo. O baiano passa, então,

a explicar que os funcionários eram treinados para não dizer aos familiares sobre o serviço desempenhado e relata o que deveriam fazer caso desejassem contar a alguém em que trabalhavam. Observa-se, então, que são sujeitos controlados e moldados a agirem de determinado modo, agenciados pelos dispositivos que, inclusive, indicam ao sexo enquanto forma de desvio/controle do assunto.

Neste sentido, afirma Agamben (2009), um mesmo indivíduo, uma mesma substância, pode comportar múltiplas subjetivações, tal como se observa:

Todo dispositivo implica, com efeito, um processo de subjetivação, sem o qual o dispositivo não pode funcionar como dispositivo de governo, mas se reduz a um mero exercício de violência. Foucault assim mostrou como, em uma sociedade disciplinar, os dispositivos visam através de uma série de práticas e de discursos, de saberes e de exercícios, a criação de corpos dóceis, mas livres, que assumem a sua identidade e a sua 'liberdade' enquanto sujeitos no processo mesmo do seu assujeitamento. O dispositivo é, na realidade, antes de tudo, uma máquina que produz subjetivações, e enquanto tal é uma máquina de governo (AGAMBEN, 2009, p. 14).

Para tanto, a estratégia a se adotar nessa relação não pode ser simples, pois se encarrega de liberar o que foi capturado e separado pelos dispositivos e devolvê-lo a uma finalidade comum. Por isso, Agamben (2009, p. 14) se vale de um termo oriundo do campo do direito e da religião romana, que é profanação:

[...] sagradas ou religiosas eram as coisas que pertenciam de algum modo aos deuses. Como tais, eram subtraídas ao livre uso e ao comércio dos homens, não podiam ser vendidas, nem penhoradas, cedidas ao usufruto ou encarregadas de servidão. Sacrilégio era todo ato que violasse ou transgredisse esta especial indisponibilidade que as reservava exclusivamente aos deuses celestes (e eram então chamadas propriamente de 'sagradas') ou inferiores (neste caso, chamavam-se simplesmente 'religiosas'). Esse consagrar (*sacrare*) era o termo que designava a saída das coisas da esfera do direito humano, profanar significava ao contrário restituir ao livre uso dos homens. 'Profano', podia escrever assim o grande jurista Trebácio, 'diz-se, em sentido próprio, daquilo que, de sagrado ou religioso que era, e restituído ao uso e a propriedade dos homens'.

Todo dispositivo resulta num processo de subjetivação, caso contrário, não poderia agir como dispositivo de governo, o que lhe restringiria apenas a um simples exercício de violência. Foucault desvelou como, numa sociedade disciplinar, os dispositivos objetivam a criação de "corpos dóceis", todavia livres. Essa liberdade se expressa em vários momentos de *Acenos e afagos*, como no trecho a seguir citado:

Falava de Cristo sobre as águas. Quando criança sentia uma atração maior por essa cena. Era um verdadeiro espetáculo circense. Ficava imaginando que situação estonteante viria de um trajeto na superfície das águas. Eu também queria, pensava olhando para a gravura antes de dormir. Por que não coube a mim ser Deus? Por que não coube a algum colega de escola ou mais tarde do colégio? Por que não coube ao engenheiro? Andei rápido para pegar o meu novo comparsa em seu trote meio irado. Talvez pudéssemos aproveitar a pachorra do lugarejo e adentrar pelas bordas da mata, até achar um lugar com boa sombra, para quem sabe se fazer um amor que nos recuperasse a longa caminhada. Dei a ideia (AEA, p. 192-193).

Dentre os discursos que mais tentam domesticar os corpos e sua sexualidade, o religioso figura entre os que mais se destacam. No romance de Noll, a todo o tempo, as experiências de Imaculado, sexuais ou não, se aproximam ao universo religioso, tal como na passagem citada, em que a personagem rememora uma cena bíblica – Jesus Cristo andar sobre as águas – e se questiona sobre a divindade, inquirindo por que não lhe coube ser Deus. Em meio a inter-relações com questões religiosas, a narradora-personagem cessa seus devaneios para voltar a um contexto sexual, em cujo desenrolar, transaria com seu novo “comparsa”.

Não apenas o modo brusco como interrompe a temática religiosa para falar sobre seus desejos sexuais é imperativa do que realmente lhe importa, como também a cena do Cristo andando sobre as águas se compara a um espetáculo circense. Investida do irônico e do burlesco, a personagem demonstra sua liberdade, no que concerne ao discurso domesticador da religião, e busca apresentar a liberdade do seu corpo na vivência com aquele que comunga ideais fora da lei.

A cena narrada se inter-relaciona ao pensamento foucaultiano de que, embora dóceis, os corpos, objetivados pelos dispositivos, gozam de certa liberdade. Isso se daria por meio dum conjunto de saberes, práticas, exercícios e discursos, que lhes permitem assumir identidade e liberdade, enquanto sujeitos no seu processo de assujeitamento, ainda que, para isso, tal como no romance, precisem atuar enquanto “comparsas”. Nesse sentido, forma-se uma máquina que produz subjetivações e, somente assim, se constitui como uma máquina de governo, conforme analisa Agamben (2009), no que concerne às inter-relações entre o corpo a corpo e os dispositivos, considerando as estratégias de subjetivação.

Em *Acenos e afagos*, é possível encontrar enunciados que sugerem determinada amoralidade em relação ao papel protagonizado pela personagem-

narradora. Na seguinte passagem do romance, torna-se perceptível o paralelo com a questão de todo dispositivo incidir em uma série de subjetivações:

A permissividade evocada pela penumbra, no entanto, não bastava para pôr fim à nossa difusa desavença. Tanto nos esfregávamos brigando que nossos corpos ficavam aqui e ali bem rubros, unhadados até. Em certos pontos do meu corpo apareciam profundos arranhões –, um deles até tirava sangue, parecíamos répteis serpenteando, deitados de lado, agora frente à frente (AEA, p. 10).

A citação refere-se à épica disputa entre João e o seu amigo engenheiro, ainda na infância, quando tentavam disfarçar frente aos outros o que, naquele período, nem eles ao certo conseguiam distinguir, daí também a busca pela penumbra, cenário constante para encontros amorosos da protagonista. A suposta amoralidade do trecho citado advém, em parte, do fato de serem duas crianças, chocando quem provavelmente visse a cena como imoral, não pela briga, mas sim pelo desejo evocado nos garotos, e, assim, entendesse o romance como amoral.

Embora suas personagens possam ser vistas como amorais, nota-se uma espécie de inquietação que deambula entre a transgressão e a moral, atrelada à moral cristã, podendo sugerir que a desobediência também seja uma maneira de se submeter a determinada convenção. Essa dicotomia, de caráter subjetivo, remete-se ao questionamento de que a relação intrínseca de cada pessoa não constitui a polarização da resistência ao poder, mas um modo de se conceber a relação consigo e seu potencial de reestruturar essa conexão:

O que se chama interioridade cristã é um modo particular de relação consigo que comporta formas precisas de atenção, de suspeita, de decifração, de verbalização, de confissão, de autoacusação, de luta contra as tentações, de renúncia, de combate espiritual, etc. E o que é designado como 'exterioridade' da moral antiga implica também o princípio de um trabalho sobre si, mas sob uma forma bem diferente. A evolução que se produzirá, aliás, com muita lentidão, entre paganismo e cristianismo, não consistirá em uma interiorização progressiva da regra, do ato e da fala; ela operará, antes de mais nada, uma reestruturação das formas de relação consigo e uma transformação das práticas e das técnicas sobre as quais essa relação se apoiava (FOUCAULT, 1984, p. 79).

É possível considerar a linha de desubjetivação cuja processualidade implica subjetividade num dispositivo, tornando-se, portanto, uma linha de fuga, que escapa às outras linhas. Como afirma Deleuze (1996, p. 02): "O 'Si Próprio' (*soi*) não é nem um saber nem um poder. É um processo de individualização que diz respeito a

grupos ou pessoas, que escapa tanto às forças estabelecidas como aos saberes constituídos”, e assim se coaduna com a declaração de Noll (2009, *on-line*) acerca do romance aqui analisado:

O que seria a gradativa troca de gênero sexual? Me parece ser uma imolação: renunciar à casca do homem para ingressar dolorosamente no padrão feminino, para reter seu homem. Os personagens despençam passo a passo para uma espécie de imolação. Só o protagonista tem a experiência do amor total, do amor eterno, como dizia Nelson Rodrigues. É um amor que dura a vida toda, da infância à sepultura [...] estão ali, ainda loucos de tesão, desta vez numa troca homoerótica.

Nota-se, nessa afirmação, a presença de um dispositivo de transgressão moral implícito em *Acenos e afagos*, por meio do qual a libido exalada provoca a sensação de que a personagem-narradora transgride a moralidade. Em outro momento no qual, ainda homem, rememorava o encontro com seu amigo baiano, João narrava de forma mais contundente as reações do seu corpo frente aos desejos pelo rapaz:

O engenheiro, em uma distante madrugada, trouxe-me até em casa. Chovia, e só ele levava guarda-chuva. Antes de entrar em casa, acompanhei seus passos por bons minutos. Ele caminhava na chuva muito devagar. O asfalto molhado espelhava a luz dos postes. Como num filme policial ambientado em San Francisco. Talvez o engenheiro assobiasse na hora uma canção chilena. Ao me despir no quarto, o meu pau viajava sozinho como se solto do meu corpo, tinha o jeito de uma nave esticada ao máximo, rombuda, lutadora. Rijo, como poucas vezes o vi, saíam dele gotas lubrificantes fervorosas (AEA, p. 35).

É possível perceber, nos fragmentos citados anteriormente, o efeito de subjetividade, remetendo à linha de fuga (DELEUZE, 1996), visto que, se socialmente, os dois são apenas amigos, na intimidade do seu quarto, Imaculado revela todo o seu apetite sexual pelo engenheiro, a ponto de se masturbar e gozar repetidamente pensando no colega de infância, inter-relacionando a transição do poder (comportamento na rua) para a subjetividade (desejo extravasado em casa). Dessa forma, ao permitirem o acesso de um dispositivo a outro, as linhas de objetivação ou subjetivação possibilitam o afloramento das linhas de ruptura, pois estão no limiar do dispositivo que, nas palavras de Deleuze (1996, p. 02), também abarca linhas de força:

Dir-se-ia que elas vão de um ponto singular a outro, nas linhas de luz e nas linhas de enunciação; de algum modo, elas 'retificam' as curvas dessas linhas, tiram tangentes, cobrem os trajetos de uma

linha a outra linha, estabelecem o vaivém entre o ver e o dizer, agem como flechas que não cessam de entrecruzar as coisas e as palavras, sem que por isso deixem de conduzir a batalha. A linha de forças produz-se 'em toda a relação de um ponto a outro' e passa por todos os lugares de um dispositivo. Invisível e indizível, ela está estreitamente enredada nas outras e é totalmente desenredável. É ela que Foucault desvenda e descobre a sua trajetória em Rousseau ou Brisset, nos pintores Magritte ou Rebeyrolle.

Trata-se da "dimensão do poder", ordenada com o saber, e o poder é a terceira dimensão do espaço, intrínseco ao dispositivo e volátil em relação aos dispositivos. Foucault (1988) julgava apenas a "regularidade" dos enunciados, por compreender que se trata do "[...] traçado da curva que passa pelos pontos singulares, ou os valores diferenciais do conjunto enunciativo" (DELEUZE, 1996, p. 04), pois, dessa forma, as relações de força serão determinadas a partir das distribuições de singularidades em um campo social.

Quando Foucault (1984) recusa a originalidade de um enunciado, afirma que a incongruência de dois enunciados é circunstancial e insuficiente para discerni-los e marcar a novidade de um em relação ao outro. Nesse viés, a questão mais relevante

[...] é a novidade do próprio regime de enunciação, na medida que ele pode abranger enunciados contraditórios. Por exemplo, pode se perguntar qual regime de enunciado aparece com o dispositivo da Revolução francesa ou da Revolução bolchevique: é a novidade do regime que conta, e não a originalidade do enunciado. Todo dispositivo se define assim por seu teor de novidade e criatividade, que marca ao mesmo tempo sua capacidade de se transformar, ou de se cindir em proveito de um dispositivo futuro, ou ao contrário, de fortificar-se sobre suas linhas mais duras, mais rígidas ou sólidas. Na medida que elas escapam das dimensões do saber e poder, as linhas de subjetivação parecem particularmente capazes de traçar caminhos de criação, que não param de abortar, mas também, de serem retomados, modificados, até a ruptura do antigo dispositivo (DELEUZE, 1996, p. 02).

Com a análise do dispositivo de sexualidade, tendo como mote *Acenos e afagos*, é possível verificar uma transição da genealogia do poder, na ótica foucaultiana, para a genealogia da subjetividade. Isso se concretiza, sobretudo, pelo escape às dimensões do saber e poder, como assinala Deleuze (1996), reinventadas na prática pelas linhas de subjetivação. Na obra literária analisada, um exemplo disso pode ser visto quando a personagem-narradora passa pela experiência de transformar-se, tanto corporalmente quanto em relação aos seus pensamentos e emoções: "Você me ressuscitou!, bradei, como se fosse um

evangélico em surto de louvores. E me desceu uma sensação ridícula por estar diante de um homem que literalmente instituíra o impossível” (AEA, p. 83).

O momento em que ressuscita leva a personagem-narradora a assumir uma forma mais feminina, comparável, na citação anterior, à figura de um religioso em delírio, que remete aos gritos e ao êxtase característicos desses momentos nas igrejas evangélicas. A identidade feminina que vai sendo assumida ainda é para a personagem um trânsito em si mesma: “[...] Só por me encontrar na travessia para a mulher que eu vinha conhecendo no meu dia-a-dia, só por isso ficava assim tão atento aos traços mínimos das horas” (AEA, p. 99).

A ressurreição delinea também a variedade de identidades, as quais podem se relacionar ao dispositivo, que é: “[...] uma multiplicidade na qual esses processos operam em devir, distintos dos que operam noutro dispositivo” (DELEUZE, 1996, p. 03). Nesse sentido, João Imaculado, desde a infância, vislumbra as identidades múltiplas que transitariam em si, incluindo as modificações corporais, tal como o devir que modifica a história, conforme Deleuze (1996):

Porque o que surge como atual, ou o novo, em Foucault, é o que Nietzsche chamava o intempestivo, o inatual, esse devir que bifurca história, um diagnóstico que faz prosseguir a análise por outros caminhos. Não é predizer, mas estar atento ao desconhecido que bate à porta (p. 5).

Na narrativa de Noll, sua protagonista é alguém que esteve por toda a vida numa espécie de devir, vivenciando pelo imaginário, muitas vezes, os sinais que o desconhecido lhe apresentava, entregando-se a uma vida geralmente muito associada ao sexo e ao desejo homoerótico. Contudo, quando já experiencia uma vida amorosa ao lado do engenheiro, em determinado momento, ela decide que quer ter uma vida casta, também acompanhando as transições do “desconhecido”:

Agora eu aspirava a viver na castidade. O segurança contudo preferia não saber. Avançou e pôs a mão entre minhas pernas. **Esse lugar que se fazia forma, com vista à vagina, vulva, esse lugar estremeceu com seus dedos afiados. No entanto eu não queria mais sexo.** Planejava uma evasão da carne para uma espécie de vago assomo, ainda que assomo acolhesse a matéria carnal de **minha pélvis em franca mutação. Eis um processo metódico, já anunciando uma alvissareira formatação.** Eu estudava uma coreografia anterior à concupiscência dos corpos. Viajaria nessa onda, para passar na prova a oficial da castidade (AEA, p. 174, grifos nossos).

Nesse fragmento do romance, personagem-narradora encontra-se num caminho bifurcado de sua história, tanto pela transição corporal que vive quanto pelos encaminhamentos subjetivos que dá à sua vida. Em relação ao corpo, por mais que almejasse a feminilidade também acentuada em sua corporalidade, ainda vivencia determinado estranhamento quanto às mudanças na forma física, pois ao se referir às partes íntimas, primeiro chama a região de “esse lugar que se fazia forma”, depois repete o “esse lugar” e, por fim, fala em “minha pélvis em franca mutação”. Entretanto, se as mudanças ainda estão proporcionando a sensação dissonante, também já são vistas de forma alvissareira, esperançosa, como prenúncio de boas novas, numa semântica litúrgica de quem quer ser casta.

O mesmo trecho permite entrever que a narradora continua enredada no sexo, haja vista a atuação do segurança, contudo, subjetivamente, ela pensa em encaminhar-se a uma suposta castidade. Dessa forma, há uma bifurcação em sua história pessoal, a qual entrelaça os anseios da subjetividade às transformações corporais, denotando a personagem-narradora que tivesse atenção aos desdobramentos do devir, que embarcasse na nova onda trazida pelo desconhecido à sua vida, proporcionando novas formas de (re)existir – o que se aproxima, nos dizeres de Deleuze (1996), a uma estética da existência em Foucault.

Deleuze (1996) observa que Foucault fez referência aos critérios “estéticos”, que compreendia como parte integrante dos critérios de vida e, cada um a seu momento, substitui “[...] pretensões de um juízo transcendente por uma avaliação imanente. Quando lemos os últimos livros de Foucault, devemos, o quanto possível for, compreender qual o programa que ele propõe aos seus leitores” (p. 227). Tal plano implica uma estética intrínseca dos modos de existência como última dimensão dos dispositivos, a qual possibilita compreender, juntamente com a notação do jogo das distinções, e de que as pessoas são a diferença, que a escrita de Noll encampa subjetividades e marca a dissemelhança pela resistência.

No momento em que *Acenos e afagos* desvela identidades plurais de gênero e sexualidade, evidencia dispositivos de sexualidade confrontados pelo desejo de liberdade daqueles que querem, apenas, a liberdade de vivenciar seus desejos sem que, para isso, sejam postos às margens ou precisem se encontrar entre os escombros, nas ruas à noite, nas saunas, nos submarinos, como subterfúgios para uma vida que não pode ser exposta. Nessa perspectiva, a genealogia da

subjetividade diretamente confronta os discursos que formam os dispositivos de controle para o exercício de uma genealogia do poder.

Segundo Foucault (1988), na unidade do dispositivo, o poder sobre o sexo opera de igual forma em todos os níveis, funcionando conforme o mecanismo simples que se move segundo a lei, pela interdição e pela censura:

[...] do Estado à família, do príncipe ao pai, do tribunal à quinquilharia das punições quotidianas, das instâncias da dominação social às estruturas constitutivas do próprio sujeito, encontrar-se-ia, em escalas diferentes apenas, uma forma geral de poder. Essa forma é o direito, com o jogo entre o lícito e o ilícito, a transgressão e o castigo. Quer se lhe empreste a forma do príncipe que formula o direito, do pai que proíbe, do censor que faz calar, do mestre que diz a lei, de qualquer modo se esquematiza o poder sob uma forma jurídica e se definem seus eleitos como obediência. Em face de um poder, que é lei, o sujeito que é constituído como sujeito, — que é ‘sujeitado’ — é aquele que obedece. À homogeneidade formal do poder, ao longo de todas essas instâncias, corresponderia, naquele que o poder coage — quer se trate do súdito ante o monarca, do cidadão ante o Estado, da criança ante os pais, do discípulo ante o mestre — a forma geral da submissão. Poder legislador, de um lado, e sujeito obediente do outro. (p. 82).

As táticas constituem as formas de estabelecer ordem entre os poderes, no sentido de restringir os indivíduos por meio da sujeição e dominação, até culminar no princípio da obediência. Essas instâncias de poder operaram como um bloco, subjungando os indivíduos a um conjunto de regras sociais determinadas por meio do direito. No século XVIII, chegaram a funcionar mediante regras, não pelo direito, mas através da técnica; não pela punição, mas pelo controle, exercido por meio das instâncias de poder, as quais são uma multiplicidade de correlações de forças inerentes ao âmbito em que se exercem. Tal poder opera em meio a relações dessemelhantes por todos os lados, as quais estão no nível produtivo da ordem social, formando uma linha de força geral que condiciona os corpos a exercerem determinadas funções sociais (DELEUZE, 1996).

Segundo Foucault (1988), é necessário observar quatro regras em torno do poder exercido sobre o sexo: 1) de imanência, 2) das variações contínuas, 3) do duplo condicionamento; 4) da polivalência tática dos discursos. Nesse sentido, a primeira consiste em “não considerar que existe um certo domínio da sexualidade que pertence, de direito, a um conhecimento científico, [...] mas sobre o qual exigências do poder fizeram pesar mecanismos de proibição” (p. 93). O filósofo defende que a sexualidade se instituiu como um campo a ser conhecido, mas as relações de poder a

constituíram como objeto possível. A segunda regra, em vez de buscar uma ordem da sexualidade no sentido de verificar quem detém mais poder (homens, adultos, pais, médicos) e quem é dele privado (mulheres, adolescentes, crianças, doentes etc.), busca compreender “[...] o esquema das modificações que as correlações de força implicam através de seu próprio jogo” (p. 94).

Quanto à questão das pessoas privadas do poder concernente ao sexo, em *Acenos e Afagos*, é possível percebê-la na esposa do personagem-narrador, na primeira fase da narrativa. Embora mantivessem relações íntimas muito esporadicamente, a mulher nada cobrava em relação a isso e quando João Imaculado a procurava, ela estava sempre ali disponível, como no trecho descrito a seguir:

Não dá outra: ela desliga a televisão e passa a se despir. Tiro a roupa me arranhando, passo o dedo entre seus lábios úmidos e tépidos. Estou pegando fogo e acho que será a melhor foda e muitos anos. Monto nela certo de que é o momento exato de penetrá-la. No entanto o meu pau não sobe (AEA, p. 62).

Na citação anterior, após notar a plena incapacidade de o marido manter uma ereção com ela, em nenhum momento, percebe-se o afã de a esposa discutir o assunto ou mesmo a relação. Pelo contrário, ela volta a assistir televisão e depois dormir, como se aceitasse tacitamente, e de forma resignada, a sua condição de segundo dos pares que lhe fora socialmente imposta.

Concernente à regra do duplo condicionamento, o pensador observa que a inserção de uma estratégia global é decisiva em relação ao pleno funcionamento de um “foco local” e “esquema de transformação” por meio de encadeamentos sucessivos (FOUCAULT, 1988). Salienta que, ao contrário, nenhuma estratégia seria suficientemente capaz de promover efeitos globais se não apoiada em relações precisas e tênues que lhe ajudassem a dar suporte e ponto de fixação:

Entre elas, nenhuma descontinuidade, como seria o caso de dois níveis diferentes (um microscópico e o outro macroscópico); mas, também, nenhuma homogeneidade (como se um nada mais fosse do que a projeção ampliada ou a miniaturização do outro); ao contrário, deve-se pensar em duplo condicionamento, de uma estratégia, através da especificidade das táticas possíveis e, das táticas, pelo invólucro estratégico que as faz funcionar. Assim, o pai não é o ‘representante’ na família, do soberano, ou do Estado; e os dois últimos não são, absolutamente, projeções do pai em outra escala. A família não reproduz a sociedade; e esta, em troca, não imita aquela. Mas o dispositivo familiar, no que tinha precisamente de insular e de heteromorfo com relação aos outros mecanismos de poder pôde

servir de suporte às grandes ‘manobras’ pelo controle malthusiano da natalidade, pelas incitações populacionistas, pela medicalização do sexo e a psiquiatrização de suas formas não genitais (FOUCAULT, 1988, p. 94).

Sobre a quarta regra, a saber, a da polivalência tática dos discursos, Foucault (1988) esclarece que, precisamente no discurso, se articulam poder e saber. Por isso, “deve-se conceber o discurso como uma série de segmentos descontínuos, cuja função tática não é uniforme nem estável” (p. 94). Ou seja, não se deve conceber um mundo discursivo desmembrado entre o discurso admitido e o excluído, ou entre o discurso dominante e o dominado, mas como uma pluralidade de elementos que podem incidir em distintas estratégias:

É essa distribuição que é preciso recompor, com o que admite em coisas ditas e ocultas, em enunciações exigidas e interditas; com o que supõe de variantes e de efeitos diferentes segundo quem fala, sua posição de poder, o contexto institucional em que se encontra; com o que comporta de deslocamentos e de reutilizações de fórmulas idênticas para objetivos opostos. Os discursos, como os silêncios, nem são submetidos de uma vez por todas ao poder, nem opostos a ele. É preciso admitir um jogo complexo e instável em que o discurso pode ser, ao mesmo tempo, instrumento e efeito de poder, e também obstáculo, escora, ponto de resistência e ponto de partida de uma estratégia oposta (FOUCAULT, 1988, p. 95).

O discurso produz e difunde poder; intensifica-o, mas também o fragiliza; o silêncio e o segredo lhe dão abrigo, estabelecem suas interdições e possibilitam tolerâncias obscuras. No que concerne ao enfrentamento, e conseqüente desconstrução dos discursos, destaca-se o seguinte fragmento de *Acenos e afagos*:

Eu conseguia ler sua meditação. Se ficássemos sem saída eu proporia um pacto de suicídio na selva. Como os primeiros cristãos, seríamos devorados por animais como onças, serpentes, cães do mato, enxames e outros tantos horrores. Havia uma soberba em seu mutismo. Agora eu o ajudaria a maquiar seus negócios escusos, embora não soubesse muito bem o real alcance dessa maquiagem (AEA, p. 134).

Nessa passagem, a personagem-narradora já está casada com o engenheiro e sabe que ele se envolveu em negócios escusos. Entretanto, a felicidade conjugal era tamanha que ela ignora todos os preceitos sociais, todas as condenações morais e legais, mostrando-se disposta até mesmo a morrer com seu amor. Vislumbra-se também a resistência da relação homoerótica vivenciada, a qual confronta os ditames morais religiosos – observáveis, especialmente, na referência

irônica aos primeiros cristãos, tidos como mártires pela Igreja –, os comportamentos normatizados pela sociedade e, até mesmo, há um enfrentamento jurídico-legal.

Foucault (1988) lembra o que constituiu um dos grandes pecados contra a natureza, discorre sobre a narrativa extremista dos textos que versavam acerca da sodomia (para ele, tratava-se de categoria muito confusa) e destaca que a reticência generalizada sobre tal assunto admitiu, por muito tempo, um duplo funcionamento:

por um lado, a extrema severidade (pena de fogueira ainda aplicada no século XVIII, sem que se formulasse nenhum protesto importante, até a metade do século) e, por outro lado, a tolerância seguramente bem ampla (que se deduz, indiretamente, a partir das raras condenações judiciais e que se pode perceber mais diretamente através de certos testemunhos sobre as sociedades masculinas que podiam existir no exército e nas cortes). Ora, o aparecimento, no século XIX, na psiquiatria, na jurisprudência e na própria literatura, de todo uma série de discursos sobre as espécies e subespécies de homossexualidade, inversão, pederastia e ‘hermafroditismo psíquico’ permitiu, certamente, um avanço bem marcado dos controles sociais nessa região de ‘perversidade’; mas, também, possibilitou a constituição de um discurso ‘de reação’: a homossexualidade pôs-se a falar por si mesma, a reivindicar sua legitimidade ou sua ‘naturalidade’ e muitas vezes dentro do vocabulário e com as categorias pelas quais era desqualificada do ponto de vista médico (FOUCAULT, 1988, p. 96).

Na reflexão foucaultiana, não existem discursos de poder que se contrapõem, pelo contrário, trata-se de “[...] elementos ou blocos táticos no campo das correlações de força” (FOUCAULT, 1988, p. 96). Contudo, o filósofo admitia a possibilidade de existirem discursos diferentes ou até contraditórios dentro de uma mesma estratégia: “Não se trata de perguntar aos discursos sobre o sexo de que teoria implícita derivam, ou que divisões morais introduzem, ou que ideologia — dominante ou dominada — representam” (p. 96), mas, é preciso questioná-los nos dois níveis, o de sua produtividade tática e o de sua integração estratégica.

Desse modo, a sexualidade menos se caracteriza como arroubo estranho, indômito a um poder que várias vezes não a controla por inteiro, e mais surge como:

[...] um ponto de passagem particularmente denso pelas relações de poder; entre homens e mulheres, entre jovens e velhos, entre pais e filhos, entre educadores e alunos, entre padres e leigos, entre administração e população. Nas relações de poder, a sexualidade não é o elemento mais rígido, mas um dos dotados da maior instrumentalidade: utilizável no maior número de manobras, e podendo servir de ponto de apoio, de articulação às mais variadas estratégias (FOUCAULT, 1988, p. 98).

Assim, entende-se que não existe uma estratégia exclusiva, válida para toda a sociedade, e que se refira harmonicamente a todas as manifestações do sexo. Por conta disso, a tentativa de reduzi-lo à mera função reprodutiva fracassou, ao não existir regra singular que comporte a complexidade envolta nesse tema. No seguinte trecho do romance analisado, quanto ao discurso de reação, observa-se a legitimidade e a naturalidade dos desejos, também como afronta a um discurso religioso:

Toda a mágoa que vinha sentindo pelo engenheiro, nos últimos momentos, se dissipava agora. Eu decididamente não o queria morto. Meu corpo respondia, marcava presença diante do cadáver do meu homem. Disfarcei o tesão pensando que os restos dele pareciam os de Cristo. Se houvesse na casa alguns excedentes, traria lençóis para colocar em volta do defunto, como uma figura bíblica. Mas eu me excitava de fato (AEA, p. 171).

No trecho apresentado, enquanto reafirmação do seu amor pelo engenheiro, a narradora destaca justamente a excitação que sentia por ele, inclusive frente ao corpo inerte, o que poderia ser considerado como uma forma de desrespeito, segundo um viés de moralidade. Essa reafirmação de uma identidade de gênero, entretanto, também se marca pelo enfrentamento ao discurso religioso, quando ela compara o seu amado a Jesus Cristo e, posteriormente, a uma figura bíblica, subvertendo a lógica normatizadora e moralizante para delinear um espaço de resistência e afirmação de identidades de gênero e da diversidade sexual, vistas como dissonantes aos padrões ditados pela moral cristã.

Em consonância a Foucault (1988), entende-se a sexualidade como o nome que se pode dar a um dispositivo histórico enquanto grande rede em que a estimulação dos corpos, a intensificação dos prazeres, a incitação ao discurso, a formação dos conhecimentos, o reforço dos controles e das resistências, encadeiam-se uns aos outros. Isso ocorre conforme as amplas estratégias de saber e de poder, observadas, no romance de Noll, pela confrontação de discursos historicamente sedimentados na sociedade, como forma de marcar uma resistência que se faz, dentre outras características, proporcionando a experimentação (ou não) do que Eliane Robert de Moraes (2003) nomeia como “efeito obsceno”, a ser discutido e analisado no próximo capítulo.

4 ACENOS, AFAGOS, (OBS)CENOS

4.1 Fora de cena: obscenidade, pornografia, erotismo

Porto Alegre – RS, 2017: *Exposição Queermuseu – Cartografias da diferença na arte brasileira* foi cancelada; São Paulo – SP, 2017: Performance artística no Museu de Arte Moderna, com um homem nu, foi cancelada; Minas Gerais – MG, 2018: Editora Sexo da Palavra teve publicação censurada; Rio de Janeiro – RJ, 2018: *Exposição Queermuseu – Cartografias da diferença na arte brasileira* foi cancelada. O que todos estes fatos têm em comum? Por um lado, foram julgados sob a ótica da moralidade, da interdição dos discursos regulatórios e, portanto, rotulados como obscenos. Por outro lado, trazem, em consonância, a arte como elemento de resistência e constituem um movimento de naturalização do sexo, tal qual como ocorre em *Acenos e afagos*, de João Gilberto Noll (2008), ainda que, para isso, talvez seja preciso “chocar” o público mais desavisado.

Em sua narrativa, Noll traz à cena alguns episódios que poderiam ser interpretados como obscenos, a exemplo do momento em que o pai, de certo modo, repreende-se por olhar o corpo nu do filho. É preciso, contudo, considerar o efeito relativo da obscenidade, pois o que, para alguns, pode soar como atraente em termos eróticos, para outros, pode ser reputado como imoral, a exemplo do que pode ser percebido no seguinte trecho do romance em análise:

Nunca nos tocamos como amantes, certo. Mas era como se ambos se guardassem para o dia em que a cama virasse o mais farto dos pomares. Minha mancada tinha sido essa: aguardar, aguardar, para o dia que fosse compensar toda a espera. Repetia a mim mesmo a nobre qualidade dessa paixão, sem que isso parecesse piegas demais. Porto Alegre sem o meu amigo engenheiro viraria a extremidade do sul do tédio. Para quem eu ia cantarolar ‘quem acha vive se perdendo’ do Noel? Para quem eu dedicaria minhas punhetas ao chegar em casa, logo após uma reunião boêmia com ele? Essas punhetas nos pós-encontros me distendiam, era quase como ter uma vida sexual satisfatória, contando com a presença preliminar de um amante casto. Mesmo que aquele platonismo vicioso pudesse aqui e ali me frustrar, as punhetas me absolviam das privações. Duvido que ele também não tocasse uma bronha depois dessas proximidades noturnas (AEA, p. 34).

Ao afirmar que ambas as personagens viviam uma relação na qual, de certa forma, pareciam se guardar para o dia em que, efetivamente, transariam, a narração

assume ares parcialmente românticos, no campo da idealização. Todavia, à medida em que avança, palavras como punheta e bronha, aliadas ao fato de descreverem o desejo homoerótico, apresentam ao leitor a subjetividade dos prazeres de Imaculado, que não vê no engenheiro apenas um amigo, conforme discutiu-se anteriormente.

Dessa forma, para uns, o trecho pode possibilitar identificações e fruição no que se lê, contudo, considerando a normatividade das relações sociais e as constantes tentativas de regulamentarem o desejo sexual e os corpos dos sujeitos, para uma parte considerável do público, o fragmento seria visto como amoral, já que “[...] a palavra obscena subverte sua função abstrata de signo para ganhar um corpo próprio que, no limite, substitui a presença do corpo real” (MORAES, 2003, p. 01). Assim, entende-se que é possível relacionar também o efeito obsceno gerado no leitor à subjetividade que um dispositivo implica. Isso, por sua vez, tornando-se uma linha de fuga que, como afirma Deleuze (1996), escapa às demais linhas (de: visibilidade, enunciação, força, de subjetivação, brecha, fissura e fratura), considerando-se o processo de individualização vivenciado pelo sujeitos – de modo individual ou coletivo, transgredindo as forças e saberes previamente estabelecidos.

Segundo a *Enciclopédia Italiana* (1949), existem duas teorias populares que definem a palavra “obsceno” como advinda do latim: a primeira afirma que *obscenus* está formada pelas raízes *ob* (enfrentamento ou oposição) e *caenum* (sociedade), e se refere a algo indecente, sem pudor ou que ofende aos sentidos; A segunda é que *obscenus* vem de *ob* (enfrentamento ou oposição) e *scenus* (cena) e que significa algo como “fora de cena”, ao dizer que são coisas que não se mostram em uma obra teatral, mas que se imaginam. Contudo, *oscèno* é um adjetivo que vem do latim *obscenus* ou *obscaenus*, de etimologia incerta, que significa “mal auguro” e sugere a sensação de indecência, especialmente no que se refere ao alcance da sexualidade: palavras, frases ou comportamento; escrituras, puníveis por lei, se cometidas em um lugar público ou expostas ao público; gesto, escrita, imagens, fotografias ou músicas; também alude a algo torpe, impuro e repugnante.

Especificamente no tocante à acepção de “mau auguro”, Georges Bataille (1987) sugere que a obscenidade era vista pelo cristianismo sob essa ótica porque consideravam que tal comportamento atrairia punição divina; então, não era bom se expor aos males que poderiam decorrer das práticas consideradas obscenas, o que gerava escândalo. O autor comenta sobre o antagonismo entre o amor divino e carnal:

a importância da obscenidade na ordenação das imagens-chave da atividade sexual acabou por cavar o abismo que separa o misticismo religioso do erotismo. É em razão dessa importância que a oposição do amor divino e do amor carnal é tão grande. A aproximação, que em última instância, associa os desvios da obscenidade às efusões mais santas escandaliza, necessariamente (BATAILLE, 1987, p. 228).

Na obra *Il mondo allaroveschia* ('o mundo de cabeça para baixo'), Giuseppe Cocchiara (1981) informa que, na época do carnaval, sobretudo mais antigamente, havia temporária inversão dos valores tradicionais e era comum fazer encenações públicas das transgressões daquilo que era considerado como norma cotidiana. Entre as formas de expressão que violavam a moral e os bons costumes, eram mais frequentes as que faziam menção às representações obscenas. Assim, os protagonistas da cena se valiam de suas máscaras (o que lhes permitia esconder a verdadeira identidade), para fazer o seu espetáculo que, geralmente, se constituía de insultos, sobretudo contra os poderosos. Tudo isso se fazia por meio de frases obscenas.

Para Moraes e Lapeiz (1984), a expressão *scena* é mencionada pelos teóricos, quase que unanimemente, como a que realmente dá origem do termo:

Aliás, a palavra obsceno pode iluminar nossa pista, especialmente pela sua ambiguidade. Ao pesquisá-la encontramos duas versões. Havelock Ellis, médico inglês do século passado e pioneiro da sexologia, sugere que a palavra é uma corruptela ou uma modificação do vocábulo *scena* e que seu significado literal seria 'fora de cena', ou seja, aquilo que não se apresenta normalmente na cena da vida cotidiana. Aquilo que se esconde. [...]. Do outro lado, o 'Aurelião' nos informa: obsceno é '1. o que fere o pudor; impuro; desonesto; 2. diz-se de quem profere ou escreve obscenidades', isto é, aquilo que se mostra, 'em frente à cena' (*ob* = em frente, *sceno* = cena). Assim, proferir uma obscenidade é colocar em cena algo que deveria estar nos bastidores (MORAES; LAPEIZ, 1984, p. 8).

Nesse sentido, as expressões consideradas obscenas pelo aporte teórico utilizado para fundamentar este estudo suscitam a imperiosidade de se compreender os conceitos de "obscenidade" e, especialmente considerado o aspecto discursivo, estabelecer um elo com o efeito obsceno explanado por Moraes (2003). Essa autora reconhece a dificuldade de se determinar as diferenças entre erotismo e pornografia e sinaliza que os historiadores optam por utilizar os dois termos sem fazer distinção, como decorrência da semelhante indecisão formal que impossibilita o reconhecimento de um gênero literário.

No romance em análise, é possível observar vários trechos que implicam a questão do efeito obsceno, como no trecho a seguir:

Todos de quepe, com a suástica frontal sobre a aba. Na tela viam-se caralhos monumentais saindo de braguilhas sujas de sangue, vômito e porra, claro. Viam-se franguinhos adolescentes chupando o pau do coronel na farda de gala. Esse militar, quando não estava sendo sorvido pela garotada, inspecionava com galhardia as atividades incendiárias (AEA, p. 25).

Enquanto, para alguns, o trecho citado pode sugerir obscenidade, para outros, sugeriria uma imoralidade excitante. Contudo, ainda existem aqueles que poderão lê-lo sob uma ótica amoral, cujo aspecto está presente em toda a narrativa da personagem principal, e não seriam tão afetados pelo relato. João Imaculado narra sem pudor as suas experiências, possibilitando, inclusive, aos leitores que assim se permitem, perceber o gozo da personagem com as situações vividas. No caso dessa passagem específica, ao componente da narrativa sexual e do vocabulário utilizado, o cenário e o contexto do militarismo, numa incursão proibida, reverberam ainda mais a tônica da obscenidade que pode ser interpretada na cena.

Especificamente em relação à obscenidade, Daniel Wanderson Ferreira (2010), em *As matrizes discursivas do pensamento de Sade*, afirma ser algo de difícil compreensão, uma vez que suas dimensões são identificadas por meio de enunciações que estão restringidas pela experiência social em dado momento histórico: “[...] não se trata apenas de uma dificuldade em definir o erótico, mas de perceber que cada expressão do corpo tem sentido diferente dependendo do lugar e do tempo em que são experimentadas” (FERREIRA, 2010, p. 30).

Em “Literatura, erotismo e pornografia em *O caderno rosa de Lori Lamby*, de Hilda Hilst”, Alessandra Maria Silva (2017) observa que a sociedade impõe costumes no que tange ao uso das palavras pertencentes ao seu patrimônio linguístico, considerando o padrão sociocultural e financeiro como baliza nesse processo. Assevera ainda que “[...] as palavras são subestimadas e classificadas em grupos distintos e isolados. São propostos usos e desusos de palavras conceituadas como proibidas ou permitidas, classificações estas que seguem uma hierarquia” (p. 38), a qual é elaborada em decurso ocorrido ao longo dos tempos e da evolução social de um determinado povo.

Nesse sentido, pode-se considerar a impossibilidade de categorização de uma palavra ou expressão, aferindo a ela uma conotação de superioridade ou

inferioridade linguística, já que implica um processo cultural em que determinado termo pode ser classificado pejorativamente por um grupo social e, inversamente, para outro, seja considerado como melhorativo: “Linguisticamente não há probabilidade nenhuma de se conseguir um indício de que uma palavra sinônima de outra deve ser proibida, inferior ou descabida dentro de qualquer contexto que seja” (SILVA, 2017, p. 38).

Henry Miller, ao escrever o ensaio “*L’obscénité et la loi de réflexion*” (1949), quando teve o seu livro *Trópico de câncer* censurado na década de 1930 (e ficou proibido mais 34 anos), observou que “[...] não é possível encontrar a obscenidade em qualquer livro, em qualquer quadro, pois ela é tão-somente uma qualidade do espírito daquele que lê, ou daquele que olha⁹” (p. 9). Isso corrobora com o que é nomeado por Moraes (2003) como “efeito obsceno”, pois trata-se de uma impressão muito particularizada e fruto da formação individual de cada ser.

Em *O livro luminoso da vida*, o autor inglês David Herbert Lawrence (2010) reserva um capítulo para falar especificamente sobre pornografia e obscenidade e introduz o texto com a seguinte observação: “[...] o que elas são depende, como de costume, inteiramente do indivíduo. O que é pornografia para um homem é a risada de gênio de outro” (p. 90). Esse pensamento do escritor inglês coaduna com a ideia foucaultiana das Linhas de Subjetivação, as quais, segundo Agamben (2009), acentuam o cunho absoluto que tem poder, envolvendo toda a sua engrenagem nos mecanismos de sujeição, já que as sociedades contemporâneas se mostram como corpos fixos transpassados por modos de desubjetivação que não fazem nenhuma correspondência com a real subjetivação.

Concernente a essa subjetividade em relação à compreensão do pornográfico, Lawrence (2010) afirma que:

O homem é um animal mutante, e as palavras mudam seu significado com ele, e as coisas não são como pareciam, o que é transforma-se no que não é, e se pensamos que sabemos onde estamos é porque estamos sendo transformados muito rapidamente para outro lugar, temos que deixar tudo com a maioria, tudo com a maioria, tudo com a ralé, a ralé, a ralé. Ela sabe o que é obsceno, com certeza. Se os dez milhões de baixo não sabem mais que os dez de cima, então tem alguma coisa errada com a matemática. Faça uma votação! Mostre as mãos e mostre qualquer coisa contando-as! (p. 91).

⁹Tradução de D. Kotchouhey

Portanto, é preciso repudiar o pensamento de que o apelo sexual por meio da arte constitui pornografia. O sexo é um poderoso estimulante, fundamental para a vida humana e promove um sentimento de gratidão quando sentimos fluir de forma quente e natural através de nós (LAWRENCE, 2010).

Em relação ao termo pornografia, Lynn Hunt (1999) realça como o século XIX foi importante para que houvesse uma definição:

Em termos linguísticos, os meados do século XIX foram cruciais. Em 1857, a palavra pornografia apareceu pela primeira vez no *Oxford English Dictionary*, e a maioria de suas variações — pornógrafo e pornográfico — datam do mesmo período. Esses verbetes surgiram na França um pouco antes. Segundo o *Trésor de la langue française*, a palavra pornographe apareceu primeiro em 1769, no tratado de Restif de la Bretonne (sic) intitulado *Le Pornographe*, aludindo a textos sobre prostituição, enquanto pornographique, pornographe e pornographie, no sentido de escritos ou imagens obscenos, datam de 1830 e 1840 (p. 13-14).

Ainda que a fundamentação teórica que versa sobre o termo “pornografia” e sua consequente repressão possa ser datada desde o século XVI, só a partir do século XIX é que passou a ser adotada uma conceituação sobre essa expressão, a saber, uma “escritura prostituída”. Dessa forma, todo autor que se valesse da pornografia enquanto predileção literária seria reputado como uma espécie de escritor que foi subjugado pelo mercado e se sujeitou a uma literatura de baixa qualidade, conforme assegura Carlos Alexandre da Silva Rocha (2014).

Boris Vian (2009), em *Utilidad de una literatura erótica*, afirma que é impossível determinar o que é pornográfico, erótico ou obsceno, uma vez que os três se referem a mesma coisa. Contudo, ao contrário do que defende Vian, os críticos parecem definir individualmente, embora sem muita clareza, cada um dos três tipos de literatura que abordam o sexo (ROCHA, 2014). Segundo Lawrence (2010), pornografia e obscenidade são expressões distintas; enquanto a primeira é aquilo que torna o sexo sujo, imoral e depreciado, a obscenidade depende diretamente do olhar de quem lê (vê), por ser completamente relativa, à mercê direta dos costumes (os quais são mutáveis ao longo do tempo).

Porém, o termo “obsceno” estaria impregnado de subjetividade. Corinne Maier (2005), em *Lo obsceno: la muerte en acción* (2005), afirma que a interpretação se altera de acordo com a visão particular de cada pessoa que a estuda. Embora as concepções sobre obscenidade não sejam uniformes, Maier (2005) sustenta que

esse termo tanto pode estar presente num contexto pornográfico quanto na observação de um corpo em estado de putrefação ou até mesmo em uma programação televisiva. “O obsceno, portanto, estaria ligado tanto ao erotismo, como à pornografia, uma vez que coloca os corpos em exibição, variando as lentes e o ângulo com que se observa o corpo nu” (p. 10).

Já para Jean Baudrillard, em *As estratégias fatais* (1996), o obsceno representa o encerramento da cena, pois envolve uma visibilidade excessiva:

A cena é da ordem do visível. Mas não há mais cena no obsceno, só há a dilatação da visibilidade de todas as coisas até o êxtase. O obsceno é o fim de qualquer cena. Além disso, ele é o mau augúrio, como seu nome indica. Pois essa hipervisibilidade das coisas é também a iminência de seu fim, o sinal do apocalipse. Todos os sinais a carregam consigo, e não apenas os sinais infra-sensuais e desencarnados do sexo. Ela é, com o fim do segredo, nossa condição fatal. Se todos os enigmas forem resolvidos, as estrelas se apagarão. Se todo o segredo for devolvido ao visível e ao mais do que visível, à evidência obscena, se toda ilusão for devolvida à transparência, então, o céu se tornará indiferente à terra. Em nossa cultura tudo se sexualiza antes de desaparecer. Não é mais uma prostituição sagrada, mas uma espécie de lubricidade espectral, que invade todos os ídolos, os sinais, as instituições, o discurso – a alusão, a inflexão obscena que invade todos os discursos, deve ser considerada o sinal mais seguro de seu desaparecimento (p. 49-50).

Na visão baudrillardiana, no momento em que a obscenidade se exhibe, a cena deixa de existir, ou seja, o obsceno é ultravisível, por se apresentar em um universo sem aparências e profundidade. Desta forma, com o surgimento da tecnologia, o obsceno é “exibido na televisão, na internet, além de ser vendido. Logo, o obsceno, nessa concepção, abraçaria a sociedade do consumo e elaboraria as formas de pensar, tornando tudo uma mercadoria” (ROCHA, 2014, p 40). Segundo Dominique Maingueneau (2010),

a obscenidade é uma maneira imemorial e universal de dizer a sexualidade. Sua finalidade não é, em primeiro lugar, a representação precisa de atividades sexuais, mas sua evocação transgressiva em situações bem particulares. Ela se baseia em um patrimônio partilhado pelos membros de uma mesma comunidade cultural (MAINGUENEAU, 2010, p.25).

O pensamento citado anteriormente coaduna com Lawrence (2010) e, no âmbito da literatura em especial, torna profundamente subjetivo o que pode ser interpretado como obsceno ou não. Isso incide no pensamento de Moraes (2003), defendendo que a questão da nomeação é o aspecto principal no que se refere à

compreensão atual da pornografia. Para a autora, “[...] a nomeação das posições sexuais e das partes mais secretas do corpo, valendo-se dessa ‘língua técnica’ cujos termos foram expulsos da decência” (MORAES, 2003, p. 123) determina o efeito obsceno que será produzido no leitor. Nessa perspectiva, retomamos a narrativa nolliana, no momento em que Imaculado se encontra com o engenheiro:

Deitados, fiz menção de virar o seu corpo, e ele de fato se virou. Eu já de joelhos, admirando-o de costas para mim. Separei suas nádegas. Por aquele orifício chamado cu tinham passado caralhos alemães de todos os naipes e calibres. Fui enfiando devagarzinho o meu indicador. O dedo saía e entrava para o casal se aquecer com um mini-coito. Ele gemia deslavadamente. No início não entendi se era gemido de dor ou de deleite. Enfiei meu dedo um pouco mais fundo e seu gemido agora parecia francamente o das reminiscências dos infernos dourados. Temia que, numa dessas, meu dedo viesse todo cagado. Mas tal não aconteceu, honra aos céus. Então verifiquei ser aquilo mesmo, ele tinha sido comido por todos do navio, sabe-se lá por quanto tempo, e eu precisava providenciar que o meu cacete ficasse em forma permanente, para poder penetrar naquele a quem amava feito cego (AEA, p. 92).

Ao longo do romance, o leitor acompanha a expectativa do momento em que Imaculado efetivamente se entregará sexualmente ao engenheiro, contudo, a expectativa é criada na perspectiva de que João será dominado pelo amigo baiano, em termos de posição sexual. Pela passagem narrada, ao contrário das especulações, o colega de infância é passivo na relação, o que se percebe através da narrativa apresentada, a qual inclui expressões como nádegas, cu, caralhos, cacete, as quais poderiam se enquadrar, no dizer de Moraes (2003), na concepção de língua técnica expulsa da decência.

Esse tipo de linguagem, segundo Flávio Pereira Camargo (2008), no artigo “O desejo homoerótico no conto ‘obs-ceno’, de Antonio de Pádua”, propaga “[...] imagens, gestos, posições e palavras consideradas como obscenas, que ferem o pudor e a moral da sociedade, ao expor uma representação explícita do sexo como pedra de toque” (p. 52). O ponto crucial é a questão da nomeação da coisa em si através de detalhes pormenorizados oriundos da utilização de uma linguagem técnica que nomeia e renomeia cada parte do corpo, incluindo as descrições anatômicas com expressões populares.

Em *Acenos e afagos*, Noll vale-se desse artifício, conforme se observa na continuidade da descrição da primeira transa entre os amigos:

A postos então, e com o auxílio de meu cuspe, entrei pelo orifício cobiçado por toda uma tripulação. Dessa vez o cara merecia um cacete brasileiro, que o entranhava sempre mais, a pedido dele próprio. [...] Gozei. E ele virou-se e curvou-se diante de mim, beijando o meu púbis inteiro. Lambia os restos do meu jorro leitoso, como quem agradece por uma dádiva do imperador fodão que eu acabara sendo. [...] O engenheiro sorvia as últimas gotas da minha genitália. [...] Nossa primeira trepada tinha sido literalmente a foder.

Segundo Moraes (2003), ao passo que esse tipo de linguagem “transgressora” desperta um desejo autêntico no leitor, também ganha autonomia, por meio da imaginação, proporcionando-lhe uma espécie de realidade independente, a qual, por vezes, suplanta o desejo provocado pelo objeto real. Assim, é possível afirmar que existe uma contravenção que se dá por meio da linguagem e uma linguagem da transgressão, em que os “excessos” são capazes de produzir efeitos obscenos no leitor e provocar nele um desejo latente, entretanto, cabe ressaltar que, em trechos como esse do primeiro encontro entre o engenheiro e João, o efeito obsceno se acentua em razão de ser uma relação homossexual narrada, intensificada por termos com cacete brasileiro, jorro, lambidas, imperador fodão e trepada, por exemplo.

Nesse sentido, “[...] Uma linguagem é considerada obscena quando há a presença de um vocabulário técnico utilizado para nomear aquilo que o pudor, a moral e os bons costumes excluíram do cotidiano” (CAMARGO, 2008, p. 54), tal como ocorre no seguinte trecho do romance em análise:

O corpo que comigo queria jogar tinha jeito de tranquilo, apenas me dizia às vezes ‘vem, vem’, e eu me perguntava para onde o raio desse cara quer que eu vá? Já não se contenta com o beijo, o bafo próximo, a masturbação de um no outro, o meu dedo a destroçar seu cu? (AEA, p. 58).

Com base nisso, mais uma vez, é perceptível a necessidade de se compreender de fato o que determina o efeito obsceno cunhado por Moraes (2003), pois implica o esclarecimento de que impacto provoca no receptor do texto. O que, para Sarane Alexandrian (1994), foi definido como “pudorosas carícias” ou “suavemente erótico”, pode ser interpretado por outras pessoas como algo pornográfico. Coloca-se, assim, o efeito obsceno como uma sensação relativa e sujeita à noção que cada pessoa, grupo ou povo tem concernente à determinada situação. Isso, por sua vez, corresponde à teoria foucaultiana dos dispositivos de sexualidade, sobretudo no que tangem às Linhas de Subjetivação que, segundo

Agamben (2009), enfatizam a arbitrariedade do poder e restringem toda sua sistematização às técnicas de dominação.

Moraes (2003), ao citar o ensaio de Lucienne Frappier-Mazur (1999), intitulado “Verdade e palavra obscena na pornografia francesa do século XVIII”, elucida que a autora, ao investigar as relações entre verdade e palavra na ficção erótica francesa, compreende os “nomes técnicos” como exageros de linguagem, porquanto, apenas evocam seus referentes, mas também agem como seus substitutivos. Dessa forma, ao passo que a linguagem da transgressão “[...] incita no leitor um desejo autêntico, ela ganha autonomia, tornando-se uma ‘realidade independente’ que muitas vezes supera, ou corrige, o desejo provocado pelo objeto real” (p. 130). Portanto, mesmo que se pudesse falar de outra forma, apenas a terminologia técnica seria capaz de atingir a genuína condição de fetiche. Assim, por se tratar de uma representação privilegiada da ação erótica, a palavra pornográfica acaba alterando seu papel subjetivo de signo e assumindo um corpo próprio, em substituição ao real.

Concernente ao efeito obsceno sobre uma pessoa que lê textos eróticos ou pornográficos, poder-se-ia questionar se esse efeito é marcado, em maior ou menor escala de intensidade, em indivíduos que se auto-categorizam dentro da concepção binarista da heterossexualidade compulsória em contraposição aos que passaram por um processo de desconstrução do conceito em destaque? Essa discussão acerca da questão distintiva entre sexo e gênero volta e meia vem à tona nos embates sociais, sobretudo quando envolvem matérias ético-religiosas.

4.2 *Personas e personagem-narradora: performatividade, desfalocentrismo, contrassexualidade*

Em meados do século XX, a distinção entre sexo e gênero apresentou-se diante de muitas discussões, o que conduziu a uma crise. Em meio a esse contexto, a teoria de Judith Butler (2001) destacou-se, sendo um dos pilares a questionar tal distinção, conforma se observa:

[...] se se impugna o caráter imutável do sexo, quiçá essa construção que chamamos 'sexo' esteja tão culturalmente constituída como o gênero; de fato, talvez, sempre foi gênero, com a consequência de que a distinção entre sexo e gênero não existe (p. 40).

A partir da teoria butleriana, entende-se que o sexo poderia não satisfazer às exigências de uma facticidade anatômica pré-discursiva, o que o torna, essencialmente, gênero. Com base nessa premissa, o gênero perde a condição de um conceito forjado apenas para delimitar o construto discursivo de um sexo predeterminado e passa a abarcar também todo o aparato produtivo do sexo mesmo, conforme salienta Butler (2001):

Como resultado, o gênero não está para a cultura como o sexo está para a natureza; O gênero é também o meio discursivo/cultural mediante o qual a 'natureza sexuada' ou 'um sexo natural' se produz e se estabelece como pré-discursivo, prévio a cultura, uma superfície politicamente neutral sobre a qual a cultura age (p. 40).

Para Butler (2001, p. 14-15), o gênero é uma espécie de expectativa que acaba "[...] produzindo o fenômeno mesmo que antecipa, ou seja, a performatividade funciona através de uma metalepse na qual a antecipação de uma essência dotada de gênero provoca o que coloca como exterior a si mesma". Assim, a ideia de "performatividade" é aqui apenas um ponto de partida. Isso possibilita perceber que existe uma inquietação referente à construção de uma matriz normativa de sexo/gênero, de onde se constituem os corpos sexuados. No entanto, esse conceito é agora tão somente o princípio da argumentação, já que, como descreve Butler (2002):

Essa matriz excludente mediante a qual se formam os sujeitos requer pois a produção simultânea de uma esfera de seres abjetos, daqueles que não são 'sujeitos', mas que formam o exterior constitutivo do campo dos sujeitos. O abjeto designa aqui precisamente aquelas zonas invisíveis, inabitáveis da vida social que, sem embargo, estão densamente povoadas por aqueles que não gozam da hierarquia dos sujeitos, porém cuja a condição de viver abaixo do signo de invisível é necessária para a circunscrever a esfera dos sujeitos. [...] Nesse sentido, pois, o sujeito se constitui através da força da exclusão e da abjeção, uma força que produz um exterior constitutivo do sujeito, um exterior abjeto que, depois de tudo, é interior ao sujeito como seu próprio repúdio fundacional (2002, p. 19-20).

Em *Acenos e afagos*, Noll (2008) possibilita o dismantelamento da lógica tanto identitária quanto espacial, ao estabelecer a personagem-narradora em uma experiência metafísica de pós-morte que, em realidade, questiona modelos binaristas pré-existentes na sociedade: por nome, João Imaculado; por identidade, mulher; por corpo, uma forma em trânsito do masculino ao feminino. Sendo assim, esse sujeito que narra suas experiências na trama marca justamente um ser performático que possibilita engendrar discussões de gênero, sobretudo por ocupar

esse lugar híbrido, estranho aos binarismos sociais e, ao mesmo tempo, em consequência disso, abjeto à sociedade,

Consciente acerca de tais questões, a personagem-narradora se vê dividida entre o que chama de mundo interior e o mundo exterior, o que é possível entender como, respectivamente, as suas identificações de gênero e os constructos sociais:

Entre o meu mundo de fora e o de dentro surgia aos poucos uma dolorosa rarefação. Precisava, no entanto, me manter nesse centro hoje diluído, indefinido, impreciso, misturado, para não me bandear definitivamente ou só para fora, ou só para o dentro. A expansão desordenada do dentro poderia virar metástase, criando o império da deformidade, da loucura pura e simples. Ia então me apegando a pequenas coisas do lado de fora para não me afogar em minhas próprias águas. Às vezes eu me aproximava dos elementos de fora tentando captar alguma nitidez. [...] Mas é certo que o mundo de fora não precisava de mim. Hoje quem sabe eu extraísse daqui de dentro certas ondas cerebrais para dividi-las com o sol, tentando assim formular outros mundos possíveis, com novos ritmos, prelúdios, novas sequências e ocorrências, novos desfechos e armadilhas (AEA, p. 169-170).

Aqui é possível notar que Noll (2008) se afasta de qualquer tipo de aproximação com o modelo essencialista e legitimador da questão identitária, fazendo também desse corpo performático híbrido um espaço de resistência, o qual tenta “formular outros mundos possíveis”, conforme se observa pelo fragmento citado. No pós-morte, inicia-se um percurso de transgeneridade, no qual Imaculado desenvolve em si um corpo e uma performatividade feminina, conforme Mayana Rocha Soares (2016): “A imagem da mulher com pau constrói uma narrativa de inversão das identidades sexuais e de gênero cristalizadas pelo regime heteronormativo” (p. 89).

Em correlação às performances de gênero que são discutidas, Imaculado rememora suas experiências sexuais e algumas das cenas que as contemplam são descritas a partir da violência e dos excrementos. Importa registrar que, por vezes, o pornográfico e o obsceno incorporam elementos cênicos de choque e/ou repulsa enquanto composição do desejo que se insere no campo da anormalidade, capaz de gerar exclusão social e até influenciar na constituição de novas experiências, tanto sexuais quanto de gênero:

Meu pau teria uma missão especial: comer a quem me queria como mulher. [...] Não era para isso que formaríamos um casal? Para prescindir dos demais, não? Ouvi os sons dele dentro do banheiro.

Escarrava, peidava mais, agora as fezes caíam com algum estardalhaço na água do vaso sanitário (AEA, p. 93).

Essa cena neobarroca se instala com a finalidade de atemorizar os elementos que constituem a narração e carregá-la de conotações sujas, visto que a personagem-narradora, ao lado da composição do desejo sexual (pau, missão, comer), insere elementos que, *a priori*, não comporiam esse cenário, como o escarro, as flatulências e as fezes (SOARES, 2016). Nesse caso, o uso de uma cênica escatológica conjuntamente ao desejo sexual expresso tanto possibilita uma quebra de paradigmas no campo do romântico quanto pode, para determinado grupo social conservador, estabelecer a tônica da obscenidade no texto, alinhando ideias de imoralidade, sujeira, abjeção, em matizes de uma exageração das cenas narradas.

Desta forma, é possível notar o emprego da subjetividade como uma espécie de máscara, no sentido de as personagens se revelarem enquanto *personas*, desvelando a superfície humana, sempre a exigir suplementação:

Foi só ali que me dei conta de que eu tinha passado do filme para mim mesmo naturalmente, como se entre o espetáculo e minha vida bruta não houvesse um hiato. Eu atravessara do cinema para os corredores do shopping sem notar qualquer fronteira entre os dois polos (AEA, p. 17).

O fragmento citado permite observar a precariedade das vidas de pessoas historicamente marginalizadas, que vão se contrapor aos discursos construídos em torno da verdade oficial, e à glamourização promovida, pela sociedade do espetáculo rasurando-os, complementando-os. De semelhante maneira, a personagem-narradora, em constante trânsito, mostrou-se uma *persona* transitiva e, assim, a exigir adições, como o sinal de + na sigla LGBTQI+, sempre aberto a novos acréscimos enquanto a linguagem não der conta das variadas identidades de gênero e orientações sexuais. As estratégias discursivas e performáticas que tais minorias utilizam no enfrentamento ao regime de controle das sexualidades dissidentes são analisadas quanto aos pontos alusivos dos papéis sexuais e do corpo como o *locus* da sujeição de proibições e subalternidade em relação aos costumes.

Com esse direcionamento, observa-se que o romance de Noll possibilita a reflexão sobre o tema da performatividade descrita por Butler (1997); uma espécie de anagnórise, como a personagem-narradora se dá conta do processo de transmutação em que se encontra:

la me constituindo em uma mulher no conteúdo de um homem. Aos poucos faria vingar a mulher até em minha superfície. Por enquanto não me constituía nem numa coisa nem noutra, eu deveria só dar conta das prendas domésticas e à noite fazer valer meu pau no ânus delicioso do engenheiro. O gemido que exalava, quando eu gozava no seu fundo escuro, valia toda uma vida. Comendo-o, eu participava de suas entranhas. [...] Chega um momento como agora, em que tanto faz estar aqui como lá, já que tudo é a mesma diluição (AEA, p. 108-109).

Assim, a performance encenada pela protagonista atende, de certo modo, a dois polos que dialogam: um é o corpo físico e o outro diz respeito às suas identificações com o feminino. Dessa forma, a personagem-narradora cuida da casa, prepara-se para o marido e, ao mesmo tempo, no sexo, exerce, por meio da penetração, o papel de sujeito ativo da relação, utilizando-se, neste momento, do corpo biológico masculino para a função que lhe fora destinada naquele momento sexual.

Conforme foi apresentado anteriormente, para a personagem principal, havia a expectativa de que, quando transasse com o seu amigo, o engenheiro exerceria o papel de ativo, seria aquele quem penetra, porém, ela se surpreende ao entender que, em realidade, o colega de infância era passivo e o fazendeiro é quem teria que assumir essa função de ser, na relação sexual, aquele quem é ativo, quem penetra. De outro modo, o fato de a personagem-narradora caminhar nesse processo transitório entre sentir-se mulher, mas ainda ter um pênis, bem como considerando as muitas performances masculinas narradas no romance, é preciso analisar em conjunto a perspectiva falocêntrica.

O falocentrismo pode ser visto, então, como uma espécie de indicador de valores e poderes, especialmente nas sociedades patriarcais, visto que, por meio dele, reforça-se o binarismo social, opondo as pessoas entre as que têm e as que não têm falo. A partir dessa concepção, o direito à fala também é dividido, cabendo ao homem, nessa interpretação, o lugar de fala. Conseqüentemente, a mulher nada mais é do que uma construção discursiva determinada pelo homem, geralmente sob uma perspectiva eurocêntrica, conforme afirmam Méiriti de Souza e Fabíola Langaro, com base na desconstrução derridiana:

[...] há um modo falogocêntrico de a sociedade ocidental representar o feminino tomando sempre como base o masculino, ou seja, pressupondo o falo como o centro e o ponto de referência a partir do qual ocorreria todo processo de subjetivação. Derrida destaca que o termo falocentrismo foi elaborado a partir de falocentrismo e

logocentrismo, para designar o primado concedido de um lado pela filosofia ocidental ao logos platônico, e, de outro, pela psicanálise à simbólica greco-freudiana do Falo, segundo a qual não existiria senão uma libido (ou energia sexual) e que esta seria de essência masculina (SOUZA; LANGARO, 2001, p. 575-576).

Desse modo, o binarismo segue a engrenagem de poder que é prevaemente nas sociedades ocidentais e corrobora com esse sistema por meio do discurso que impõe significados particulares às pessoas e aos objetos que constituem a realidade. Quando os pares de opostos são concebidos, lhes é conferido um propósito característico, no sentido de aferir-lhes hierarquia e poder, ou seja, a ideia de masculino determina o feminino como seu inverso, em que aquele está relacionado ao racional, culto e completo, enquanto este circunscreve-se ao incompleto (SOUZA; LANGARO, 2011).

Esse binarismo entre o masculino e o feminino construiu-se, primordialmente, a partir de uma concepção normatizadora do comportamento social, em cujo discurso há o protagonismo do falo ou, em outras palavras, há uma norma falocêntrica. No campo psicológico, o falocentrismo ganhou destaque na teoria freudiana, em virtude de que, para Freud (1924), o falo representa uma importância maior na relação sexual, além de marcar a diferença tanto no sexo quanto no comportamento entre homens e mulheres, ordenando as diferenças entre eles. A concepção falocêntrica freudiana é tributária do androcentrismo, uma vez que coloca o homem em uma situação hierarquicamente superior à mulher. Nesse sentido, o homem é o padrão a ser seguido e a mulher é considerada como sendo o desvio desse padrão.

Em *Acenos e afagos*, Noll inverte, de certo modo, essa concepção, pois apresenta a transgerenidade como elemento de constituição do romance: João Imaculado, representante de um falo, aproxima-se do feminino desejando ser mulher e descobre uma nova realidade. Nessa, as fronteiras binárias não mais são rígidas, conduzindo a personagem ao desconhecido, conforme se observa pela descrição a seguir:

Nesse minuto me encontrava ali, guloso de novo, chupando o pau do segurança, enquanto ele tocava uma siririca naquilo que se formava E eu nem sabia que nome dar a esse novo sexo, ao sul dos meus domínios. Começava a conhecer meu novo regime de tesão e a euforia ingrata de só agora fazer parte do hemisfério feminino (AEA, p. 194-195).

Observa-se que há na personagem-narradora certo desconhecimento quanto ao processo metamórfico em trânsito, visto que ele fala em “novo sexo, ao sul dos seus domínios”, o que pode ser lido, inclusive, como uma redescoberta, uma nova forma de se apropriar do seu ânus, numa ótica agora feminina, tanto que usa o termo “siririca”, que é relacionado à masturbação feminina. Esse processo de transgerenidade possibilita também uma espécie de contravenção do falocentrismo, proporcionando importante deslocamento: em vez de a atenção voltar-se ao par opositivo pênis *versus* vagina, há uma centralidade no ânus – elemento comum aos dois sexos e, ao mesmo tempo, instrumento de desejo e símbolo do erótico, visto que o sexo anal pode ocorrer tanto em relações hetero quanto homossexuais. Há que se observar também que, quanto ao sexo anal, nas relações heterossexuais, ainda é, de certa forma, uma espécie de tabu, que desperta desejo, curiosidade, interesse e que, de outro modo, é prática comum entre homossexuais.

Ainda assim, contudo, a prática do sexo anal estaria marcada, em ambos os casos, pelo falocentrismo, visto que o poder da relação supostamente estaria naquele que exerce o papel de ativo e não o de passivo. Retoma-se, nesse sentido, a narrativa nolliana, no sentido de lembrar o incômodo da narradora quando, em seu primeiro encontro sexual com o engenheiro, ela teve de exercer o papel ativo, ao passo que sempre se imaginara como sendo passiva, na condição de mulher. Em um jogo de papéis, o autor subverte expectativas e comportamentos, colocando a protagonista na performance da “mulher que comeria o seu macho”, deslocando noções de hierarquias, ordenamentos sociais e, sobretudo, brincando com o imaginário socioerótico de seus leitores.

Acenos e Afagos parece fugir dessa tendência da heterossexualidade compulsória de colocar o falo como centro do discurso sobre a sexualidade e dá mais ênfase à questão anal, como sendo o ânus órgão de fato pleno em relação ao prazer sexual. Nisso, parece concordar com a teoria butleriana da contrassexualidade que, segundo Beatriz Preciado (2014):

não é a criação de uma nova natureza, pelo contrário, é mais o fim da Natureza como ordem que legitima a sujeição de certos corpos a outros. A contrassexualidade é, em primeiro lugar: uma análise crítica da diferença de gênero e de sexo, produto do contrato social heterocentrado cujas performatividades normativas foram inscritas nos corpos como verdades biológicas (Judith Butler, 2001). Em segundo lugar: a contrassexualidade aponta para a substituição desse contrato social que denominamos Natureza por um contrato

contrassexual. No âmbito do contrato contrassexual os corpos se reconhecem a si mesmos não como homens ou mulheres, e sim como corpos falantes, e reconhecem os outros corpos como falantes. Reconhecem em si mesmos a possibilidade de aceder a todas as práticas significantes, assim como a todas as posições de enunciação, enquanto sujeitos, que a história determinou como masculinas, femininas ou perversas. Por conseguinte, renunciam não só a uma identidade sexual fechada e determinada naturalmente, como também aos benefícios que poderiam obter de uma naturalização dos efeitos sociais, econômicos e jurídicos de suas práticas significantes (p. 27).

Dessa forma, em *Acenos e Afagos* (Noll, 2008), logo no início da trama, é possível perceber determinado deslocamento quanto a essa questão que, no presente estudo, optou-se por nomear como “desfalocentrismo”, ou seja, tirar o pênis, e por conseguinte o “gênero masculino”, do centro de análise, e dar mais atenção ao “cu” que, no enredo, acaba por se tornar um órgão ambivalente, objeto intercomplementar do desejo para ambos os sexos e comum a todos os gêneros. Aqui, percebe-se mais uma vez o quanto o efeito obsceno se evidencia; pois, enquanto para uns o “cu” é “lido” como algo erótico, pornográfico, para outros, é muito comum, não gera tanta fertilidade de imaginação ou mesmo expectativas envoltas por quebra de regras e convenções; e há, ainda, enquanto resultado de um comportamento machista e patriarcal, aqueles que o consideram como um tabu, intocável, relacionado apenas às necessidades fisiológicas de excrementos.

Contudo, alguns entendem que o ânus carrega em si todo um simbolismo erógeno e pode proporcionar uma específica carga de excitação. Moraes (2003), por sua vez, identifica não a obscenidade do texto em si, mas o efeito, ou seja, a impressão, sensação ou mesmo a emoção que tais palavras podem despertar em determinado contexto. Para Preciado (2014), a erotização no ânus, bem como as práticas sadomasoquistas e o dildo, têm o poder de produzir uma reapropriação de certas tecnologias de repressão que são reconstituídas, mas não de uma forma heteronormativa – e aqui registra-se que o “cu” faz parte do imaginário central de *Acenos e afagos* desde a infância de João Imaculado, sobretudo quando relembra o já referido episódio do garoto com o seu amigo no consultório do dentista. Para a autora, o ânus tem um lugar especial qual uma espécie de manifesto: “os trabalhadores do ânus são os novos proletários de uma possível revolução contrassexual” (p. 32).

Assim, o ânus possui três particularidades que o tornam contrassexualmente empoderado, a saber:

Um: o ânus é o centro erógeno universal situado além dos limites anatômicos impostos pela diferença sexual, onde os papéis e os registros aparecem como universalmente reversíveis (quem não tem um ânus?). Dois: o ânus é uma zona primordial de passividade, um centro produtor de excitação e de prazer que não figura na lista de pontos prescritos como orgásticos. Três: o ânus constitui um espaço de trabalho tecnológico; é uma fábrica de reelaboração do corpo contrassexual pós-humano. O trabalho do ânus não é destinado à reprodução nem está baseado numa relação romântica. Ele gera benefícios que não podem ser medidos dentro de uma economia heterocentrada. Pelo ânus, o sistema tradicional da representação sexo/gênero vai à merda (PRECIADO, 2014, p. 32).

O potencial da analidade ocasiona o entendimento da premência de uma epistemologia que transcorra a superfície da pele, percorra todas as entranhas e que e que o objetivo principal seja o ânus; pois é desse lugar ainda lúgubre que nascem as políticas anais e uma “ética anal”, assim pode-se dizer. Essa ética anal ou “analética”, ou ainda, ética da passividade, trata-se da valorização da posição passiva. Em contrapartida, Javier Sáez e Sejo Carrascosa, em *Por el culo* (2012), asseveram que em vários países o sexo anal pode ocasionar a morte e em dezenas de outras nações, essa prática pode custar a privação de liberdade. Portanto, existe um dispositivo que determina sobre a vida e a morte de indivíduos; isso tudo é regulado por causa da aversão à passividade e a tudo que, historicamente, a ela está ligada. Por conta disso, Sáez e Carrascosa (2012), tal como Preciado (2014), defendem o “orgulho passivo”: empoderar-se.

Nesse sentido, retomando a análise dos estudos foucaultianos, é possível estabelecer um correlativo e dizer que o desfalocentrismo é uma postura que alude à transição da genealogia do poder para a da subjetividade, na proporção em que empodera sujeitos historicamente marginalizados, impulsionando-os à afirmação de sua subjetividade, dos seus desejos, inclusive os sexuais. A literatura pode ser utilizada como um meio de expressão desses desejos, naturalizando aquilo que, para muitos, já é completamente natural, sem que identidades e performances precisem se ater a determinados binarismos, tal como observa-se no texto de Noll: “[...] Uma parte de mim gostava de ser vista como mulher, de ganhar olhares de desejo que só um homem pode empreender diante de uma fêmea. Mas muito do meu desejo gostava mesmo era de ser cobiçado por outro macho” (AEA, p. 105).

Assim, ao se ter como objeto de estudo *Acenos e afagos*, foi possível perceber que essa afirmação de uma subjetividade livre, no romance em análise dá-

se primordialmente pelo auxílio do erótico, por meio do uso obsceno da palavra, como forma de, esteticamente, trazer à cena o que está fora dela, a sexualidade. Isso é perceptível, sobretudo, quando se analisa o uso amoral do corpo e das formas conscientes ou inconscientes, de âmbito concreto ou abstrato, considerando-se a liberdade individual que cada pessoa tem de existir; mesmo que tal existência seja, se alguma forma, antagônica ao que determinadas instâncias de poder postulem como forma admissível.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo teve como tema “Sexualidade, efeito obsceno, diversidade sexual e de gênero”, o que possibilitou delinear a seguinte problematização: evidenciar o interesse em reconhecer e compreender o que de fato pode ser considerado obscenidade, sobretudo em relação à incidência do efeito obsceno enquanto marca potencialmente distintiva de percepção crítica por parte de quem lê a trama exposta no referido romance. Nesse sentido, objetivou-se, de forma geral, analisar, a partir da teoria de Michel Foucault (1988), a transição da genealogia do poder repressivo à genealogia da subjetividade, tendo como foco os dispositivos de sexualidade, observáveis em *Acenos e afagos*, e a linguagem que pode ser considerada obscena, com base na teoria do “efeito obsceno”, de Eliane Robert de Moraes (1984).

Após o desenvolvimento desta dissertação, é possível observar que todo o percurso transcorrido até aqui demonstra que o conceito de uma subjetividade livre presente no romance *Acenos e afagos*, de João Gilberto Noll (2008), está apoiado no erotismo e no efeito obsceno/pornográfico da palavra, que, por sua vez, traz à cena aquilo que não estava posto, ou seja, a sexualidade. Isso é perceptível ao longo do texto, sobretudo pela estética implícita na forma em que a personagem-narradora descreve cada experiência vivenciada. Conforme analisado anteriormente, o enredo é sempre narrado na primeira pessoa, cujo protagonista¹⁰, que também é o narrador, demonstra uma clara postura de amoralidade em relação à forma como o corpo pode ser usado frente aos acontecimentos cotidianos. Isso implica em um nível de liberdade diferenciado, quando comparado ao modo majoritariamente usual expectado por uma parte da sociedade. Assim, o romance aqui analisado pôde cancelar a importância de se respeitar a liberdade individual de cada ser.

No capítulo “Poder e sexualidade entre afagos e acenos”, discutiu-se, à luz da reflexão foucaultiana, a relação negativa, A instância da regra e o ciclo da interdição presentes em *Acenos e afagos*. A obstinada busca por sexo é evidente na obra literária referida; desde as reveladoras peripécias que ocorreram na infância da

¹⁰ Registra-se que, ao longo da trama, o narrador enfrenta um processo de metamorfose, deixando de apresentar-se no masculino e assumindo uma identidade feminina.

personagem-narradora até a sua morte e ressurreição. Assim, esta dissertação buscou compreender a correlação entre a prática moral condenatória da subjetividade e a prática de ações, dissimuladas ou não, que possibilitam o ser humano ser feliz. Isso pôde ser notado a partir do momento em que a protagonista, apesar de viver num contexto muito repressor ao logo de sua vida, não se furtava a experimentar aquilo que desejava. Atrelado a isso, também foram estudados, com base em Foucault (1988), os cinco principais traços dessa representação jurídico-discursiva do poder sobre o sexo, a saber, além dos já mencionados anteriormente: a lógica da censura e a unidade do dispositivo.

Também foi analisado no referido *corpus*, a censura e a proliferação discursiva acerca do sexo nas confissões e na transformação da personagem-narradora. Observou-se que, embora entre os séculos XVII e XIX tenham sido demarcados tabus em relação ao sexo, a prática discursiva e suas múltiplas formas de interdição não foram capazes de impedir o interesse sobre esse tema, tão pouco dissolveram o desejo de ler ou escrever a respeito desse assunto. Notou-se, então, que a repressão, além de causar sofrimentos individuais, sobretudo através da confissão de “culpa” e dos castigos individuais ou coletivos, despertou atenção e propiciou a exposição do sexo. Esse capítulo igualmente se ocupou de fazer uma relação entre o discurso religioso impregnado socialmente no (in)consciente popular como forma de tentar controlar e incutir a concepção de certo e errado, sagrado e profano, no sentido de buscar obter um controle sobre as questões pertinentes ao sexo, sobretudo por meio do discurso.

No capítulo “Dispositivo, sexualidade, (in)submissões”, foi feita uma exposição sobre o que é um dispositivo e suas dimensões, à luz de Foucault (1988), Agamben (2009) e Deleuze (1996), no sentido de que considerar a sexualidade como um dispositivo é entendê-la como um conjunto de efeitos gerados no corpo, nas atitudes e nas relações sociais enquanto consequência de determinados saberes e práticas de poder. Isso possibilitou a compreensão de que os dispositivos apresentam como se constitui o mundo, bem como a forma com que eles se deslocam e se atualizam consoante as suas redes de poder e seus padrões de visibilidade. Nesse sentido, a narrativa em estudo foi de fundamental importância para aportar toda essa fundamentação teórica, inclusive empreender uma análise das práticas que incitam os indivíduos a perceberem-se enquanto sujeitos de desejo e descobrirem a própria verdade.

Essa particularidade do texto de Noll (2008) incide no confronto com o que é postulado por determinadas instâncias de poder, que tendem a binarizar as formas de experimentar a sexualidade, no sentido de impor as que podem ser consideradas aceitáveis. Esse “padrão” social, controlado por dispositivos de poder, é minado ao longo da narrativa em estudo, através da explicitação do cotidiano de uma pessoa que lida com o seu corpo de maneira livre e não está presa pelo ciclo da interdição que, historicamente, tem se encarregado de reduzir a alma humana à limitação da própria existência. Tais identidades, na lógica foucaultiana, funcionam como uma estratégia de resistência.

Por fim, no capítulo “Afagos, acenos, (obs)cenos”, tendo como base a teoria de Eliane Robert de Moraes (2003) sobre efeito obsceno, foi possível compreender que, concernente à representação privilegiada do erotismo, a palavra obscena subverte sua subjetiva função de signo para assumir um corpo próprio. É precisamente essa corporificação do obsceno que foi um dos objetos de estudo no romance em análise, considerando a trajetória vivida por João Imaculado, sobretudo no que concerne à transgeneridade, relativa à transformação para o corpo feminino. Assim, em relação à literatura, a questão da nomeação é o principal fator quando se trata da atual compreensão do que é obsceno, ou seja, a nomeação das partes íntimas e das posições sexuais, pelo uso da “linguagem técnica”, incluindo as descrições anatômicas com expressões populares, determina o efeito obsceno que será produzido no leitor.

Esse tipo de elocução “transgressora” possibilita ao leitor a sensação, o efeito de um desejo real, através da imaginação, propiciando-lhe um tipo de realidade independente, que, muitas vezes, supera o desejo gerado pelo objeto real. É importante destacar essa perspectiva não apenas porque é um recurso estético utilizado na literatura, mas, sobretudo, porque a nomeação desse desejo dá vazão e voz a múltiplas performances de gênero e identidades fluídas, as quais não estão obrigatoriamente enquadradas nos binarismos sociais e comportamentais. Importa lembrar que João Imaculado, protagonista de *Acenos e afagos*, tanto apresenta performances que se aproximam do masculino quanto do feminino, nomeando também o desejo homossexual, a partir do qual Noll (2008) traz o descentramento do par binário pênis *versus* vagina, direcionando o olhar dos leitores ao ânus – enquanto terceira via e elemento comum aos dois sexos.

Ao leitor mais desavisado ou não afeito às narrativas nollianas, o romance aqui estudado pode, a princípio, causar certo estranhamento, sobretudo no que diz respeito às cenas narradas e à linguagem utilizada, as quais podem ser, para muitos, consideradas como obscenas, conforme dito anteriormente. Ao literalizar termos que compõem uma semântica corporal e sexual, Noll (2008) também inscreve seu romance num panorama erótico, obsceno, enquanto estratégia de reinvenção da própria escrita literária, concernente, nessa perspectiva, a determinado público que fora outrora esquecido ou marginalizado na clássica literatura brasileira. Retoma-se, assim, não apenas o texto esteticamente prazeroso pelo uso do obsceno, mas também pela releitura do uso do efeito obsceno, enquanto estratégia para a criação de espaços plurais de identidades descentralizadas, híbridas e despudoradas da moral cristã, mas assentes em seus livres desejos – sendo esta, quem sabe, uma possibilidade de novos estudos a serem desenvolvidos futuramente.

Nesse sentido, destaca-se ainda que, se por um lado o universo de *Acenos e afagos* é composto por situações que cerceiam as subjetividades individuais, que normatizam condutas sob a discursividade de critérios moralizantes e patriarcais, numa ótica heteronormatizadora e binária; por outro, a obra literária é marcada pela resistência, pela tentativa de afirmar identidades dissidentes – inclusive as que estão em trânsito. É justamente por essa liberdade de formas em retratar corpos plurais e desejos diversos, que os censores de plantão acenam com seus julgamentos moralizantes, numa tentativa não apenas de silenciar as vozes que emergem, mas, sobretudo, de apagá-las da sociedade. No caso específico de João Imaculado, a passagem da morte e ressurreição da personagem é simbólica, visto que, somente após a morte, ele consegue vivenciar de modo livre a sua identidade feminina. Entretanto, se essa morte pode, em entrelinhas, indicar uma denúncia do autor, no sentido de que João precisou morrer para vivenciar livremente sua subjetividade, a morte associada à ressurreição pode simbolizar também o indicativo da reinvenção, na perspectiva de que os sujeitos podem se reinventar, em consonâncias às suas identidades e desejos, para vivenciarem aquilo que desejam experimentar.

Dessa forma, destaca-se, por fim, que Noll (2008) também apresenta, por meio das suas personagens, sobretudo da protagonista, o uso da performance de gênero enquanto resistência, ou seja, uma forma de se manifestar em relação à sexualidade que suplante os tipos de performances normativamente estabelecidas,

as quais se fixaram no inconsciente da sociedade por serem reiteradamente demonstradas e multiplicadas. Nesse sentido, destaca-se que a expressão literária dessas sexualidades dissidentes constitui-se como modo de resistência oriundo da transição de uma genealogia do poder à genealogia da subjetividade, na qual são traçadas cartografias de desejos sexuais e de liberdades secularmente invisibilizados, escondidos em ruas escuras e saunas, mas que ora emergem tal qual submarinos coloridos, a compor um painel múltiplo de resistências, identidades plurais e performances. Dos submarinos que não são apenas amarelos, emergem palavras coloridas que questionam poderes, hierarquias, heteronormatividades e a lógica binária para, primordialmente, inscrever na literatura e na vida novas personagens, novos sujeitos e sujeitas e suas liberdades, como a acenar a toda forma de (re)existir e de amar, afagando, assim, às pessoas que, durante tanto tempo, tiveram seus desejos invisibilizados, sendo-lhe negado o direito à liberdade e **à vida mesma.**

REFERÊNCIAS

- AGAMBEN, Giorgio. O que é dispositivo. In: AGAMBEN, Giorgio. **O que é o contemporâneo? E outros ensaios**. Chapecó: Argos, 2009.
- ALEXANDRIAN, Sarane. **História da literatura erótica**. 2. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.
- ARAUJO, Rubenilson Pereira de. A força do desejo homoerótico interseccionado com questões de raça em Bom Crioulo, de Adolfo Caminha. In: MITIDIÉRI, André Luis; CAMARGO, Flávio Pereira. (Org.). **Literatura, homoerotismo e expressões homoculturais**. Ilhéus/BA: Editus, 2015, v. 1, p. 241-265.
- BATAILLE, Georges. **O Erotismo**. Trad. Antônio Carlos Viana. Porto Alegre: L&PM, 1987.
- BAUDRILLARD, Jean. **As estratégias fatais**. Rio de Janeiro: Rocco, 1996.
- BERT, Jean-François. **Pensar com Michel Foucault**. Trad. de Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola, 2013.
- BUTLER, Judith. **Cuerpos que importan**. Sobre los límites materiales y discursivos del “sexo”. Buenos Aires: Paidós. 2002.
- BUTLER, Judith. **El género em disputa**. México: Paidós. 2001.
- BUTLER, Judith. **Excitable speech: a politic of the performative**. New York; London: Routledge, 1997.
- CAMARGO, Fábio Figueiredo. **A transfiguração narrativa em João Gilberto Noll: A céu aberto, Berkeley em Bellagio e Lorde**. 157 f. Tese (Doutorado em Literaturas de Língua Portuguesa) – Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais - PUC. Minas, 2007.
- CAMARGO, Flávio Pereira. O desejo homoerótico no conto “Obs-ceno”, de Antonio de Pádua. **fólio - Revista de Letras**, [S.l.], v. 9, n. 1, mar. 2018. ISSN 2176-4182. Disponível em: <http://periodicos2.uesb.br/index.php/folio/article/view/3244>. Acesso em: 02 jan. 2019.
- CHAUÍ, Marilena. **Repressão sexual: essa nossa (des)conhecida**. 7. ed. São Paulo: Brasiliense, 1984.
- COCCHIARA, G. **Il mondo alla rovescia**. Torino: Boringhieri, 1981.
- COSTA, Jaine da Guia. **A igreja católica e o processo de moralização dos negros escravizados no Brasil do século XVII**. 52 f. Monografia (Especialização em História Cultural) – Universidade Estadual da Paraíba - UEPB. Paraíba, 2011.
- DELEUZE, Gilles. **O Mistério de Ariana**. Lisboa: Passagens, 1996.

ENCICLOPÉDIA ITALIANA. Instituto Della Enciclopédia Italiana, Fondata da Giovanni Treccani, 1949. Disponível em: <http://www.treccani.it/vocabolario/ricerca/osцена/>. Acesso em: 03 dez. 2017.

FERREIRA, Daniel Wanderson. **As matrizes discursivas do pensamento de Sade**. Rio de Janeiro: Editora da PUC – Rio, 2010.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade: a vontade de saber**. 13. ed. Trad. Maria Thereza Costa Albuquerque, José Augusto Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

FOUCAULT, Michel. **Raymond Roussel**. Tradução de Manuel B. da Motta e Vera Lúcia A. Ribeiro. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1999.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Graal, 1998.

FOUCAULT, Michel. **A Arqueologia do Saber**. 7ª ed. Trad. de Luiz Felipe Baeta Neves. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 2008.

FOUCAULT, Michel. O sujeito e o poder. In: RABINOW, Paul; DREYFUS, Hubert. **Uma trajetória filosófica – para além do estruturalismo e da hermenêutica**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995. p. 231-249.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade 2: O uso dos prazeres**. Rio de Janeiro: Graal, 1984.

FREUD, Sigmund. **A Dissolução do Complexo de Édipo**. In: FREUD, S. Edição standard brasileira das obras psicológicas completas. Trad. de Jayme Salomão. 1924.

HUNT, Lynn. **A invenção da pornografia: obscenidade e as origens da modernidade**. São Paulo: 1999.

JIMENEZ, Michele de Oliveira. **Ressurreição e Acenos e afagos: um estudo das masculinidades em Félix e João Imaculado**. 93 f. Dissertação (Mestrado em Letras: Linguagem e Sociedade) – Universidade Estadual do Oeste do Paraná - UNIOESTE. Paraná, 2011.

LAWRENCE, David Herbert. **O livro luminoso da vida**. Belo Horizonte: Crisália, 2010.

MACHADO, Roberto. **Impressões de Michel Foucault**. São Paulo: N1 Edições, 2007.

MAIER, Corinne. **Lo obsceno: La muerte en acción**. Buenos Aires: Nueva visión, 2005.

MAINGUENEAU, Dominique. **O discurso pornográfico**. São Paulo: Editora Parábola, 2010.

MILLER, Henry Valentine. **L'Obscénité et la foi de réflexion**. Paris: Pierre Seghers, 1949.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento, pesquisa qualitativa em saúde**. (2a ed.). Editora Hucitec, São Paulo, 2002.

MORAES, Eliane Robert de; LAPEIZ, Sandra Maria. **O que é pornografia**. São Paulo, Brasiliense, 1984.

MORAES, Eliane Robert de. O efeito obsceno. **Cadernos Pagu**, Campinas, n. 20, p. 121-130, 2003.

NOLL, João Gilberto. **Acenos e afagos**. Rio de Janeiro: Record. 2008.

NOLL, João Gilberto. **Entrevista a Entrelinhas**. Dez./2009. Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=qg0iYD8holg&feature=related>>. Acesso em 11 de dez de 2018.

PRECIADO, Beatriz. **Manifesto Contrassexual**. Políticas subversivas de identidade sexual. São Paulo: n-1 edições, 2014.

RABINOW, Paul; DREYFUS, Hubert. **Uma trajetória filosófica – para além do estruturalismo e da hermenêutica**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995. p. 231-249.

ROCHA, Carlos Alexandre da Silva. **Obsceno, paródia e grotesco em *Bufólicas de Hilda Hilst***. 127 f. Dissertação (Mestrado em Letras: Estudos Literários) – Universidade Federal do Espírito Santo. Espírito Santo, 2014.

SÁEZ, Javier; CARRASCOSA, Sejo. **Por el culo: políticas anales**. Madrid: Editorial Egales, 2012.

SILVA, Alessandra Maria. **Literatura, erotismo e pornografia em *O caderno rosa de Lori Lamby de Hilda Hilst***. 109 f. Dissertação (Mestrado em Letras: Literatura e Crítica Literária) – Pontifícia Universidade Católica de Goiás - PUC. Goiás, 2017.

SILVA, Sandro Adriano da. **Acenos e Afagos, o romance Queer de João Gilberto Noll**. 118 f. Dissertação (Mestrado em Letras: Estudos Literários) – Universidade Estadual de Maringá – UEM. Paraná, 2010.

SOARES, Mayana Rocha. **Feitiçarias, terrorismos e vagabundagens: a escrita queer de João Gilberto Noll**. 2016. Dissertação (Mestrado em Estudos de Linguagens). Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagens, Universidade Estadual da Bahia – UNEB, Salvador, 2016.

SOUZA, Mériti de; LANGARO, Fabíola. Desconstruir para problematizar matrizes identitárias. **Psicologia e Ciência**, Brasília, v. 31, n. 3, p. 568-581, 2011. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98932011000300010&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 02 set. 2017.

VIAN, Boris. Utilidad de una literatura erótica. In: VIAN, Boris. **Escritos pornográficos**. Tradução de Sofía Tros de Ilarduya. Madrid: Rey Lear, 2008. p. 12-32. Disponível em: <https://pt.scribd.com/document/99540136/Vian-Boris-Escritos-Pornograficos#download>. Acesso em: 12 dez. 2018.